

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LARISSA DIAS MARQUES

TURISMO E ESPAÇO URBANO: A PERCEPÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE  
CURITIBA (PR) E A EXPERIÊNCIA DE CAMINHADA A PARTIR DO PROJETO  
CURITIBA *FREE WALKING TOUR*

CURITIBA

2018

LARISSA DIAS MARQUES

TURISMO E ESPAÇO URBANO: A PERCEPÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE  
CURITIBA (PR), E A EXPERIÊNCIA DE CAMINHADA A PARTIR DO PROJETO  
*CURITIBA FREE WALKING TOUR*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Leticia Bartoszeck Nitsche

CURITIBA  
2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE  
BIBLIOTECAS/UFPR-BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS  
TANIA DE BARROS BAGGIO, CRB 9/760  
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

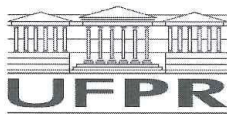
Marques, Larissa Dias

Turismo e espaço urbano : a percepção do centro histórico de Curitiba (PR),  
e a experiência de caminhada a partir do projeto Curitiba Free Walking Tour /  
Larissa Dias Marques. – Curitiba, 2018.  
210f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de  
Educação, Programa de Pós-Graduação em Turismo  
Orientador: Profª Drª Leticia Bartoszeck Nitsche  
Inclui referências e apêndices

1. Turismo – Curitiba (PR). 2. Espaço urbano – Curitiba (PR). 3. Curitiba –  
Centro histórico. I. Universidade Federal do Paraná. II. Título.

CDD 338.4791



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em TURISMO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LARISSA DIAS MARQUES** intitulada: **Turismo e Espaço Urbano: A Percepção do Centro Histórico de Curitiba (PR) e a Experiência de Caminhada a partir do Projeto Curitiba Free Walking Tour**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 07 de Maio de 2018.

  
LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHÉ

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

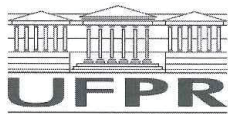
  
MÁRIA GORETTI DA COSTA TAVARES

Avaliador Externo (UFPR)

  
MARCELO CHEMIN

Avaliador Interno (UFPR)





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO

ATA Nº06.18

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE Mestrado PARA A OBTENÇÃO DO  
GRAU DE MESTRE EM TURISMO**

No dia sete de maio de dois mil e dezoito às 14:00 horas, na sala EP3, Ed. D. Pedro II, Campus Reitoria UFPR, foram instalados os trabalhos de arguição da mestranda **LARISSA DIAS MARQUES** para a Defesa Pública de sua dissertação intitulada **Turismo e Espaço Urbano: A Percepção do Centro Histórico de Curitiba (PR) e a Experiência de Caminhada a partir do Projeto Curitiba Free Walking Tour**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em TURISMO da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE (UFPR), MARIA GORETTI DA COSTA TAVARES (UFPR), MARCELO CHEMIN (UFPR). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, reuniu-se e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela APROVAÇÃO da aluna. A mestranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Curitiba, 07 de Maio de 2018.

LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

MARIA GORETTI DA COSTA TAVARES

Avaliador Externo (UFPR)

MARCELO CHEMIN

Avaliador Interno (UFPR)

*À minha família, pelo apoio de sempre.  
Sem vocês, eu não chegaria até aqui!*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, aos guias espirituais e anjo da guarda, pela vida e proteção de sempre!

Aos meus pais, Luci e Claudio, por me darem a oportunidade de crescer e evoluir, por estarem sempre presentes em todos os momentos da minha vida, e por sempre nos incentivarem (a mim e a minha irmã) a seguir em frente, apoiando nossas escolhas, nos amparando e aconselhando com amor incondicional. À minha irmã, Thaisa, por me aguentar nos últimos meses, em que o estresse foi mais constante; muito obrigada por também me ajudar a melhorar e a não desistir. Vocês foram (e são) super importantes nessa caminhada. Amo vocês!

À minha orientadora, Leticia Bartoszeck Nitsche, que não me deixou desanimar e esteve sempre disponível para esclarecer minhas dúvidas, dar apoio, incentivar, lembrar-me da minha capacidade e por alimentar meu gosto pelo patrimônio e suas vertentes. Muito obrigada por me ensinar e me guiar desde a Graduação, e por ser um exemplo de pessoa e de profissional para mim.

À minha avó Djair e meus avós Narciso, Júlia e Alvino (*in memoriam*) por todos os ensinamentos e incentivos ao estudo; por sempre se preocuparem com o meu desenvolvimento e comemorarem minhas conquistas. Saudades! Aproveito para agradecer, em conjunto, a todos os familiares que de alguma forma me ajudaram nesse processo.

Aos amigos da Graduação, Camila C., Camila R., Franciele, Wendy, Clara, Mariane, Raissa, Vinicius, Caroline, Alcimara, pelos momentos de descontração e risadas, pelas conversas, conselhos, encontros; por tornarem meus dias mais leves e felizes. Agradeço em especial a Sandra Corbari, amiga que praticamente me co-orientou neste trabalho, me dando dicas e conselhos pertinentes, e que me enche de orgulho por trilhar os caminhos acadêmicos e se tornar uma inspiração para muitas pessoas.

Aos amigos queridos do Mestrado, Ana P. F. (e Alan!), Tayene G. C. (e Irineu!), Shaiana L., por estarem sempre ao meu lado, pelas risadas sem fim, pelas viagens, pelos eventos, desabafos, pelas parcerias e por deixarem o Mestrado mais divertido.

Conhecer vocês foi uma baita sorte, fico muito feliz em saber que os amigos são para sempre! Amo vocês! E vamos lá Shai, estamos com você! Agradeço em especial à amiga Ana Paula Perardt Farias, pela amizade, parcerias em trabalhos, artigos, iniciação à docência, em gostar de patrimônio e cultura, lutar pela educação e ser do interior; obrigada pelos cafés, conselhos e cuidados.

Aos demais colegas do Mestrado, meu muito obrigada por também fazerem parte do processo, pela companhia nas aulas, pelas ajudas e parcerias nos trabalhos e por acreditarem no poder do conhecimento! Ao Rodrigo G., pelas conversas, cafés e mineirices! Aos demais alunos, continuem acreditando em suas pesquisas, seus potenciais e na educação; que por meio dela possamos fazer a diferença!

Às amigas que conheci no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, durante a realização de uma disciplina isolada (obrigada Professor Marcos pelas reflexões, discussões e ensinamentos), pela acolhida, companhia e pelo compartilhamento de ideias, materiais e ensinamentos.

Aos amigos que fiz na disciplina de Patrimônio e Turismo, no Programa de Pós-Graduação da Geografia, como ouvinte, pelas contribuições e sugestões dadas ao trabalho, pelo apoio e pelas discussões sobre patrimônio, arquitetura e geografia, que muito enriqueceram meu conhecimento.

À Ana C. B. P., pelo apoio de sempre e pelos encontros reconfortantes desde o começo, força aí também amiga!

À Regina T., por sempre me acolher com tanto carinho e entender a minha ausência nos últimos meses.

Ao Renan V. T., pelo apoio intenso nessa reta final, pela torcida, carinho e incentivo.

Ao Guilherme F. L. de M., pelas motivações, preocupação e apoio nessa caminhada.

Aos amigos do café, muito obrigada por sempre alegrarem o dia!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Turismo e aos que me acompanham desde a Graduação, pelo ensino, paciência e incentivo! Muito obrigada em especial Bruno Gomes, Luciane Neri, Miguel Bahl, Margarete Teles.

Aos funcionários do Departamento de Turismo (Secretarias de Mestrado e Graduação), por toda a ajuda prestada. À Angela, por sempre tirar nossas dúvidas e nos acompanhar nessa caminhada. À Carla, pelas agradáveis conversas (por sempre me ouvir!), pelo apoio e incentivo durante todo o processo. À Giselle e ao Osmar, pelos empréstimos da chave da “salinha” e por toda a ajuda também!

Aos Membros da Banca, professores Maria Goretti da Costa Tavares e Marcelo Chemin, pelas aulas sobre turismo, cidades e patrimônio, pelas valiosas contribuições apresentadas desde a Banca de Qualificação, que auxiliaram no meu desenvolvimento enquanto pesquisadora, por prestigiarem a Banca de Defesa e pela atenção mais uma vez dedicada ao presente trabalho.

Aos professores Juca Villaschi (UFOP) e Leonardo Barci Castriota (UFMG), pela inspiração na Graduação e no Mestrado, respectivamente.

À equipe de voluntários do Curitiba *Free Walking Tour*: Helô, Rafa, Jan, Theo, Carol, Lari (que no momento está ausente do projeto), Brenda, Luce, Luiza e Eder, por levarem adiante esta iniciativa, por me acolherem tão bem desde o início, pela ajuda nos dias de pesquisa, pelo amor que têm à cidade e por transmitirem esse amor aos participantes. Principalmente ao Theo, Lari, Jan e Carol, os primeiros com quem conversei sobre a pesquisa e com quem fiz os *tours*! Agradeço em especial à Helô, pela disponibilidade e atenção desde quando a procurei e falei sobre a pesquisa, pela entrevista concedida, que oportunizou coletar mais informações sobre o projeto e por compartilhar dos mesmos sentimentos em relação ao turismo na nossa cidade. Parabéns pela iniciativa!

A todos os participantes do Curitiba *Free Walking Tour*, pelo interesse e incentivos à pesquisa, pela importante colaboração neste trabalho, seja pessoalmente ou por *e-mail*, pela troca de ideias e pela simpatia. Vocês foram demais!

À CAPES/CNPq, por conceder uma bolsa de Mestrado pelo período de um ano, por meio da qual tive a oportunidade de investir nos estudos e me dedicar ao Programa.

A todos que fizeram parte deste processo, meu muito obrigada!!!

O caminho é sempre o mesmo, mas as novidades são constantes...

Não perceber só o que vejo, pode ser mais interessante...

Se cada lugar tem seu som, e um odor que nos faz lembrar...

Daqueles vários momentos bons, que deixamos perder somente no olhar...

Quanto urbano é seu ambiente?

Quanto sua vida pode ser diferente?

Vários significados... para a palavra sentido

Vários sentimentos... mas nenhum repetido.

**Programa Sentidos Urbanos – Sinestesia da Urbe (2011).**

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a percepção do centro histórico de Curitiba (PR) e a experiência de caminhar por este espaço urbano, a partir do ponto de vista de moradores e turistas que participam do Projeto Curitiba *Free Walking Tour*. Idealizado por turismólogos, este projeto, que consiste em uma caminhada a partir de um roteiro pré-estabelecido pelo centro histórico de Curitiba (PR) (área de estudo deste trabalho), com duração aproximada de duas horas e paradas específicas ao longo do trajeto, foi escolhido como recorte de pesquisa pelo fato de permitir verificar de forma mais específica quais elementos físicos (tais como prédios, monumentos, automóveis, entre outros) estão presentes no espaço urbano e podem ser percebidos por meio dos sentidos: visão, tato, olfato, audição e paladar. Para tanto, discutem-se questões referentes à atividade turística desenvolvida na cidade e em seus centros históricos e de que forma turistas e moradores podem desvendar a cidade, utilizando conceitos relacionados à percepção, lugar, experiência, imagem, paisagem e caminhabilidade. Assim, possibilita-se compreender os movimentos gerados no espaço urbano por meio do turismo e que tipos de relações são ali estabelecidas, adotando dois pontos de vista sobre o assunto: o primeiro, do morador em relação à cidade que habita; e o segundo, do turista em relação ao destino que visita. Quanto à metodologia, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, apresentando conceitos e teorias que serviram de base para a construção dos seguintes instrumentos de coleta de dados: aplicação de entrevista de grupo (semiestruturada) com os participantes do Curitiba *Free Walking Tour*; observação participante; análise fotográfica; e entrevista semiestruturada com uma das criadoras do projeto. A partir dos resultados obtidos, verificou-se que a maioria dos participantes saiu da caminhada com uma imagem, percepção e experiência positivas sobre o centro histórico de Curitiba (PR); percebe com maior frequência os elementos físicos relacionados ao patrimônio material (como prédios históricos e modernos, monumentos, estátuas, entre outros); e que a visão acaba sendo o sentido mais utilizado a fim de captar essa percepção, porém vale ressaltar que a audição, o tato e o olfato também contribuíram consideravelmente para tal, assim como as falas e a presença do condutor. Com relação à experiência de caminhada, a maioria dos participantes considerou o trajeto tranquilo, sem maiores dificuldades e se sentiram seguros ao longo do percurso, além de enfatizarem a limpeza da cidade. Quanto às paisagens urbana e cultural, relacionadas à visualização e percepção de pontos marcantes ao longo do trajeto, os atrativos que mais chamaram a atenção dos caminhantes foram: a Estátua Maria Lata D'Água, o Paço da Liberdade e os Painéis de Poty Lazzarotto. Por fim, ressalta-se com este trabalho a importância de se realizar um planejamento urbano que considere moradores e turistas como usuários efetivos da cidade e que promova uma ocupação e uso saudáveis do espaço urbano, incentivando (a partir de elementos propícios a isso) a caminhada de seus pedestres, seu reconhecimento e valorização, bem como aumentando seu fluxo de visitantes.

Palavras-chave: Turismo. Espaço Urbano. Percepção. Experiência.  
Caminhabilidade. Centro Histórico de Curitiba (PR).

## ABSTRACT

This study has the general objective analyze the perception of the historical center of Curitiba (PR) and the experience of walking through this urban space, from the point of view of locals and tourists who participate in the project Curitiba Free Walking Tour. Idealized by turismologos, this project, which consists of a walk from a pre-established itinerary through the historical center of Curitiba (PR) (area of study of this work), lasting about two hours and specific stops along the route, was chosen as a research cut because it allows to verify in a more specific way which physical elements (such as buildings, monuments, automobiles, among others) are present in urban space and can be perceived through the senses: sight, touch, smell, hearing and taste. Therefore, discusses issues related to tourism developed in the city and its historical centers and how tourists and locals can unveil the city, using concepts related to perception, place, experience, image, landscape and walkability. Thus, it enables you to understand the movements generated in urban areas through tourism and what kinds of relationships are established there, taking two points of view on the subject: the first, the resident regarding the city that dwells; and the second, of the tourist in relation to the destination that visits. Regarding the methodology, the research is characterized as qualitative, exploratory and descriptive, presenting concepts and theories that formed the basis for the construction of the following data collection instruments: group interview application (semi-structured) with participants from Curitiba Free Walking Tour; participant observation; photographic analysis; and semi-structured interview with one of the creators of the project. From the results, it was found that most participants left the walk with an image, perception and positive experience of the historical center of Curitiba (PR); perceives more frequently the physical elements related to the material patrimony (like historical and modern buildings, monuments, statues, among others); and the vision ends up being the most used way to capture this insight, but it is noteworthy that the hearing, touch and smell also contributed considerably to such, as well as the speeches and presence of the leader. Regarding the walking experience, the majority of the participants considered the journey quiet, without major difficulties and felt safe along the way, besides emphasizing the cleanliness of the city. As for the urban and cultural landscapes, related to the visualization and perception of important points along the route, the attractions that most attracted the attention of the walkers were: the Statue Maria Lata D'Água, the Paço da Liberdade and the Panels of Poty Lazzarotto. Finally, it is emphasized with this work the importance of carrying out an urban planning that considers residents and tourists as effective users of the city and that promotes a healthy occupation and use of urban space, encouraging (from favorable elements to it) walking his pedestrians, recognition and appreciation, as well as increasing its flow of visitors.

Keywords: Tourism. Urban space. Perception. Experience. Walkability. Historic Center of Curitiba (PR).



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA CONCEITUAL REFERENTE À DISSERTAÇÃO .....	23
FIGURA 2 – CASA ROMÁRIO MARTINS .....	98
FIGURA 3 – IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS .....	99
FIGURA 4 – PALÁCIO GARIBALDI .....	100
FIGURA 5 – PALACETE TIGRE ROYAL .....	101
FIGURA 6 – PERCURSO ILUSTRATIVO DO CURITIBA <i>FREE WALKING TOUR</i> .....	118
FIGURA 7 – PONTO INICIAL DO CURITIBA <i>FREE WALKING TOUR</i> (PRAÇA SANTOS ANDRADE) .....	119
FIGURA 8 - PRIMEIRO PONTO DE PARADA (PRÉDIO DOS CORREIOS E ESTAÇÃO CENTRAL) .....	120
FIGURA 9 – SEGUNDO PONTO DE PARADA (INÍCIO DA RUA XV) .....	121
FIGURA 10 – TERCEIRO PONTO DE PARADA (PRAÇA GENEROSO MARQUES) .....	122
FIGURA 11 – QUARTO PONTO DE PARADA (ESTÁTUA MARIA LATA D'ÁGUA) .....	123
FIGURA 12 – QUINTO PONTO DE PARADA (PELOURINHO).....	124
FIGURA 13 – SEXTO PONTO DE PARADA (MARCO ZERO). DETALHE PARA USO DO “TATO” .....	125
FIGURA 14 – SÉTIMO PONTO DE PARADA (ESTÁTUA DO ÍNDIO E CATEDRAL BASÍLICA).....	125
FIGURA 15 – OITAVO PONTO DE PARADA (PAINÉIS DE POTY LAZZAROTTO) .....	126
FIGURA 16 – NONO PONTO DE PARADA (BEBEDOURO DO LARGO DA ORDEM) .....	127
FIGURA 17 – DÉCIMO PONTO DE PARADA (MEMORIAL DE CURITIBA) .....	128
FIGURA 18 – DÉCIMO PRIMEIRO PONTO DE PARADA (FONTE DA MEMÓRIA “CAVALO BABÃO”).....	129
FIGURA 19 – DÉCIMO TERCEIRO PONTO DE PARADA (BONDINHO DA RUA XV E PRÉDIO BRADESCO).....	130
FIGURA 20 – PONTO DE FINALIZAÇÃO DO ROTEIRO (SÍMBOLO DA “BOCA MALDITA”) .....	131
FIGURA 21 – PRIMEIRA IMAGEM REFERENTE À ESTÁTUA MARIA LATA D'ÁGUA.....	164
FIGURA 22 – SEGUNDA IMAGEM REFERENTE À ESTÁTUA MARIA LATA D'ÁGUA.....	165
FIGURA 23 – TERCEIRA IMAGEM REFERENTE À ESTÁTUA MARIA LATA D'ÁGUA.....	166
FIGURA 24 – QUARTA IMAGEM REFERENTE À ESTÁTUA MARIA LATA D'ÁGUA .....	167
FIGURA 25 – PRIMEIRA IMAGEM REFERENTE AO MUSEU A CÉU ABERTO (PAINÉIS DE POTY) .....	169
FIGURA 26 – SEGUNDA IMAGEM REFERENTE AO MUSEU A CÉU ABERTO (PAINÉIS DE POTY) .....	170
FIGURA 27 – PRIMEIRA IMAGEM REFERENTE À ESCULTURA DE PINHÕES (MEMORIAL DE CURITIBA).....	172

FIGURA 28 – SEGUNDA IMAGEM REFERENTE À ESCULTURA DE PINHÕES (MEMORIAL DE CURITIBA) .....	173
FIGURA 29 – IMAGEM REFERENTE AO PALÁCIO GARIBALDI .....	175
FIGURA 30 – IMAGEM REFERENTE À CATEDRAL BASÍLICA MENOR.....	176
FIGURA 31 – IMAGEM REFERENTE AO PRÉDIO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.....	178
FIGURA 32 – PRIMEIRA IMAGEM REFERENTE AO CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA-PR (REGIÃO DO LARGO DA ORDEM) .....	179
FIGURA 33 – SEGUNDA IMAGEM REFERENTE AO CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA-PR (REGIÃO DO LARGO DA ORDEM) .....	180
FIGURA 34 – IMAGEM REFERENTE À FONTE DA MEMÓRIA – CAVALO BABÃO (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA-PR) .....	181
FIGURA 35 – IMAGEM REFERENTE À PAISAGEM URBANA DA RUA XV DE NOVEMBRO (REGIÃO CENTRAL DE CURITIBA-PR).....	183

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – SÍNTESE DOS ELEMENTOS PERCEPTÍVEIS DO ESPAÇO URBANO.....	82
QUADRO 2 – ELEMENTOS-BASE QUE SERÃO UTILIZADOS NA PESQUISA.....	83
QUADRO 3 - RELAÇÃO ENTRE OBJETIVO GERAL, PROBLEMA, MAPA CONCEITUAL, OBJETIVOS ESPECÍFICOS, MARCO TEÓRICO, ELEMENTOS-BASE E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	86
QUADRO 4 – SÍNTESE DE RESULTADOS .....	186

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – QUANTIDADE DE RESPONDENTES POR REGIÃO E ESTRANGEIROS.....	135
GRÁFICO 2 – FAIXA ETÁRIA DOS PARTICIPANTES.....	136
GRÁFICO 3 – COMO OS PARTICIPANTES SOBERAM DO PROJETO CFWT .	137
GRÁFICO 4 – RESULTADOS CORRESPONDENTES À VISITA EM CURITIBA...	138
GRÁFICO 5 – CONHECIMENTO SOBRE OS PONTOS DE PARADA .....	139

## LISTA DE SIGLAS

CFWT – Curitiba *Free Walking Tour*

FCC – Fundação Cultural de Curitiba (PR)

IMT – Instituto Municipal de Turismo de Curitiba (PR)

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (PR)

PMC – Prefeitura Municipal de Curitiba (PR)

PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná

UFPR – Universidade Federal do Paraná

SEEC-PR – Secretaria de Estado da Cultura do Paraná

SESC-PR – Serviço Social do Comércio - Paraná

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA .....	18
1.2	OBJETIVOS DA PESQUISA .....	19
1.2.1	Objetivo Geral .....	19
1.2.2	Objetivos Específicos .....	19
1.3	HIPÓTESES DE PESQUISA.....	20
1.4	JUSTIFICATIVA .....	20
1.5	MAPA CONCEITUAL .....	23
1.6	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....	24
<b>2</b>	<b>TURISMO E ESPAÇO URBANO: RELAÇÕES, EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO</b> .....	<b>26</b>
2.1	ESPAÇO URBANO E ESPAÇO TURÍSTICO: USOS E INTER-RELAÇÕES .....	27
2.2	PAISAGEM, LUGAR E AS RELAÇÕES COM O ESPAÇO URBANO.....	33
2.3	MORADORES, TURISTAS E ESPAÇO URBANO: UMA RELAÇÃO PERMEADA PELOS SENTIDOS .....	38
2.4	A EXPERIÊNCIA URBANA: A CIDADE A SER DESVENDADA POR MORADORES E TURISTAS .....	42
2.4.1	As Cidades e seus Centros Urbanos: Algumas Reflexões.....	52
2.4.2	Roteiros Turísticos e <i>Free Walking Tours</i> Pelo Mundo: Breve Contextualização .....	54
<b>3</b>	<b>ELEMENTOS PERCEPTÍVEIS DO ESPAÇO URBANO</b> .....	<b>58</b>
3.1	DISCUSSÕES RELACIONADAS À PAISAGEM CULTURAL E PAISAGEM URBANA: A INTERAÇÃO ENTRE OBSERVADOR E OBSERVADO .....	58
3.2	ELEMENTOS FÍSICOS RELACIONADOS À FORMAÇÃO DA IMAGEM DO ESPAÇO URBANO .....	66
3.3	ELEMENTOS RELACIONADOS À PRÁTICA DO CAMINHAR NA E PELA CIDADE .....	75
3.4	SÍNTESE SOBRE OS ELEMENTOS PERCEPTÍVEIS DO ESPAÇO URBANO .....	81
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>85</b>
4.1	TIPOS E TÉCNICAS DE PESQUISA.....	88

4.2	POPULAÇÃO E AMOSTRAGEM.....	89
4.3	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	90
4.4	ANÁLISE, TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	93
4.5	ÁREA DE ESTUDO.....	93
4.5.1	Centro Histórico de Curitiba, Paraná.....	94
4.6	CURITIBA <i>FREE WALKING TOUR</i> .....	107
4.6.1	História de Criação do Projeto Curitiba <i>Free Walking Tour</i> .....	108
4.6.2	Descrição do Trajeto e Pontos de Parada.....	116
<b>5</b>	<b>A PERCEPÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA-PR E A EXPERIÊNCIA DE CAMINHADA COM BASE NO PROJETO CURITIBA <i>FREE WALKING TOUR</i>.....</b>	<b>132</b>
5.1	INFORMAÇÕES GERAIS E PRIMEIROS RESULTADOS.....	132
5.1.1	Entrevista de Grupo.....	133
5.1.2	Observação Participante .....	141
5.1.3	Análise Fotográfica.....	142
5.1.4	Entrevista Individual .....	142
5.2	ANÁLISE ESPECÍFICA.....	143
5.2.1	A Percepção do Centro Histórico de Curitiba-PR e a Experiência de Caminhada pelos Participantes do Curitiba <i>Free Walking Tour</i> : Elementos Físicos, Relação com o Espaço Urbano por meio dos Sentidos e Indicadores de Caminhabilidade .....	144
5.2.2	O Aspecto Visual da Caminhada: Pontos Marcantes e Formação da Imagem da Paisagem do Centro Histórico de Curitiba-PR.....	162
5.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA.....	185
<b>6</b>	<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>191</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>197</b>
	<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA REALIZADA COM OS PARTICIPANTES DO CURITIBA <i>FREE WALKING TOUR</i> .....</b>	<b>205</b>
	<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA REALIZADA COM UMA DAS IDEALIZADORAS DO PROJETO CURITIBA <i>FREE WALKING TOUR</i> .....</b>	<b>207</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para relembrar a trajetória da pesquisadora até chegar ao tema apresentado neste trabalho, decidiu-se explicar brevemente as alterações que foram realizadas no projeto de dissertação submetido ao processo seletivo do Mestrado em Turismo em 2016, e que permaneceu durante o início do mesmo, porém por pouco tempo. No começo, tinha-se um projeto de pesquisa que possuía como objeto de estudo o Mercado Público de Florianópolis-SC, e buscava analisar o papel do Mercado enquanto patrimônio cultural material e de que forma ocorriam as relações sociais entre o próprio Mercado e os moradores da cidade, além dos turistas que por ali passavam para conhecê-lo. O interesse em pesquisar esse assunto surgiu por conta do conhecimento da pesquisadora em relação a algumas reformas de revitalização que haviam ocorrido no local e que provocaram uma descaracterização do imóvel, tanto na sua parte externa quanto interna, considerando os novos “boxes” que foram instalados por meio de licitação. Porém, ao longo do percurso e trajeto dentro do Programa de Pós-Graduação, e juntamente com a colaboração da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leticia Bartoszeck Nitsche, chegou-se ao consenso de que pesquisar o Mercado Público de Florianópolis-SC seria complexo e demandaria mais recursos a fim de realizar a pesquisa *in loco*, tornando o projeto inviável.

Sendo assim, a partir da participação e apresentação de trabalhos por parte da pesquisadora em alguns eventos interdisciplinares, da participação em disciplinas obrigatórias e optativas que auxiliaram na construção do conhecimento e de um “novo olhar” sobre o espaço urbano, e por meio da aproximação e contato com outros autores e áreas, como a Arquitetura e Urbanismo e a Geografia, elaborou-se um novo projeto de dissertação. Buscou-se manter a questão das relações entre o meio (espaço) e o ser humano, porém colocando um novo foco: o objeto de estudo passaria a ser um centro urbano, mais especificamente o centro histórico de Curitiba-PR, e a análise partiria da relação entre o usuário (moradores e turistas) com esse centro (enquanto espaço), evidenciando o viés da percepção e da experiência urbana que ali ocorrem, por meio do caminhar pela cidade.

Portanto, após essas reflexões e modificações, o presente trabalho possui como tema norteador o estudo da relação que se estabelece entre morador, turista e espaço urbano, a partir do momento em que estes usuários (moradores e turistas) se deslocam por este espaço e o percebem, o sentem. Buscou-se analisar esta



relação a partir da indicação de elementos perceptíveis específicos (prédios, ruas, monumentos, movimento de pessoas e automóveis, entre outros), de paisagens mencionadas, bem como de uso dos sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar) como forma de perceber o espaço como um todo, considerando-se também, neste conjunto, a experiência de caminhar pela cidade, mais especificamente pelo seu centro histórico, baseando-se, para tanto e principalmente, nas obras de Lynch (1996), Boullón (2002), Speck (2016) e Jacobs (2011), além de outros autores que trabalham com o conceito de paisagem, tais como Nogué (2007), Cosgrove (2001), Corrêa e Rosendahl (2001), Santos (1997).

Além disso, ao longo do trabalho são discutidas questões referentes à atividade turística desenvolvida no ambiente urbano, nas cidades propriamente ditas e como estes sistemas turístico e urbano se inter-relacionam. Esta reflexão se fez necessária para se pudessem compreender os movimentos gerados em uma cidade por meio do turismo, bem como verificar que relações são estabelecidas neste espaço urbano a partir de duas visões a respeito: a primeira corresponde à visão do morador em relação à cidade que habita; e a segunda, do turista em relação ao destino que visita.

A fim de delimitar a pesquisa, optou-se por realizar um recorte geográfico e utilizar como área de estudo o espaço urbano compreendido pelo centro histórico de Curitiba-PR. Porém, pelo fato do centro histórico da cidade representar uma área extensa e de terem sido levantadas as limitações caso esse espaço urbano fosse estudado em sua totalidade (principalmente quanto às dificuldades no momento de aplicar a pesquisa, visto que abordar os passantes sem antes saber o que haviam visitado e/ou se já conheciam todo o setor histórico seria de certa forma inconveniente), optou-se então por realizar um segundo recorte, desta vez referente à área de estudo. Este, então, é representado na pesquisa pela amostra de participantes do Curitiba *Free Walking Tour* (CFWT) e foi realizado por considerar que o projeto em questão se encaixa na proposta de estudo desse trabalho, além de permitir estudar de forma mais específica seus objetos de estudo, compreendidos pela percepção do espaço e pela experiência de caminhar por ele.

Deste modo, surgem algumas reflexões sobre a cidade e seu poder de estimular os sentidos a partir de uma caminhada; sobre a influência exercida por meio da utilização desses sentidos na percepção do espaço; bem como sobre as diferenças de percepções que podem surgir se a caminhada for realizada com e

sem a condução de uma pessoa que mencione a história da cidade, de seus prédios e monumentos.

Estas reflexões, por sua vez, serviram de base para estruturar o problema e os objetivos da pesquisa, conforme são apresentados na sequência. Da mesma forma, as discussões inerentes a estas indagações são desenvolvidas ao longo do referencial teórico e da análise de resultados, instigando o leitor a pensar em sua própria relação com o meio, em como se dá e qual é a sua própria percepção do espaço urbano (onde mora ou o qual visita).

A título de metodologia, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa e possui caráter exploratório e descritivo, à medida que realiza uma fundamentação conceitual e teórica, na qual foram discutidos conceitos e teorias que serviram de base para a construção dos instrumentos de coleta de dados. Estes, por sua vez, dizem respeito à aplicação de entrevista de grupo (semiestruturada) com os participantes do Curitiba *Free Walking Tour*; observação sistemática participante; análise fotográfica; e entrevista semiestruturada com uma das criadoras do projeto. Estes instrumentos, em conjunto, oportunizaram identificar elementos físicos do centro histórico de Curitiba-PR que foram percebidos por moradores e turistas participantes do projeto, além de reconhecer indicadores de caminhabilidade relacionados à experiência obtida durante o trajeto.

## 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A problemática se concentra em reconhecer de que forma os usuários (entendidos aqui como moradores e turistas) da cidade percebem o centro histórico de Curitiba-PR, a partir de sua participação no Projeto Curitiba *Free Walking Tour* e como é a experiência de caminhar por esse espaço urbano?

A partir disso, surgem algumas questões complementares ao problema que auxiliam a compreendê-lo e, posteriormente, a respondê-lo de forma adequada, quais seguem: como ocorre essa percepção? Quais sentidos são utilizados para construí-la? Que elementos físicos chamam mais a atenção ao longo da caminhada? E por quê?

## 1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

Para delinear a pesquisa e dar sequência ao seu desenvolvimento, são apresentados, a seguir, os objetivos geral e específicos.

### 1.2.1 Objetivo Geral

Esse trabalho possui como objetivo geral analisar a percepção do centro histórico de Curitiba-PR e a experiência de caminhar por esta área do espaço urbano, a partir do ponto de vista de moradores e turistas que participam do Projeto Curitiba *Free Walking Tour*.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Para atingir o objetivo geral e responder o problema, foram elencados três objetivos específicos, conforme segue:

- Conhecer qual é e como ocorre a percepção do centro histórico de Curitiba-PR, com base na opinião de participantes que realizam o Curitiba *Free Walking Tour*, considerando a identificação de elementos físicos presentes no espaço urbano e a utilização dos sentidos para reconhecê-los;
- Levantar indicadores relacionados ao conceito de caminhabilidade e interpretar de que forma os mesmos influenciam e caracterizam a percepção e experiência urbanas dos participantes do Curitiba *Free Walking Tour* enquanto caminhantes da e na cidade;
- Identificar os componentes do espaço urbano que mais chamam a atenção durante a caminhada e, a partir disso, verificar o reconhecimento de paisagens urbanas pelos participantes do Curitiba *Free Walking Tour*, considerando as falas do condutor e os pontos de parada ao longo do trajeto.

### 1.3 HIPÓTESES DE PESQUISA

A fim de complementar a pesquisa por meio de suposições de respostas ao problema central, foram elaboradas três hipóteses que permitem estabelecer relações com os objetos e a área de estudo:

- 1) Os participantes do Curitiba *Free Walking Tour* utilizam principalmente o sentido da visão para reconhecer os elementos físicos presentes no centro histórico de Curitiba-PR.
- 2) Os moradores da cidade se sentem inseguros ao caminhar pelo centro histórico de Curitiba-PR e, desta forma, relacionam-se com este espaço urbano de forma superficial.
- 3) Os turistas, por trazerem seu olhar “estrangeiro”, externo ao destino, estabelecem relações mais agradáveis e positivas com o espaço urbano visitado, no caso o centro histórico de Curitiba-PR.

### 1.4 JUSTIFICATIVA

A justificativa de abordar este tema se dá pelo interesse da pesquisadora em verificar de que forma os usuários de centros históricos urbanos (sendo que neste trabalho considerou-se como área de estudo o centro histórico da cidade de Curitiba-PR) percebem este espaço e se relacionam com ele, considerando a perspectiva da experiência obtida por meio de passeios a pé, e pelo fato de a pesquisadora ter participado, em Junho de 2017, do Curitiba *Free Walking Tour* pela primeira vez, interessando-se pelo modo como o centro histórico da cidade é representado a moradores e turistas a partir do seu cotidiano e da opinião de moradores locais. Além disso, a região do centro histórico já havia sido estudada em outros trabalhos realizados pela pesquisadora, nos quais se demonstrava a necessidade de criar projetos e ações que pudessem valorizá-la e preservá-la, na medida em que moradores e turistas voltassem a frequentá-la e, no caso dos moradores, identificar-se com a mesma.

Outro motivo que levou à escolha dessa temática foi a participação da pesquisadora em eventos da área de Arquitetura e Urbanismo, os quais despertaram o interesse em estudar e agregar conceitos desta que fossem inerentes

e/ou pudessem ser relacionados ao Turismo. Neste ínterim, realizando pesquisas gerais sobre o tema principal, chegou-se a uma obra que trata especificamente da Teoria Geral da Caminhabilidade (SPECK, 2016). A partir de então, a pesquisadora passou a buscar autores que se dedicam ao estudo dos espaços urbanos, dos espaços turísticos, dos centros históricos, da prática da caminhada, da relação homem-meio a partir dos sentidos e do conceito de percepção, entre outros que surgiram ao longo do desenvolvimento da pesquisa e contribuíram para este trabalho.

A pesquisa, então, de âmbito local, delimitou-se ao estudo de como moradores e turistas podem e/ou são capazes de se relacionar com o centro histórico da cidade de Curitiba-PR, a partir da experiência de caminhar pela região, oferecida pelo Projeto Curitiba *Free Walking Tour*, o qual apresenta, a partir de uma caminhada de aproximadamente duas horas, alguns pontos específicos de interesse turístico ou não, localizados no espaço urbano da cidade. Neste sentido, foram consideradas as possibilidades de percepção construídas pelos participantes a partir da caminhada, levando-se em consideração a participação e presença dos condutores da atividade.

Além disto, o Curitiba *Free Walking Tour* foi escolhido como recorte de pesquisa pelo fato de permitir verificar de forma mais específica quais elementos físicos (tais como prédios, monumentos, praças, pessoas, automóveis, entre outros) estão presentes no espaço urbano e podem ser percebidos por meio dos seguintes sentidos: visão, tato, olfato e audição, relacionados à percepção.

A pesquisa foi viável haja vista seu fácil acesso, sua frequência de realização (aos sábados e esporadicamente em alguns dias da semana) e a participação considerável de turistas (e moradores em menor grau); informação esta que pôde ser verificada a partir do número de caminhantes em saídas anteriores à pesquisa. Destas, a pesquisadora participou de duas caminhadas que possibilitaram conhecer o trajeto percorrido antecipadamente e verificar se a aplicação de instrumentos de coleta de dados seria adequada e, se sim, em qual momento do passeio seria melhor abordar os participantes.

A partir de pesquisas em livros, teses, dissertações e periódicos, a fim de reconhecer pesquisas que já haviam sido realizadas considerando-se os mesmos conceitos ou com temáticas semelhantes, verificou-se que há sim estudos que tratam sobre percepção do espaço urbano, experiência, caminhabilidade e centros

históricos (inclusive a área de estudo pesquisada), porém o fazem de maneira diferente da qual foi trabalhada neste estudo, que, por sua vez, está mais relacionado à percepção do centro histórico em si a partir de uma caminhada específica. Destes estudos e diferenças existentes, alguns abordam a questão da percepção relacionada à qualidade da experiência, sobre uma visão mercadológica; outros trabalham os conceitos analisando a estética e a forma das paisagens ou ainda de que forma um centro histórico pode ser classificado, a partir de seus elementos.

Nesta pesquisa, estes conceitos são abordados sobre uma perspectiva humana, de troca de relações e afetividades entre homem e meio a partir da utilização dos sentidos, os quais permitem desenvolver sentimentos específicos como, por exemplo, o sentimento de pertencimento a certo local. Assim, com base em Lynch (1996) e Tuan (2013), ressalta-se com este trabalho a importância de um planejamento urbano que considere moradores e turistas como usuários efetivos da cidade, e que promova uma ocupação e uso saudáveis do espaço urbano, incentivando (a partir de elementos propícios a isso) a caminhada de seus pedestres e o conseqüente encantamento por estes elementos (prédios, árvores, calçadas).

Assim, a importância deste estudo também se estabelece pelo fato de que, “planejadas ou não, as cidades cada vez mais recebem pessoas que vivem sua ambigüidade”. (BANDEIRA, 2008, p. 11). Ainda segundo a autora, desta forma, “explorar os sentidos é uma forma de buscar uma interpretação das cidades” (BANDEIRA, 2008, p. 09), tanto para os visitantes quando para seus moradores.

Para Jacobs (2011, p. 149), “ao lidarmos com as cidades, estamos lidando com a vida em seu aspecto mais complexo e intenso” e, por isto mesmo, de acordo com Speck (2016, p. 27) “[...] as cidades precisam garantir o tipo de ambiente que [as] pessoas desejam”. Para Speck (2016), “o que caracteriza a discussão sobre as cidades, hoje em dia, [...] é uma total desconexão entre essa conscientização [sobre o que precisa ser feito] e as ações dos responsáveis pela forma física de nossas comunidades”. (SPECK, 2016, p. 13). Continuando este pensamento, Jacobs (2011) considera que as cidades representam um “laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano”. E “é nesse laboratório que o planejamento urbano deveria aprender, elaborar e testar suas teorias”. (JACOBS, 2011, p. 11).

De acordo com Tuan (2013, p. 15), “[...] poucas obras tentam compreender o que as pessoas sentem sobre espaço e lugar, considerar as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos [...]”, muitas vezes carregadas de duplos sentidos. Além disso, “todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações”. (LYNCH, 1996, p. 11).

A partir dessas reflexões, o próximo subcapítulo apresenta o mapa conceitual desta pesquisa.

### 1.5 MAPA CONCEITUAL

A fim de expor ao leitor as ideias principais que serviram de base ao desenvolvimento desta pesquisa, bem como apresentar alguns conceitos que são discutidos ao longo do trabalho, demonstra-se a seguir o seu mapa conceitual.

FIGURA 1 – MAPA CONCEITUAL REFERENTE À DISSERTAÇÃO

Com base na observação do mapa conceitual acima, é possível verificar de que forma os conceitos estão relacionados, sendo que o centro histórico de Curitiba-PR, área de estudo desta pesquisa, representa a parte maior, envolvendo as demais. Este espaço urbano é utilizado por moradores e turistas, os quais têm a oportunidade de caminhar por ele e, a partir do momento que caminham, passam a percebê-lo por meio dos sentidos e da presença de elementos físicos específicos que, em conjunto, auxiliam na formação da paisagem urbana. Esta percepção, por sua vez (e considerando as demais partes do mapa), irá resultar numa experiência. No meio desse processo, encontra-se o recorte da área de estudo desta pesquisa, que possibilita sua realização de forma mais específica e direta.

Dessa forma, apresenta-se a seguir a estrutura deste trabalho, com informações referentes à sua divisão, ao que é tratado em cada capítulo, bem como sobre o tipo de pesquisa desenvolvido e seus respectivos procedimentos metodológicos.

## 1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho está dividido em seis capítulos, sendo que o primeiro diz respeito à introdução, apresentando as ideias principais da pesquisa e os capítulos 2 e 3 estão relacionados às discussões teóricas acerca da temática estudada. O capítulo 4, por sua vez, aborda os procedimentos metodológicos aplicados para se chegar ao objetivo geral, apresentando também a área de estudo pesquisada e o recorte de pesquisa utilizado; o capítulo 5 apresenta a análise dos resultados, obtidos a partir da aplicação dos instrumentos de coleta de dados; e o capítulo 6 traz as conclusões sobre o trabalho como um todo, retomando questões teóricas, verificando as hipóteses e sugerindo alternativas para pesquisas futuras. Posteriormente ainda se apresentam as referências e os apêndices relacionados aos instrumentos aplicados.

No capítulo 2, denominado “Turismo e Espaço Urbano: relações, experiência e percepção”, são discutidas questões referentes aos usos do espaço urbano, seu conceito e suas ligações com o espaço turístico, as relações estabelecidas entre moradores, turistas e, mais especificamente, os centros históricos das cidades, bem como são apresentadas reflexões sobre qual é a experiência que se resulta dessas



relações, a partir do momento em que proporciona uma vivência urbana, uma troca entre os usuários e o meio em que se encontram.

Já no terceiro capítulo, “Elementos Perceptíveis do Espaço Urbano”, inicia-se a discussão sobre conceitos e assuntos referentes aos elementos da cidade que influenciam e provocam os sentidos, resultando numa experiência visual e sensorial. Além disso, são discutidos aspectos importantes que estão presentes na prática do caminhar, do flunar pelas cidades e percebê-las por completo, indo além do superficial.

A partir disso, no capítulo 4, apresentam-se os procedimentos metodológicos, abordando os tipos e técnicas de pesquisa utilizados, os instrumentos de coleta de dados construídos e aplicados, as informações sobre a área de estudo e o recorte de pesquisa empregado. No capítulo 5, encontra-se a análise dos resultados, apresentada tanto de forma geral quanto específica.

Por fim, no capítulo 6, são apresentadas as conclusões obtidas em decorrência da pesquisa, considerando-se os conceitos e teorias abordados neste trabalho, juntamente com uma reflexão sobre os resultados obtidos, as dificuldades encontradas durante o processo, a revisão das hipóteses, sugestões para pesquisas futuras e para possíveis leitores que se interessem pela temática aqui estudada.

Desta forma, inicia-se a discussão teórica abordando, de forma geral, o turismo enquanto atividade desenvolvida no espaço urbano.

## 2 TURISMO E ESPAÇO URBANO: RELAÇÕES, EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO

Neste capítulo são discutidas algumas temáticas referentes ao modo de se relacionar com o meio urbano, dando relevo a questões relacionadas aos conceitos de percepção, encantamento, experiência, paisagem, imagem, espaço urbano, entre outros, que auxiliarão no entendimento conceitual e teórico sobre o tema principal. Discutir sobre esses conceitos permite delinear uma visão holística sobre os elementos intrínsecos nesta relação do homem (enquanto ser vivo dotado de emoções, experiências e conhecimentos) com o espaço em que se encontra (também dotado de histórias, memórias, situações marcantes, bem como outras características específicas do seu contexto e desenvolvimento ao longo dos anos). (TUAN, 2012; 2013).

Mais especificamente relacionado aos centros históricos, a presente pesquisa traz bibliografias referentes ao assunto, apresentando a visão de turistas e moradores sobre um mesmo espaço, um mesmo lugar, que proporcione experiências e sensações diferenciadas dependendo de quem os experiencia. De acordo com Lynch (1996), um observador pode se identificar e se sentir representado socialmente por determinado ambiente, enquanto outro (que não demonstra o mesmo sentimento pelo ambiente em questão) se impressiona e se sente acolhido por um espaço distinto daquele, visto que “a imagem implica a concepção mental apreendida e estabelecida pelo indivíduo que resume seu conhecimento, suas avaliações e preferências sobre o ambiente em que vive”, ou, nesse caso, que visita também. (SILVA, 2004, s. p.).

Desta forma, apresentam-se, a seguir, discussões acerca dos temas colocados em pauta, a partir de autores que se dedicam a discuti-los de maneira coesa e abrangente, permitindo ao leitor o entendimento deste trabalho. Dentre os principais autores aqui utilizados, cabe citar os seguintes: Bollnow (2008); Lynch (1996); Boullón (2002); Castrogiovanni (2001); Wainberg (2001); Tuan (2013; 2012); Carlos (2007); Corrêa (1995); Nogué (2007); Cosgrove (2001), Santos (1982; 1997), Carlos (2001), entre outros.

## 2.1 ESPAÇO URBANO E ESPAÇO TURÍSTICO: USOS E INTER-RELAÇÕES

A palavra “espaço” tal qual se conhece e se utiliza em termos atuais, possui diversos significados, interpretações e entendimentos a partir de suas indicações etimológicas, possuindo também significados diferentes de um idioma para outro e dependendo da área do conhecimento que se dedica ao seu estudo. (BOLLNOW, 2008). Para Santos (1997, p. 71), a palavra espaço “é um dos termos que mais possui verbetes nos dicionários e enciclopédias; e em alguns comparecem com centenas de sentidos diversos”. Diante disso, optou-se por trabalhar aqui com conceitos e autores que discutem o significado da palavra relacionado aos termos espaço urbano, cidade e espaço turístico, além de mencionar exposições sobre o espaço em geral, considerando o sentido amplo da palavra.

Em se tratando da palavra espaço em seu sentido mais amplo, pode-se compreender o termo como “a ‘margem’ de um movimento, a ‘lacuna’ entre as coisas, o ‘espaço livre’ ao redor de uma pessoa. Estreiteza e vastidão são as determinações mais ancestrais desse espaço”. (BOLLNOW, 2008, p. 34). Nesse sentido, o autor reflete sobre o fato das pessoas serem influenciadas por esse espaço, visto que, se o mesmo se torna diminuído, quase escasso ou rarefeito, elas se sentem apertadas; por outro lado, se há um espaço grande, abundante, essas mesmas pessoas se sentem convidadas a ocupá-lo das mais variadas formas. E, assim, o autor conclui seu pensamento afirmando que “[...] não tem sentido falar de espaço enquanto este não for passível de ser preenchido por uma necessidade concreta da vida.” (BOLLNOW, 2008, p. 34).

Para Santos (1997, p. 26-27),

o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social.

A atividade turística, analisada de forma geral, implica, *a priori*, um deslocamento ativo de pessoas. (GASTAL, 2001). Assim, a partir do momento em que se tem um deslocamento, independente de suas características, distância ou

duração, conseqüentemente haverá um espaço geográfico envolvido, no e pelo qual as pessoas efetivamente se deslocarão. (YÁZIGI, 1995).

Além disso, deve-se considerar que, segundo Silva (2010, p. 13) “os atrativos e equipamentos de infraestrutura se manifestam de forma visível e física neste espaço, especialmente em relação ao espaço urbano”, enfatizando a importância da existência do mesmo para a diversificação da oferta turística e de segmentos que realcem o local e valorizem o espaço, tornando-o útil à comunidade e aos visitantes.

Esses espaços, tanto o turístico quanto o urbano, são considerados parte de um todo maior, definido por Boullón (2002) como espaço geográfico, o qual engloba todos os demais (real, potencial, cultural, natural adaptado ou rural, artificial ou urbano, natural virgem e vital). Por outro lado, para Santos (1997, p. 61), “todos os espaços são geográficos porque são determinados pelo movimento da sociedade, da produção”. E considera, porém, que “[...] tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos”. (SANTOS, 1997, p. 61).

Analisando o espaço turístico em si e sua dinâmica em relação aos outros espaços e lugares, pode-se observar que este acaba sendo considerado por meio dos elementos que o ocupam e que por ele se distribuem, como por exemplo, os atrativos e equipamentos turísticos. Sendo assim, “este elemento do patrimônio turístico [os atrativos turísticos], mais o empreendimento e infraestrutura turísticas, são suficientes para definir o espaço turístico de qualquer país”. (BOULLÓN, 2002, p. 79).

Já com relação ao espaço urbano, para Corrêa (1995, p. 1), este pode ser entendido, de forma geral, como

o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como: o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão.

Para Carlos (2007, p. 11), o espaço urbano apresenta um sentido ainda mais profundo quando passa a representar “condição, meio e produto da ação humana”, considerando seu uso ao longo do tempo. De acordo com a autora, esse sentido vai além “[...] da ideia de cidade reduzida à simples localização dos fenômenos (da

indústria, por exemplo)”, passando a “[...] revelá-la como sentido da vida humana em todas as suas dimensões, – de um lado, enquanto acumulação de tempos, e de outro, possibilidade sempre renovada de realização da vida”. (CARLOS, 2007, p. 11). Dessa forma, “[...] o espaço surge enquanto nível determinante que esclarece o vivido, na medida em que a sociedade o produz, e nesta condição apropria-se dele e domina-o”. (CARLOS, 2007, p. 12).

Assim, de acordo com Boullón (2002), os espaços contidos no espaço geográfico se inter-relacionam e promovem outras atividades, incluindo não só as de caráter turístico, mas também as atividades comerciais, a presença de escolas, faculdades, hospitais, entre outros, cumprindo diversas funções sociais. Em relação a isso, de acordo com Chemin (2004, p. 23), “a função [...] representa o papel de cada elemento, tomado separadamente”. E, em relação ao espaço turístico, significa investigar a função dos elementos da oferta e da demanda turística, avaliando estes recursos em relação à demanda, seja ela a real, futura ou potencial. (CHEMIN, 2004, p. 23).

Segundo Boullón (2002), o espaço turístico, tomado como uma porção específica do espaço geográfico, participa deste de forma mais significativa quando comparado a outras atividades mencionadas, ou seja, são diferentes fatores contribuindo para a construção e produção do espaço, através de uma infraestrutura geral (abrangendo moradores e visitantes) e específica (só para o turismo), capaz de promover um aumento dos fluxos turísticos e de outros elementos relacionados.

Ainda de acordo com Boullón (2002), é possível conceituar o espaço por várias formas de expressão material, ligadas tanto à parte física quanto cultural, sendo que, para este trabalho, selecionou-se o espaço cultural, o qual o autor define como a

[...] parte da crosta terrestre que, devido à ação do homem, teve modificada sua fisionomia original. Para destacar que o espaço cultural é consequência do trabalho do homem, voltado ao acondicionamento do solo a suas necessidades, também é chamado espaço adaptado. Conforme o tipo de tarefa que o homem realiza sobre o espaço cultural ou adaptado, originam-se o espaço natural adaptado (espaço rural) e o espaço artificial (espaço urbano). (BOULLÓN, 2002, p. 78).

Este espaço cultural, mais especificamente referindo-se ao espaço artificial ou urbano, além de servir como base para esta pesquisa no que diz respeito às cidades e seus centros históricos, representa também a base para o desenvolvimento do

turismo cultural neste ambiente, pois, segundo Silva (2010, p. 15), “o espaço urbano produzido pelo turismo é uma apropriação do [próprio] espaço (urbano) para que o turismo se desenvolva, utilizando sua infraestrutura e facilidades”. Vale ressaltar que, neste trabalho, o espaço urbano da cidade (no caso o centro histórico de Curitiba-PR) será abordado levando-se em consideração a percepção e experiência que seus habitantes e turistas constroem em relação ao mesmo.

De acordo com Chemin (2004), o ambiente urbano se caracteriza como espaço territorializado, visto que a sociedade se apropria dele por completo. Para Corrêa (1995, p. 1), o espaço urbano é “fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais”. Nesse sentido, Carlos (2001, p. 11) considera o espaço como o “lugar onde se manifesta a vida [...]” visto que “o homem habita seus espaços como atividade de apropriação”. (CARLOS, 2007, p. 12).

Dessa forma, a cidade vai além da visão do homem a partir do que pode ser realmente visto, ela passa a representar também o que pode ser sentido, vivido de fato numa interação real homem e espaço. Segundo Chemin (2004, p. 16), adaptado de Castrogiovanni (2001, p. 31), “[...] a cidade é viva, com identidade e dinamismo próprio e, por consequência, deve ser vista como bem cultural”.

Bollnow (2008), da mesma forma, corrobora este pensamento afirmando o caráter dinâmico do espaço, que não é homogêneo tanto para as pessoas que nele vivem quanto para aquelas que vêm de fora. Porém, cada lugar existente neste espaço possui e carrega consigo significados especiais: “distinguem-se regiões preferidas, outras evitadas. Lembranças do tipo agradável como do tipo desagradável se juntam a cada lugar [...]”. (BOLLNOW, 2008, p. 28). E continua afirmando que “tornamo-nos atentos às relações análogas, apenas ocultas, no espaço vivenciado das pessoas de hoje, não mais miticamente vinculadas”. (BOLLNOW, 2008, p. 28).

A partir disso, cabe lembrar o fato de que “cada indivíduo possui referências, lembranças e também marcas pessoais sobre a cidade, as quais lhe conferem uma concepção desse espaço, fazendo com que pessoas identifiquem o

espaço e se identifiquem com ele” (MONASTIRSKY<sup>1</sup> *apud* CHEMIN, 2004, p. 16). Com relação a essas diferenças, no que diz respeito aos habitantes da cidade, pode ocorrer até mesmo um estranhamento, decorrente das rápidas mudanças causadas no processo de reprodução espacial, fazendo com que alguns referenciais mudem, se transformem ou ainda se percam “produzindo a sensação do desconhecido e do não identificado”. (CARLOS, 2001, p. 329).

Segundo a autora, essas mudanças no uso do espaço são “impostas pelas novas funções que os lugares vão assumindo na metrópole moderna, colocando o indivíduo diante de situações mutantes impeditivas de uso-momento em que a cidade se reproduz como exterioridade em relação ao sujeito”. (CARLOS, 2001, p. 329). Assim, em relação ao espaço urbano, percebe-se que o mesmo pode possuir diversos significados e funções, de acordo com o que se propõe ou se deseja desenvolver e utilizar.

Nesse sentido, Lynch (1996, p. 123) também apresenta o fato de que “a cidade não está construída apenas para um indivíduo, mas para grandes quantidades de pessoas, com antecedentes altamente variados, com temperamentos diversos, de diferentes classes, com diferentes ocupações”. E, segundo o autor, isto vai influenciar no modo pelo qual estas pessoas enxergam e organizam a cidade, bem como, dependendo de como ela foi disposta e desenhada pelos seus planejadores, também influenciará na escolha de elementos que auxiliarão o indivíduo a perceber o espaço urbano, que no caso desta pesquisa corresponde ao centro histórico da cidade, levando em conta os fatores externos e suas experiências. (LYNCH, 1996).

Cabe citar que, segundo Carlos (2007, p. 11), a cidade, considerada enquanto “expressão e significação da vida humana, obra e produto, processo histórico cumulativo, [...] contém e revela ações passadas, ao mesmo tempo em que o futuro, que se constrói nas tramas do presente”, o que, de acordo com a autora, “nos coloca diante da impossibilidade de pensar a cidade separada da sociedade e do momento histórico analisado”. Quanto a isso, a cidade representa “[...] um produto histórico-social e nesta dimensão aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico de uma série de gerações”. (CARLOS, 2007, p. 11).

---

<sup>1</sup> MONASTIRSKY, L. B. **Cidade e ferrovia**: a mitificação do pátio central da RFFSA em Ponta Grossa. Dissertação de Mestrado em Geografia. Florianópolis: Centro de Ciências Humanas e Filosofia, UFSC, 1997.



Assim, “se é desejável que um ambiente evoque imagens vivas, é igualmente desejável que estas [...] sejam comunicáveis e adaptáveis [...] e que possam desenvolver novos agrupamentos, novos significados, nova poesia”. (LYNCH, 1996, p. 151-152). O objetivo, segundo o autor, é ter, ao mesmo tempo, um ambiente agradável, legível e aberto a mudanças. (LYNCH, 1996).

No tocante às relações que vêm sendo desenvolvidas nas cidades, Yázigi (2001, p.14), traz uma crítica sobre o espaço público no que diz respeito à questão já mencionada de os centros urbanos se tornarem iguais, como cópias idênticas de um país a outro, ao afirmar “[...] a rua pavimentada, quando existe, não só fica ‘guarnecida’ da percepção do quadro arquitetônico descrito, como é ela mesma desprovida de recursos [...] como a arte da calcetaria ou de equipamentos condizentes com o social”. (YÁZIGI, 2001, p. 14). E conclui tal crítica com o fato de que “as fiações, as tubulações clandestinas, o lixo e os animais abandonados completam o quadro”, além do “ritmo e modo violentos como a urbanização é processada, sem critérios de seletividade do passado, sem justiça social e adequações topográficas”. (YÁZIGI, 2001, p. 14).

Nesse sentido, em relação às cidades, demonstra-se que

estudar a organização, a circulação de seus signos, compreender o papel dos seus usuários ou receptores, sua relação com o processo institucional ou cultural em que se insere, sua contextualização ou descontextualização, sua semantização ou ressemantização signica é, ao mesmo tempo, estudar o espaço como linguagem, como representação da prática cultural que lhe é inerente. (WAINBERG, 2001, p. 16).

Dessa forma, estudar o espaço significa descobrir e analisar, em relação ao homem e seu meio, “um modo de pensar, desejar, desprezar, escolher, relacionar e sentir”. (WAINBERG, 2001, p. 16). Isso de acordo com um determinado período de tempo e levando-se em conta algumas restrições, visto que, “na maioria das vezes, nossa percepção não é total, mas parcial no tempo e no espaço”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 24).

À medida que se estudam os conceitos relacionados ao espaço, mais especificamente os que dizem respeito ao espaço urbano, aparece também outro conceito intrínseco, o de paisagem, visto que esta “[...] representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade” sendo “[...] resultado de uma acumulação de tempos”. (SANTOS, 1982, p. 38). Dessa forma, “a paisagem, assim



como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social”. (SANTOS, 1982, p. 38).

Sendo assim, no próximo subcapítulo são discutidos os conceitos de paisagem (e algumas derivações) e de lugar especificamente, relacionando-os com o conceito de espaço urbano apresentado neste subcapítulo, haja vista o fato de estarem diretamente ligados.

## 2.2 PAISAGEM, LUGAR E AS RELAÇÕES COM O ESPAÇO URBANO

A partir das discussões relacionadas ao conceito de espaço, faz-se necessário ampliar o estudo, passando a discutir também os conceitos de paisagem e de lugar, visto que os mesmos aparecem muitas vezes relacionados, visto que representam as ações (e relações) do homem sobre (com) o seu meio. Dessa forma, “o lugar permitiria entender a produção do espaço atual uma vez que aponta a perspectiva de se pensar seu processo de mundialização. Ao mesmo tempo que o lugar se coloca enquanto parcela do espaço, construção social”. (CARLOS, 2007, p. 14).

Quanto ao conceito de lugar e a partir do pensamento de Tuan (2013, p. 11), tem-se que

‘espaço’ e ‘lugar’ são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. [...] O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. [...] Os geógrafos estudam os lugares. Os planejadores gostam de evocar ‘um sentido de lugar’. Essas são expressões comuns. Tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivo, nós os admitimos como certos. Quando, no entanto, pensamos sobre eles, podem assumir significados inesperados e levantam questões que não nos ocorreria indagar.

Portanto, espaço e lugar podem e devem ser analisados e estudados em conjunto, haja vista a dificuldade em dissociá-los, mesmo que o espaço possua um caráter mais abstrato que lugar, o qual representa algo mais tangível, reconhecível e passível de atribuir valor. “Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que uma localização se transforme em lugar”. (TUAN, 2013, p. 14).

Da mesma forma, “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. (TUAN, 2013, p. 167). De acordo com o autor, qualquer lugar é capaz de chamar a atenção das pessoas e fazer seus olhares permanecerem em constante movimento, procurando um elemento como ponto de interesse para fixar esse olhar e/ou repousar a vista, seja por curtos ou longos períodos de tempo, criando imagens que, quando observadas pessoalmente, possuem uma proporção muito maior que quando registradas em fotografias, por exemplo. (TUAN, 2013).

Dessa forma, de acordo com Carlos (2007, p. 14), o “lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço”. Além disso, “o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo”. (CARLOS, 2007, p. 14).

Cabe ressaltar aqui que se optou, nesta pesquisa, por não considerar os aspectos psicológicos (exceto os que dizem respeito aos fatores motivacionais) que interferem na troca de experiência entre moradores, turistas e espaço urbano, haja vista a impossibilidade de analisá-los de forma completa e suficiente dentro do tempo estabelecido para a realização deste trabalho.

Desse modo, leva-se em conta as experiências de vida do turista, seus hábitos e costumes, suas motivações pessoais para conhecer determinado destino; seja por se autossatisfazer, seja por curiosidade em conhecer e/ou experimentar determinados elementos que o destino oferece. Nesse sentido, o turista pode viajar por razões culturais ou educacionais; por motivo de saúde; por desejo de mudança; para fazer compras; por hedonismo; para descansar; para praticar esportes; ou pelo simples fato de querer conhecer um novo destino. (BOULLÓN, 2004).

Da mesma forma, o destino também possui elementos e fatores que são responsáveis por atrair a atenção do turista e fazer com que ele opte por conhecer este ou aquele local, a partir de atrativos, de qualidades ou vocações do próprio destino. Estas características, por sua vez, podem também provocar lembranças e suscitar memórias já vividas ou desejadas pelo visitante, proporcionando novas sensações e vivências. (BURNS, 2002). “A vinculação entre turismo e espaço urbano é bastante forte, isso porque ao exigir equipamentos e áreas diferenciadas o primeiro acarreta consequências no urbano e é por este influenciado”. (PAIVA, 1995, p. 68).

Sendo assim, as motivações, segundo Gastal (2001), determinam os movimentos turísticos e, conseqüentemente, aumentam o fluxo de pessoas nas cidades. Ainda sobre as motivações, Castrogiovanni (2001) argumenta que o turista, ao viajar, busca “os elementos da paisagem, os espaços construídos e o movimento da vida. É este fator de estranheza de como a vizinhança vive diferentemente e realiza a proeza da sobrevivência com sentido que atrai e estimula o movimento do visitante”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 15).

A partir destas reflexões, é possível perceber que o conceito de lugar está ligado ao de experiência, por representar uma conexão mais singular e completa com o espaço e por considerar que “o lugar guarda uma dimensão prático-sensível, real e concreta”, que a influencia. (CARLOS, 2007, p. 15). A experiência, por sua vez, acaba por ser determinada ainda pelos fatores motivacionais vistos acima, estabelecendo-se, assim, relações, identidades e significados únicos, que delinearão a percepção da experiência, a qual será melhor discutida no subcapítulo 2.4.

Após as discussões sobre o conceito de lugar, e também relacionado ao conceito de espaço, aparece o de paisagem. Esta, por sua vez, é considerada “[...] um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado”. (DUNCAN, 2000, p. 106). Concordando com este pensamento, Carlos (2007) comenta que “a ideia de paisagem revela uma obra coletiva, que é a cidade produzida pela sociedade e, por isso, contemplando todas as dimensões humanas. Nessa direção a paisagem revela-se cheia de vida, ao mesmo tempo que expressão de sentimentos contraditórios, paixões e emoções”. (CARLOS, 2007, p. 33).

Para Santos (1997, p. 61), “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”, estando diretamente ligada à percepção, ao que chega aos sentidos. (SANTOS, 1997).

Pelo fato da paisagem ser “um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais [...], a vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores”. (SANTOS, 1997, p. 65). Com relação a isto, considera-se aqui que “a paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem” (SANTOS, 1997, p. 64), podendo ser também

denominada de paisagem cultural. Sobre isto, considerando que “a paisagem cultural expressa o trabalho do homem sobre o espaço”, conclui-se que ela “não é estática, está sujeita a mudar, tanto pelo desenvolvimento da cultura, como pela substituição desta”. (RIBEIRO, 2007, p. 22).

Além disso, a partir do momento que se passa a entender uma determinada paisagem como sendo cultural, vê-se que seu conceito pode estar acima do que é possível de identificar visualmente, em relação às ações do homem. Dessa forma, a paisagem, então, passa a ser “introjetada no sistema de valores humanos, definindo relacionamentos complexos entre as atitudes e a percepção sobre o meio”. (RIBEIRO, 2007, p. 24). Assim, de acordo com os estudos do autor, “[...] a paisagem não reside somente no objeto nem somente no sujeito, mas na interação complexa dos dois”. (RIBEIRO, 2007, p. 30).

Essas percepções de espaço, lugar e paisagem, portanto, irão depender indubitavelmente de quem os observa e de que forma eles se identificam com este espaço. Como exemplo, analisando as diferenças e semelhanças entre a percepção da paisagem pelos moradores e pelos turistas/visitantes, percebe-se que “o visitante enxerga a paisagem como um forasteiro, reverencia um patrimônio coletivo que muitas vezes não possui o mesmo significado para o morador” (MAGALHÃES FILHO e OLIVEIRA, 2013, p. 36). Nesse aspecto, Duncan (2004), comenta que uma das linhas de investigação sobre a significação de uma paisagem é justamente essa questão da interpretação por pessoas que não são do local.

aqui o interesse está na diferença entre o discurso através do qual o *'outsider'* interpreta a paisagem e o discurso do *'insider'*. [...] o *'outsider'* pode manter um certo distanciamento crítico que o coloca numa perspectiva diferente da visão tomada como dada, ou naturalizada, das pessoas do local. Normalmente, as paisagens tendem a parecer naturais ou inevitáveis àqueles que vivem e trabalham nelas. (DUNCAN, 2004, p. 108).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Claval (2004, p. 67) salienta que “os signos de que as paisagens são portadoras transmitem mensagens intencionais, geralmente muito fáceis de serem decifradas pelas pessoas familiarizadas com a cultura local. Mas não para os outros”. Segundo o autor, a mensagem só se torna clara a partir do momento em que se conhecem os textos que ela objetiva mencionar. (CLAVAL, 2004).

Tuan (2012, p. 96), também corrobora essa análise quando comenta que “o visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente. Em uma sociedade tradicional estável, os visitantes e as pessoas de passagem constituem uma minoria da população total [...]”. Além disso, para o autor, quando as pessoas viajam em férias, deixam na cidade em que moram os problemas e uma parte deles mesmos, tornando-se “especializados e desligados, turistas que experimentam a vida sem esforço”. (TUAN, 2013, p. 178).

Assim, pode-se definir a paisagem

como uma qualidade estética que os diferentes elementos de um espaço físico adquirem apenas quando o homem surge como observador, animado de uma atitude contemplativa dirigida a captar suas propriedades externas, seu aspecto, seu caráter e outras particularidades que permitam apreciar sua beleza ou feiura. (BOULLÓN, 2002, p. 120-121).

De qualquer modo, a paisagem cultural como entendida pela geografia permite uma abrangência muito maior do termo e de sua análise com relação ao que se tinha no início da discussão sobre paisagem, quando a mesma era pesquisada apenas pelos seus aspectos visíveis, físicos, objetivos. Sob esse novo aspecto, “a paisagem passa a ser encarada predominantemente como uma construção mental da percepção do território analisado, que ultrapassa a dimensão visível, os remanescentes físicos da atividade humana sobre o solo”. (GASTAL, 2010, p. 4).

Dessa forma, podem-se citar também outras condições inerentes ao conceito de paisagem e que influenciam sua formação, como por exemplo, a percepção que turistas e moradores têm de um determinado lugar, considerando a bagagem cultural que possuem, o cenário atual em que determinado local se encontra, as circunstâncias de tempo, entre outros fatores que acabam por determinar a ligação das pessoas com um determinado espaço. Assim, a paisagem passa a fazer parte dos valores e percepções humanos, a partir do momento que proporciona a relação do usuário com seu espaço, neste caso o espaço urbano.

### 2.3 MORADORES, TURISTAS E ESPAÇO URBANO: UMA RELAÇÃO PERMEADA PELOS SENTIDOS

No que diz respeito às discussões sobre as relações existentes entre o homem e seu meio, cabe citar aqui, num primeiro momento, o conceito de “topofilia”, proposto por Tuan (2012, p. 135-136), que corresponde a um “neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão”. O autor continua assim sua descrição, analisando as diferentes respostas que um indivíduo pode apresentar ao meio ambiente, podendo ser, primeiro: “[...] basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra”. (TUAN, 2012, p. 136).

Além do conceito de topofilia, outra forma de relação com o lugar pode ser estabelecida, considerando-se também o conceito de topofobia que, inversamente ao primeiro, decorre da aversão aos lugares, também chamado de paisagens do medo. A partir disso, criam-se relações negativas com o lugar, de medo, de antipatia e de mal estar, devido a experiências ou lembranças ruins, entre outras características que causam uma espécie de repulsão a certos locais. (TUAN, 2005). Cabe mencionar que esta discussão será abordada em mais profundidade no subcapítulo 3.1.

Dessa forma, “com intensidade e ritmos diferentes, porém de modo irreversível, a tomada de consciência do novo relacionamento entre os homens e seu meio ambiente alcança cada continente, região, país e província do mundo”. (AMORIM FILHO, 1996, p. 139). Com isto, pode-se dizer que, segundo Carlos (2007, p. 17) “as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”, visto que é por meio dele e de seus sentidos que o homem “constrói e se apropria do espaço e do mundo”, e assim o percebe. (CARLOS, 2007, p. 17).

Nesse sentido, o contato físico e os estímulos sensoriais que se tem com o lugar também influenciam na maneira com que o indivíduo percebe o meio natural

ou urbano e suas paisagens, permitindo a construção de imagens e imaginários. Segundo Tuan (2013, p. 19), “a experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; [...] a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência”. Neste caminho, também aparecem os sentidos humanos como aprimoradores e provocadores de sensações diferenciadas quando relacionados ao ambiente externo. (TUAN, 2013).

Além disso, como já mencionado no subcapítulo 2.1, a sociedade se apropria do espaço urbano, que possui uma característica de dinamicidade e, por isso, passa a representar e conjugar uma série de comportamentos, origens e aspectos culturais diferenciados, carregados pelas pessoas que dele fazem parte, modificam e são modificadas por ele, por meio de interesses igualmente diversificados. (CASTROGIOVANNI, 2001). Dessa forma, “a cidade deve ser vista como uma representação da condição humana, sendo que essa representação se manifesta por meio da arquitetura em si e da ordenação dos seus elementos. [...]”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 23). Essa ordenação, por sua vez, estabelece “[...] relações de ordem, com base na construção de uma hierarquia de valores, no caso, com o objetivo de facilitar o desenvolvimento das atividades turísticas”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 23).

Porém, para Tuan (2013, p. 224) “[...] o homem moderno se movimenta tanto, que não tem tempo de criar raízes; sua experiência e apreciação de lugar é superficial”. De acordo com o autor, para os moradores de uma cidade, reconhecer lugares se torna tarefa fácil. Porém os turistas, que estão sempre em busca de novos lugares, quando adentram um novo ambiente, “são forçados a ver e a pensar sem apoio de todo um mundo de vistas, sons e cheiros conhecidos – em grande parte irreconhecidos – que dão peso ao ser: os lugares de férias, apesar de encantados, após algum tempo parecem irrealis”. (TUAN, 2013, p. 178).

Assim, “[...] ‘sentir’ um lugar leva mais tempo: isso se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e ao longo dos anos”, representadas por “uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do Sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos”. (TUAN, 2013, p. 224).



Para Yáziqi (2003, p. 71), por sua vez, o sentido afetivo corresponde àquele “que cria o sentimento de pertença ao lugar, fator cívico fundamental para um destino em construção”. Nesse aspecto, há “[...] o impacto de que uma imagem urbana pode provocar nos imaginários de todos quantos a experimentam”, considerando esta imagem não como um código, como algo físico, mas sim como “uma arquitetura lenta de percepção do cotidiano”. (FERRARA, 1996, p. 61).

Dessa forma, “o trânsito da leitura turística deve ficar entre as possíveis percepções humanas e o infinito mundo dos desejos”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 26). Ainda segundo o autor, em relação a estes desejos, “[...] um simples café com um cenário romântico pode atrair mais do que um jardim botânico com tecnologia moderna construído para o plantio de uma coleção infinita de plantas exóticas”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 26).

Seguindo as considerações sobre a formação da imagem pelos turistas, tem-se que a formação de estereótipos a partir de “impressões iniciais [do espaço], mesmo quando vivenciadas de forma superficial, podem afirmar ou denegar a condição de hospitalidade ou rejeição conferidas à cidade”. E, assim, “situações consideradas negativas ou positivas, experimentadas durante a estadia dos visitantes, vão formar a imagem que passam a ter [...]”. (BARREIRA, 2012, p. 102).

Por outro lado, de acordo com Tuan (2013, p. 128), “o espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana”. Da mesma forma, “[...] o meio ambiente construído define as funções sociais e as relações. As pessoas sabem melhor quem elas são e como devem se comportar quando o ambiente é planejado pelo homem e não quando o ambiente é a própria natureza”. E continua seu pensamento afirmando que “a arquitetura ‘ensina’. Uma cidade planejada, um monumento, ou até uma simples moradia pode ser um símbolo do cosmos. Na falta de livros e instrução formal, a arquitetura é uma chave para compreender a realidade”, além de exercer um impacto direto sobre os sentidos e os sentimentos. (TUAN, 2013, p. 128).

Além disso, “[...] a cidade é uma construção física e imaginária, compreende um lugar e faz parte do todo geográfico. [...] O traçado de uma cidade é uma arte processual e representa uma leitura temporal”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 30). De acordo com Costa e Digiovanni (1991, p. 35), “os olhares lançados sobre a cidade, ainda que partindo de diversos pontos de observação, trazem em comum



uma tendência ao uso das lentes das generalizações, produzindo e incorporando leituras do meio urbano pontuadas por concepções universalizantes”.

Além do que pode ser visto, a cidade também representa o que pode ser sentido, considerando-se que o meio ambiente construído tem “o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar e ampliar a consciência” (TUAN, 2013, p. 133). Além disso, “são os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso”. (CARLOS, 2007, p. 18).

Desta forma, confirmando o pensamento exposto acima, “se nos recusarmos a encarar o espaço vivenciado no sentido da pura experiência espacial, como algo somente psíquico, por outro lado, ele tampouco seria um objeto destacado do sujeito”. (BOLLNOW, 2008, p. 20). Segundo o autor, trata-se “da relação que surge entre os seres humanos e seu espaço [...] logo, também, da estrutura da própria existência humana, uma vez que esta é determinada por sua relação com o espaço”. (BOLLNOW, 2008, p. 20). O autor ainda complementa seu pensamento afirmando que “[...] o espaço não apenas está aí, independentemente do homem. Há somente um espaço uma vez que o homem é um ser espacial, isto é, que forma espaço e se expande no espaço”. (BOLLNOW, 2008, p. 21).

Sendo assim, “o espaço deve ser visto como um fator da evolução social, portanto, produzido e reproduzido constantemente” e “as cidades são partes representativas da complexidade que é o espaço geográfico”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 24). Desta forma, “[...] pela própria dinâmica do capitalismo [a cidade] dificilmente deixa de modificar alguns detalhes, que para o turismo podem ser fundamentais no processo de capitalização da paisagem. Com isso define-se o espaço urbano sempre como dinâmico”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 25). Além disso, “nas leituras do espaço urbano, também devem ser consideradas as singularidades étnicas ou de comportamento locacional, ou seja, vestimentas, sotaques, idiomas ou dialetos, [...] música local, danças, jogos, costumes etc.”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 31).

Assim, com as discussões acerca de como moradores e turistas podem se relacionar com o espaço urbano que habitam, frequentam ou visitam, e considerando os conceitos relacionados à topofilia (quando se desenvolve o sentimento de amor e afetividade por certo local); topofobia (quando certos locais

e/ou paisagens causam ojeriza à pessoa); lugar (que passa a ser assim considerado a partir do momento em que um indivíduo se sente pertencente a determinado local; está também relacionado ao conceito de topofilia); imaginários (entendido aqui como um conjunto de imagens que se formam antes de conhecer de fato um local, de acordo com o que é apresentado em fotografias, falas, vídeos, etc.); entre outros, é possível continuar a desenvolver outras teorias relacionadas à experiência destes usuários a partir do momento que conseguem perceber a cidade e interagir com ela, observando, posteriormente, os elementos que auxiliam neste processo.

Por fim, cabe ressaltar que cada indivíduo perceberá e se relacionará com o espaço urbano de maneira singular, sendo até mesmo curioso “[...] o fato de que as pessoas podem desenvolver uma paixão por um tipo de meio ambiente sem terem tido contato direto com ele. É suficiente uma história, um trecho descritivo ou uma gravura em um livro”. (TUAN, 2013, p. 225). Dessa forma, se dará continuidade às discussões referentes à forma como as pessoas podem perceber o espaço urbano em que vivem ou aquele que visitam, mesmo que isto represente uma experiência urbana temporária.

## 2.4 A EXPERIÊNCIA URBANA: A CIDADE A SER DESVENDADA POR MORADORES E TURISTAS

A partir das constantes mudanças ocorridas nos modos de viajar e “consumir” as cidades, que começaram a ser observadas principalmente desde o século XX, surge concomitantemente a necessidade de se pesquisar sobre como o turismo vem se desenvolvendo no meio urbano, principalmente no que se refere às visitas as grandes cidades, e de que forma estas vêm reagindo e agindo em relação a isso. (CASTROGIOVANNI, 2001). Na realidade, de acordo com Yázigi (2003, p. 71), “o urbano não é o único tipo de território em que se pratica o turismo, mas seguramente o mais importante, porque para fins de se conhecer uma civilização, ele é o lugar por excelência do encontro social e cultural”.

Além disso, segundo Gastal (2001, p. 35), as cidades “[...] abrigam a cada ano um maior contingente de moradores, e são, também, cada vez maiores os contingentes de viajantes que optam por elas como destinos turísticos”. Isso demonstra um fator importante a ser considerado ao se trabalhar com o turismo no meio urbano: olhar tanto para os moradores (em primeiro lugar) quanto para os

turistas, a fim de que haja um equilíbrio entre necessidades reais e aparentes. (GASTAL, 2001).

Porém, de acordo com Yázigi (2001, p. 11), a partir dessas mudanças no modo de viajar, da evolução tecnológica, da presença de alguns modismos e à medida que aumentou o fenômeno da globalização, “perdemos a graça de viver os lugares com graça”. Deixou-se de valorizar as cidades pelos diferentes elementos e singularidades que cada uma possui, deixou-se de vivenciar o lugar por completo, de reconhecer e perceber a sua “alma” e passou-se a ficar comum o fato de se ter e visitar lugares com a mesma cara, com as mesmas características, com a mesma urbanização. (YÁZIGI, 2001; 2003).

O mesmo autor ainda coloca em pauta a questão dos “setores turísticos” que são criados para atender prioritariamente os interesses e necessidades dos turistas e que acabam por segregar a cidade: visitantes de um lado, residentes de outro. Assim, para o autor, “[...] As chamadas ‘ruas de lazer’ ou ‘de turismo’ representam o expediente alienado, inventado pelas prefeituras para suprir a incapacidade gerencial das cidades”. (YÁZIGI, 2003, p. 74).

Por outro lado, Castrogiovanni (2001, p. 07), em relação ao fato da globalização citado anteriormente, apresenta uma visão mais positiva, afirmando que “o cenário da globalização oferece uma nova geografia turística, na qual há mais ofertas competindo com produtos tradicionais”. E continua seu pensamento mencionando que as cidades acabam por concentrar diversas atrações, simbolismos e produções culturais que, por sua vez, permitem o desenvolvimento a curto e longo prazo desses locais. (CASTROGIOVANNI, 2001).

Não obstante, esse tipo de desenvolvimento só é possível através do aumento da oferta de equipamentos, serviços e estruturas e proporciona a revitalização de áreas que possuem grande importância e expressividade histórica e cultural, mas que por um tempo ficaram “adormecidas”, esquecidas pela população local e, conseqüentemente, não possuíam valor para o turismo ou não eram divulgadas para este fim. (CASTROGIOVANNI, 2001).

Em relação ao exposto, concorda-se com o que é apresentado pelos autores Castrogiovanni (2001) e Yázigi (2001; 2003), porém vale acrescentar que o desenvolvimento do qual trata Castrogiovanni (2001) deve ser complementar ao argumento de Yázigi (2001). O turismo tem a possibilidade de desenvolver e contribuir positivamente no crescimento de uma cidade desde que aconteça de

forma planejada e esteja de acordo com os interesses e necessidades da população local, de forma que passe a valorizar elementos históricos e culturais antes esquecidos, conforme mencionado; que promova o sentimento de pertencimento de seus moradores; e que permita o desenvolvimento das cidades de forma a melhorá-las e diferenciá-las umas das outras a partir de características singulares, sem o objetivo de torná-las iguais ou de criar lugares-comuns.

Assim, apresenta-se como complemento ao exposto o fato de que

as cidades são representações fiéis dos macromovimentos sociais. Elas são um recorte do mundo, onde independentemente de suas dimensões ou relevância regional, vibram e transformam-se de acordo com as necessidades e solicitações das políticas e movimentos sociais locais, atrelados aos universais. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 23).

De acordo com o autor, a cidade, por meio de sua dinâmica social e relacional, à medida que “[...] pulsa, vive, seduz, agride, transforma-se e transforma aqueles que nela interagem”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 31). Este pensamento também permite refletir sobre o fato de que a cidade está em constante mudança e, portanto, não é estática, visto que “a mudança é inerente à vida, ainda que seu ritmo e natureza sejam diferenciados” e, além disso, cabe lembrar que “[...] nenhuma cidade aparece de repente, mas por sucessivos acréscimos, resultantes da dinâmica socioeconômica com o espaço. [...]”. (YÁZIGI, 2003, p. 88).

Nesse sentido, e com o surgimento constante de novas tendências, Gastal (2001, p. 35) afirma que junto com elas “[...] há a presença contínua da cidade reordenando o setor [de turismo], a partir do momento que condiciona novas formas de consumo de todos os produtos turísticos, ampliando o grau de exigência dos turistas, [...] oriundos de médias e grandes cidades”. Estes turistas, por sua vez, também acabam por alterar suas motivações de viagem ao longo dos anos, gerando novos fluxos turísticos e permitindo novas reflexões acerca do assunto.

Dentre estas novas reflexões, encontra-se o conceito de experiência que, neste trabalho, será utilizado e compreendido não como um segmento específico (como conteúdo relacionado ao termo ‘turismo de experiência’) e sim como o define Tuan (2013, p. 17), em que o autor explica que a

experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras

variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

Optou-se aqui por não utilizar o conceito de turismo de experiência, visto que na maioria das vezes ele aparece relacionado à parte mercadológica da área, ressaltando questões voltadas ao aperfeiçoamento de produtos e serviços em detrimento da satisfação de visitantes e turistas. (PANOSSO NETTO e GAETA, 2010). Desta forma, acaba-se deixando de lado o contato efetivo com o ambiente (sem objetivo principal de lucro), com a população local ou com certos espaços urbanos dentro da cidade que, caso fossem melhor trabalhados, poderiam “maximizar, entre todos os grupos da sociedade e de todas as maneiras, a topofilia”, bem como estimular trocas mais humanas entre visitantes e visitados. (AMORIM FILHO, 1996, p. 152).

Assim, para este trabalho e de acordo com Tuan (2012, p. 21), mesmo o sentido da visão sendo ativo, do qual “o homem depende mais conscientemente [...] para progredir no mundo”, visto que é o primeiro a ser utilizado na apreensão de imagens e percepção de lugar, optou-se por também considerar os demais (olfato, audição, paladar e tato), principalmente no momento de aplicação dos instrumentos de coleta de dados e na análise de resultados (ver Capítulos 4 e 5). Esta escolha foi feita pelo fato de que todos os sentidos colaboram na construção da percepção do espaço urbano, sendo complementares uns aos outros; vale ressaltar que uns podem ser mais relevantes que os demais, mas não por isso únicos, devendo, portanto, considerá-los em conjunto.

Além disso, o autor afirma que “a experiência está voltada para o mundo exterior” (TUAN, 2013, p. 17), implicando “a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 2013, p. 18), estando também, segundo o autor, diretamente relacionada aos conceitos de sensação, percepção, concepção, emoção e pensamento. Para ele,

as experiências íntimas são difíceis de expressar. Um simples sorriso ou contato pode alertar nossa consciência sobre um momento importante. Na medida em que esses gestos podem ser observados, eles são públicos. São, entretanto, efêmeros e seus significados estão tão longe de uma interpretação verdadeira, que não podem propiciar a base para o planejamento em grupo e ação. Carecem da firmeza e objetividade de palavras e imagens. (TUAN, 2013, p. 167-168).

Dessa forma, é possível observar que a experiência está diretamente relacionada ao conceito de lugar, visto que a relação de um indivíduo com este [o lugar], vai gerar uma experiência. Da mesma maneira, “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. (TUAN, 2013, p. 167). Como afirma Wanderley e Menêzes (1996, p.174), “os lugares são, portanto, núcleos de valor, que atraem ou repelem em graus variados os indivíduos e os grupos”. E, assim, “entender como as pessoas percebem o seu ambiente de vivência significa estar aberto a aceitar várias formas de ver o mundo, porém nenhuma delas corresponderá a uma verdade única”. (NITSCHE, 2012, p. 70).

Nesse sentido, Hora e Cavalcanti (2003) afirmam que os mecanismos de associação, a capacidade de imaginação, a forma e o jeito de ser, quando trabalhos em conjunto com outros fatores de cunho educativo e cultural, acabam por condicionar o pensamento, as atitudes, a percepção e a sensibilidade do observador em relação à paisagem e à sua relação com o ambiente que o cerca, considerando-se também os fatores emocionais, afetivos e sensoriais. A partir disso, observa-se que “o cerne da viagem não é o deslocamento geográfico, mas a experiência sensorial da percepção da paisagem, chamada de ‘olhar de turista’”. (HORA e CAVALCANTI, 2003, p. 224).

Seguindo esta linha de pensamento, Hora e Cavalcanti (2003) discutem ainda a questão de que o turista e o turismo (com suas paisagens, monumentos, imagens) são elementos dependentes e necessários para que determinada experiência seja válida, visto que os “sentimentos e as impressões do turista dependem das expectativas formuladas pela produção de imagens que circulam sob diferentes versões nas interações sociais” (HORA e CAVALCANTI, 2003, p. 213).

De acordo com Yázigí (2002, p. 21-22),

para o turismo, a parte vale pelo todo e é suficiente para despertar sonhos, lembranças, nostalgias e, sobretudo, o grande fator do mercado, a necessidade de repetir a experiência. Este é o círculo do deslocamento espacial promovido, simbolicamente, pelo turismo. [...] Superam-se as barreiras do tempo misturando, imaginariamente, o passado ao presente que já incorpora um futuro previsível. Acumulam-se os detalhes, concentram-se, em um espaço edificado para esta ficção, paisagens, temperaturas, sabores, odores, cores, culturas e valores. (YÁZIGI, 2002, p. 21-22).

Nesse sentido, segundo Urry (2001), por meio da criação de produtos “tematizados”, que possuam um atrativo ou característica específica e marcante, e

que esses elementos possam ressaltar “a história do lugar e de seus personagens”, apresentando, assim, seus patrimônios materiais e imateriais, será possível “ampliar o conhecimento, possibilitar a fruição e emocionar o visitante”. (URRY, 2001, p. 16).

Ainda de acordo com o autor, o turismo cultural surge como opção de segmento capaz de proporcionar “experiências positivas do visitante com o patrimônio histórico e cultural e determinados eventos culturais, de modo a favorecer a percepção de seus sentidos e contribuir para sua preservação”. (URRY, 2001, p. 16). Para o autor,

vivenciar significa sentir, captar a essência, e isso se concretiza em duas formas de relação do turista com a cultura ou algum aspecto cultural: a primeira refere-se às formas de interação para conhecer, interpretar, compreender e valorizar aquilo que é o objeto da visita; a segunda corresponde às atividades que propiciam experiências participativas, contemplativas e de entretenimento, que ocorrem em função do atrativo motivador da visita. (URRY, 2001, p. 16).

Portanto, cabe também ao turista, a partir de seu comportamento (em termos intelectuais, históricos, culturais, psicológicos, entre outros), treinar seu olhar e suas percepções, de acordo com suas experiências de vida, visto que os valores se alteram no decorrer do tempo e a depender de cada pessoa. (URRY, 2001). Para Barreira (2012, p. 98), é preciso “[...] pensar o cotidiano e o turismo não como oposições, mas zonas fronteiriças e articuladas, supondo-se que os visitantes [são] também portadores de sentidos e interpretações sobre o tempo vivido em suas cidades de origem [...]”.

Desse modo, deve-se prestar atenção na forma como se dão e se desenvolvem essas interações e relações entre o homem e seu meio, enfatizando aqui o meio cultural, construído e/ou modificado pelo próprio homem, como as cidades que em si denotam o contexto material. Discutindo sobre essas questões, Castrogiovanni (2001) cita e toma por base os pensamentos de Marc Augé<sup>2</sup> (1992), demonstrando que todo movimento de ir e vir, de um local a outro, considerando os caminhos mais longos, podem ser entendidos e comparados à

simulação de uma investida antropológica. Vai-se a campo estranho estimulado por tais patrimônios alheios. Cruza-se a fronteira demarcada pelos limites urbanos da cidade visitada e, como estrangeiros, vasculham-se os sinais de tal interação entre a comunidade nativa e o espaço sob

---

<sup>2</sup> AUGÉ, M. **El viaje imposible**: el turismo e suas imágenes. Barcelona: Fedisa, 1992.



exame. Cada singelo objeto é artefato arqueológico que demanda observação potencial. A rotina do nativo é igualmente objeto de exame. Interessa seus hábitos e costumes. Formas de trabalho e lazer. Vivenda e arte. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 15).

Nesse sentido, observa-se que as relações e inter-relações existentes não só entre visitante e visitado, mas também entre visitante e destino como um todo representam uma curiosidade e um mistério a ser desvendado pelos olhares “estrangeiros”. Um intercâmbio cultural que precisa ser bom e saudável para os dois lados, promovendo novas experiências, novos usos do espaço e muitas vezes despertando novos olhares e percepções também entre moradores e o lugar onde vivem.

Assim, com uma gama diversificada de paisagens, atrativos, cidades, paraísos, monumentos, lugares que permitem o relaxamento ou a aventura, entre outras possibilidades de “exploração”, o turismo vai se desenvolvendo e promovendo o crescimento da economia, do comércio, das regiões visitadas, assim como acaba por provocar efeitos positivos e negativos tanto sobre as pessoas quanto sobre os ambientes. (SANTANA, 2001, p. 43). Porém, a partir de um planejamento prévio e acompanhamento da atividade, é possível minimizar os efeitos negativos e maximizar os positivos, permitindo a continuação dos fluxos e conscientizando os turistas quanto às suas atitudes e comportamentos perante o destino.

Conforme afirma Carlos (1996, p. 25), “nesse processo [de transformações aceleradas provocadas pelo processo de globalização] o espaço tem papel fundamental na medida em que cada vez mais entra na troca, como mercadoria”. E, segundo a autora, o turismo passa a ser uma das atividades que produz e também modifica esse espaço, que neste trabalho é enfatizado e representado pelos centros históricos urbanos.

Nesse sentido, Wainberg (2001, p. 13), a partir de estudos sobre a semiótica do espaço urbano, considera que a cidade “deve ser vista como uma escritura, uma fala a ser interpretada pelo transeunte [...] um enigma a ser desvendado pela exploração. [...] É uma obra de arte viva, e seus atores móveis são seus habitantes”. Também, segundo Certeau (2013), assim como se moldam frases para explicar determinado fato ou fenômeno, também se moldam percursos a partir do caminhar. Deste modo, a percepção, por sua vez, passa a ser estimulada pelo estranhamento



que se tem do espaço, enfatizando ruas, avenidas, bairros, marcos, pontos de encontro como cafés, entre outros, descrevendo que

[...] por serem escrituras, as cidades apresentam graus variados de legibilidade. Ela aumenta na medida em que o tráfego seja menos alucinógeno, como reflexos de imagens nas janelas de trens-bala. O turismo urbano demanda interpor a movimentos desse tipo obstáculos, resistências, objetos de experimentação que diminuam a velocidade e cativem a atenção, a percepção, os sentidos e, finalmente, a memória – o patrimônio decisivo da indústria. [...] O turismo é, assim, potencialmente terapêutico: propõe a aproximação cuidadosa à diferença, sua atração maior. (WAINBERG, 2001, p. 13-14).

Assim, “se a cidade pode ser lida como texto, os espaços urbanos condensam o complexo de narrativas a ser decifrado, um enigma sociológico dotado de circularidade a transitar entre o imaginário e o conjunto de práticas sociais.” (BARREIRA, 2012, p. 239). Entre o que moradores vivenciam diariamente e sonham, e o que turistas imaginam e, posteriormente, experimentam. (BARREIRA, 2012). Para a autora, “[...] os estrangeiros [são] suscetíveis de informar e direcionar as novas percepções construídas nas experiências de viagem”, visto que trazem “[...] em suas ‘bagagens culturais’ a introjeção de um cotidiano de origem, capaz de informar, por oposição, complemento, ou continuidade, representações sobre a cidade visitada”. (BARREIRA, 2012, p. 98). Assim, “as projeções do cotidiano no lazer estabelece, portanto, um elo significativo ou um sentido de comunicação entre experiências urbanas do passado e do presente capazes de apontar inovações ou reproduções de práticas e estilos de vida”. (BARREIRA, 2012, p. 98).

Com relação a isso Tuan (2013, p. 15) menciona que “as pessoas tendem a eliminar aquilo que não podem expressar”. Porém, “[...] é possível articular sutis experiências humanas, tarefa a que os artistas vêm se dedicando, - frequentemente com êxito”. Além disso, “em obras literárias, bem como em obras de psicologia humanística, filosofia, antropologia e geografia, estão registrados intrincados mundos de experiências humanas”. (TUAN, 2013, p. 15).

Desta forma, “a cidade sedia encontros, informação, diversão, negócios, serviços, compras, sendo cada uma dessas categorias subdivididas em inumeráveis possibilidades de atração turística”. (YÁZIGI, 2001, p. 72). Nesse sentido, pode-se dizer que “o fenômeno turístico [...] é, em essência, fortemente visual. Vasculha-se o assentamento para inferir o significado daquela localidade e sua originalidade. O

primeiro choque cultural é, por isso mesmo, urbanístico”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 15).

Assim, principalmente a partir do momento em que estimula uma caminhada mais tranquila e menos apressada, a cidade passa a promover a contemplação e, junto com esta, uma série de sensações e estímulos diferenciados, que passam a entreter e até mesmo inebriar o visitante e seus moradores. Cheiros, cores, histórias, costumes e detalhes que às vezes passam despercebidos ao primeiro olhar, tornam-se elementos determinantes e/ou modificantes da visão e percepção do todo, além de proporcionarem um aumento na qualidade da experiência entre visitante e local visitado. (WAINBERG, 2001).

De acordo com Nitsche (2012, p. 71), “na contemporaneidade, os estudos de percepção acabam figurando como um princípio para o desenvolvimento de outras teorias e metodologias relacionadas a distintas correntes teóricas [...]”. Neste trabalho, para citar alguns, foram utilizados autores que trabalham a questão da percepção aliada às temáticas de experiência, sentidos e relação com o lugar (TUAN, 2012; 2013), com textos originais da década de 1980; ambiental e representação do espaço geográfico (OLIVEIRA, 1996); imagem e paisagem (LYNCH, 1996); e outros que trabalham mais especificamente, mesmo que de forma subjetiva, a percepção relacionada ao turismo, aos turistas e à cidade (WAINBERG, 2001; BARREIRA, 2012; SÁ, 1991; CASTROGIOVANNI, 2001).

Além disso, sobre outros autores que tratam de termos inerentes à percepção, experiência e turismo, cita-se Yázigi (2001; 2003), Urry (2001) e Boullón (2002). Optou-se por realizar uma seleção de autores que trabalham (com) e discutem o termo percepção a fim de que a leitura não se tornasse cansativa e visto que o trabalho não pretendia realizar um estado da arte sobre esses estudos, além de contextualiza-los.

Cabe ainda mencionar que, além dos citados, há diversos autores e áreas que desenvolvem estudos sobre percepção e/ou o uso dos sentidos, tais como, ainda na área da Geografia: Goodey (1986), Serpa (2001), Kozel; Silva; Gil Filho (2006); na área de Artes: Ehrenzweig (1977), Arnheim (1980); no Design: Costa (2001), Lidwell (2010); na área de Psicologia: Day (1974), Austin (1993); em Filosofia: Merleau-Ponty (1971), Peixoto (2012); na Arquitetura: Gehl (2006); Pallasmaa (2011); entre outros que se dedicaram e/ou se dedicam a isso. Além dos autores e áreas (incluindo trabalhos de Graduação, Mestrado e Doutorado), também

são encontradas diversas metodologias capazes de analisar a percepção, como a utilização de mapas mentais, método Q, *design thinking*, entre outras.

Desta forma, há também diversas interpretações e formas de entender o termo 'percepção', que não se relacionam diretamente à discussão proposta nesta pesquisa (referente ao espaço urbano, à utilização dos sentidos e à relação entre homem e meio) e, portanto, foram desconsideradas. Desta forma, entende-se neste trabalho o conceito de percepção como sendo

um processo mental que abrange o continuum percepção / cognição / avaliação, e o de representação do espaço, para designar um meio através do qual as experiências espaciais possam ser apreendidas e transmitidas. Esse meio pode ser em alguns casos muito direto, e em outros, muito complexo e sutil, podendo incluir expressões verbais, visuais e gestuais, tais como narrativas, mitos, deslocamentos, normas de comportamento e linguagem, uso de mapas e esquemas gráficos, etc. (SÁ, 1991, p. 142).

No processo de percepção e recepção, segundo Wainberg (2001, p. 13), “o visitante é ativo, pois seleciona da interação que realiza com o ambiente, e de acordo com seus próprios critérios de significação, os elementos que devem compor a imagem a ser transportada no retorno”. Por outro lado, conforme afirma Ferrara (1996, p. 61), “só há percepção se, de alguma forma, nossos sentidos forem agredidos. De resto, é isso exatamente o que se quer quando se sai de casa para esse tipo de jornada. É esse o desejo e esse deverá ser – espera-se – o fruto”.

Barreira (2012, p. 103) expõe o fato de que “[...] a experiência de visita também produz novas percepções sobre a cidade, alterando informações prévias contidas nos ensinamentos dos materiais turísticos”. Do mesmo modo, Boullón (2002) ressalta que os turistas não querem mais ver as cidades apenas a partir da representação das mesmas em um papel, o qual serve apenas de referência a fim de identificar um determinado hotel e suas distâncias que os separam de um local a outro do espaço urbano. Pelo contrário, o que os turistas procuram e desejam visualizar pessoalmente é a cidade em si, com suas ruas, praças, edifícios, seu cotidiano e sua realidade, por meio da experiência urbana. (BOULLÓN, 2002).

Já para os habitantes, são construídos diariamente vários elementos formais que permitem a identificação e retenção, na memória, de uma imagem referente à paisagem urbana ali vivenciada e apreciada. E é justamente através desses elementos da imagem que o morador reconhece e se identifica com os lugares pelos quais costuma transitar e se orientar (BOULLÓN, 2002).

Desta forma, continua-se a discussão em torno das cidades pelo fato de representarem um elemento essencial para que a experiência urbana do usuário seja completa, considerando-se também os centros históricos urbanos, área de estudo deste trabalho.

#### 2.4.1 As Cidades e seus Centros Urbanos: Algumas Reflexões

Neste item, discutem-se as cidades com o objetivo de apresentar a visão de alguns autores sobre como as mesmas se formaram por si próprias, não estando somente relacionadas com a atividade turística, mas também com diversos outros setores da sociedade que permitem o desenvolvimento e crescimento de seus cidadãos, tanto profissional quanto pessoal. Da mesma forma, apontam-se algumas reflexões, consideradas para a presente pesquisa, acerca do caráter simbólico da cidade.

De acordo com Tuan (2013, p. 211), “a cidade tradicional simbolizava primeiro a ordem transcendental e feita pelo homem em oposição às forças caóticas de natureza terrena e infernal. Segundo, representavam uma comunidade humana ideal [...]”. E, assim, “foi como ordem transcendental que as antigas cidades adquiriram seu aspecto monumental. [...]”. (TUAN, 2013, p. 211).

Ainda em relação à cidade, o mesmo autor afirma que esta “não se torna histórica simplesmente porque ocupa um mesmo sítio durante um longo tempo”. (TUAN, 2013, p. 213). Ela se considera histórica porque, além disso, toda a sua história (ou pelo menos parte dela) e seus acontecimentos passados estão armazenados e gravados “em livros de história, monumentos, desfiles e festividades solenes e alegres que todos reconhecem fazer parte de uma tradição que se mantém viva”, e que, a partir disso, “provoca impactos no presente”. Assim, “uma cidade antiga guarda um acervo de fatos nos quais as sucessivas gerações de cidadãos podem se inspirar e recriar sua imagem de lugar”. (TUAN, 2013, p. 213).

Com relação ao Brasil, mesmo tendo crescido por meio do acompanhamento histórico-evolutivo de outros países, “nasceu já como uma civilização urbana. Vale dizer, separada em conteúdos rurais e citadinos, com funções diferentes mas complementares e comandada por grupos eruditos da cidade. [...]”. (RIBEIRO, 2006, p. 177). De acordo com o autor, com o passar dos séculos e a partir dos esforços das comunidades tradicionais que viviam no país, suas cidades foram crescendo,

evoluindo e seus centros de vida urbana, conseqüentemente, tornaram-se representativos e ricos. Ao mesmo tempo, havia “uma massa humana metida no atraso mas sedenta de modernidade e de progresso, que não podemos entregar ao espontaneísmo do mercado mundial”. (RIBEIRO, 2006, p. 187).

A partir disso, considerando a cidade enquanto uma unidade, argumenta-se que a mesma consegue se recriar e rejuvenescer periodicamente por representar uma “[...] junção provisória de pedaços, cenários e momentos da vida social”. (BARREIRA, 2012, p. 16). Seguindo este pensamento, Carlos (2007, p. 20) afirma que, considerada

expressão e significação da vida humana, a cidade a revela ao longo da história, como obra e produto que se efetiva como realidade espacial concreta em um movimento cumulativo, incorporando ações passadas ao mesmo tempo em que aponta as possibilidades futuras que se tecem no presente da vida cotidiana.

Mais especificamente relacionado aos centros das cidades, pode-se dizer que estes concentram “as principais atividades comerciais, de serviço, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos”, além de se destacarem “na paisagem da cidade pela sua verticalização”. (CORRÊA, 1995, p. 05). Desta forma, por agruparem também grande número de monumentos históricos e de valor paisagístico, além de serem, muitas vezes, sedes de Universidades e dos poderes econômico e político, acabam por adquirir “por todas estas riquezas sociais e culturais um forte valor simbólico”. (CHIAVARI e CARVALHO, 1991, p. 95).

Corroborando e complementando esta afirmação, Tuan (2013, p. 211) sinaliza que “a cidade é [...] um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo”. (TUAN, 2013, p. 211).

Em se tratando desse caráter mais simbólico, vale acrescentar as palavras de Certeau (2013), o qual menciona que “a vontade de ver a cidade precedeu os meios de satisfazê-la”. (CERTÉAU, 2013, p. 158). De acordo com o autor, as pinturas das épocas Medievais ou Renascentista representavam a cidade a partir de uma perspectiva subjetiva, de um olhar mais apurado e artístico, e por que não inovador, de forma a demonstrar as cidades vistas do alto e seus respectivos panoramas possibilitados por tal visão. Essa perspectiva trazia junto consigo certo preconceito em relação às demais camadas da população, usuárias assíduas da cidade,

justamente por não contemplá-las a partir de uma visão limiar, do seu pedestre caminhante, “cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; têm dele um conhecimento [...] cego [...]” (CERTEAU, 2013, p. 159).

Da mesma forma, “os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade”. (CERTEAU, 2013, p. 159). Aqui o autor passa a corroborar os pensamentos de Barreira (2012), quando comenta sobre a sensação de “cegueira” em relação às “práticas organizadoras da cidade habitada” que, considerando-a como escrituras “compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra”. (CERTEAU, 2013, p.159). Assim, “olhar a cidade onde se mora pode induzir ao desconhecimento do ‘já visto’ e por esse motivo incorporado à paisagem natural do saber”, complementando com o fato de que “cidades cujos códigos de tão conhecidos já não são vistos como tais podem tornar a observação ‘cega de tanto ver’, permeável às ilusões do já assimilado como evidente”. (BARREIRA, 2012, p. 15).

Como forma de tentar alterar este desconhecimento das cidades e a “cegueira” em relação às suas práticas, tanto por parte de moradores quanto de turistas, surge a oportunidade, por meio do turismo, de se elaborar e formatar roteiros turísticos que possibilitem a percepção e conhecimento das cidades como um todo, como se propõe o projeto Curitiba *Free Walking Tour* (ver subcapítulo 4.1.2). Assim, o próximo item se propõe a expor alguns conceitos e reflexões acerca desse assunto.

#### 2.4.2 Roteiros Turísticos e *Free Walking Tours* Pelo Mundo: Breve Contextualização

Em se tratando de roteiros turísticos, cabe citar aqui dois autores que tratam do assunto e servem como base para entender seus conceitos e definições.

Primeiramente, de acordo com Boullón (2002), os roteiros representam as vias de circulação de veículos e pedestres, uma vez selecionadas pelo trânsito turístico, no momento em que se deslocam para visitar os atrativos turísticos de uma cidade ou então para entrar e/ou sair dela. Segundo o autor, sua função (em um

centro turístico) “é similar à desempenhada pelos corredores turísticos na escala da totalidade do espaço turístico: ambos estruturam o conjunto”. (BOULLÓN, 2002, p. 209).

Complementando essa perspectiva de ordenação, Bahl (2004, p. 32) trabalha com o conceito de “sincronização entre espaço-tempo e bens e serviços” para definir as características de um roteiro. Desta forma, segundo o autor, essa sincronização

ocorre a partir da combinação de fatores vinculados ao espaço geográfico que será abrangido ou percorrido; aos tempos de duração dos deslocamentos e o necessário em cada destinação, bem como ao disponível pelos potenciais participantes (turistas e visitantes) para usufruto de uma programação turística; ao tipo de atrativos a serem visitados e aos serviços associados (transporte, hospedagem, alimentação, entre outros.). (BAHL, 2004, p. 32).

Assim, com o intuito de facilitar o entendimento sobre o assunto em questão, vale citar aqui outro conceito encontrado na literatura em relação aos roteiros, colocado por Brambatti (2002, p. 15), como “[...] percursos, caminhos, rotas percorridas por turistas, com o objetivo de usufruir de um contexto, visto no seu conjunto, de forma organizada e atrativa”. Para o autor, em concordância com os demais autores citados, é necessário realizar um bom planejamento da área espacial na qual se pretende introduzir um roteiro turístico, visto que ele por si só não representa o produto turístico, e sim em conjunto com outros fatores diretamente relacionados. Sobre isso, o autor coloca que:

o encadeamento necessário ao roteiro é a sua estrutura fundante. A paisagem se funde com a arquitetura. Esta por sua vez abriga as atividades produtivas, dando lugar ao movimento e à dinâmica econômica. Tudo adquire cor e vida pela cultura, pelas marcas características das identidades locais, expressas na língua, na gastronomia, nos costumes, na forma de viver, de interagir, de estar no mundo e de se comunicar com os outros. O roteiro surge então como algo próprio do lugar. Algo que só acontece ali e que faz a vantagem comparativa frente aos outros produtos e atrações. (BRAMBATTI, 2002, p. 16).

Em se tratando de roteiros, cabe ainda ressaltar algumas diferenças existentes entre os comerciais e os roteiros do tipo itinerário, sendo que, de acordo com Bahl e Nitsche (2012, p. 40), “[...] comumente elaborado pelas operadoras de turismo, o roteiro é a designação dada à programação de uma viagem, onde são descritos os locais a serem visitados, os serviços oferecidos e as atividades previstas dentro de um pacote turístico”, assumindo, portanto, um caráter mais



comercial. Já o roteiro do tipo itinerário “[...] compreende a disposição de atrativos e equipamentos turísticos num determinado espaço, interligados por vias de acesso, com infraestrutura de apoio, contando com uma comunicação visual própria que evidencie a sua identidade” (BAHL; NITSCHE, 2012, p. 41). Além disso, quanto à sua formatação, “diferentemente da elaboração de um programa de viagem feito por operadoras de turismo”, segundo Bahl e Nitsche (2012, p. 41), “os itinerários dependem de uma organização coletiva por parte dos responsáveis pela oferta turística local – iniciativa privada, poder público e sociedade civil organizada”.

Sendo assim, a partir do que foi acrescentado e adentrando aos aspectos do roteiro em si, relacionando-os com a atividade turística, Bahl (2004, p. 73-74) indica que “nos objetivos do roteiro devem ser trabalhados temas associados à cultura, história, geografia, urbanismo, religião e folclore, entre outros, para que seja feita a apresentação [...] baseada em fatos fidedignos e para que o produto seja atraente aos olhos da demanda”. Além disso, para que a atividade se desenvolva da melhor forma, é necessário “analisar o itinerário, realizar o levantamento de pontos de interesse, distâncias a serem percorridas, enfim, prever possíveis imprevistos [...]”. (BAHL, 2004, p. 73-74).

Quanto a isso, Murta e Albano (2002, p. 146) confirmam o fato de que os roteiros são fundamentais na estruturação de determinado(s) programa(s) de visitação a uma cidade e, justamente por isso, merecem uma formatação atenta e cuidadosa, antes de sua formatação e do início de sua divulgação, como forma de evitar a decepção dos visitantes e uma possível “queima” do destino ou da atração. Da mesma forma, Bahl (2004) corrobora esse pensamento analisando o fato de que é preciso conhecer bem a localidade na qual se deseja elaborar e desenvolver um roteiro, verificando sua oferta, seus atrativos turísticos, equipamentos e serviços existentes, infraestrutura, entre outros, a fim de auxiliar a montagem do mesmo e poder proporcionar uma experiência qualitativa ao turista.

Vale ressaltar que as características mencionadas por Bahl (2004), em relação aos objetivos de um roteiro, são encontradas ao longo do trajeto realizado pelo Curitiba *Free Walking Tour*. Além disso, este se caracteriza por ser um roteiro guiado (por condutores voluntários), realizado a pé e sem finalidade lucrativa.

Com relação aos *Free Walking Tours*, Segundo Severo (2014), há mais de oitenta passeios com as características de serem ‘guiados’ (não necessariamente por um profissional cadastrado em órgãos do setor turístico) e gratuitos, em mais de



sessenta cidades em todo o mundo. Dentre estes, há as opções de passeios que trabalham como o CFWT, possibilitando aos participantes que, ao final da caminhada, deem uma contribuição aos condutores de forma voluntária, não sendo uma obrigação ou um pré-requisito para participar dos grupos.

Como exemplos no Brasil, podem-se citar: o *Free Walker Tours*, no Rio de Janeiro (RJ) e em Paraty (RJ), e o São Paulo *Free Walking Tour*, em São Paulo (SP), tendo a opção de realizar também o *Paseos a pie (Walking Tour* por São Paulo em espanhol). No mundo, além de outros países, é possível realizar caminhadas gratuitas em: Buenos Aires (Argentina) – Buenos Aires *Free City Tour* e *Free Walks* Buenos Aires; Lima, Arequipa e Barranco, no Peru – *Free Walking Tour* Peru; Nova Iorque (Estados Unidos da América) – *Free Tours by Foot*; Montreal (Canadá) – *Free Montreal Tours*; Atenas (Grécia) – *Athens Free Walking Tour*; Lisboa (Portugal) – *Free Walking Tour* Lisboa; e Tóquio (Japão) – *Tokyo Free Guide*. (SEVERO, 2014).

As diferenças entre os passeios gratuitos podem variar em relação à quantidade de roteiros (alguns realizam roteiros temáticos – culturais, históricos, gastronômicos, literários); aos horários e dias em que são realizados (alguns acontecem todos os dias da semana, com saídas fixas); à necessidade de reservar o passeio ou se cadastrar previamente (alguns disponibilizam esta ferramenta em seus *sites* ou redes sociais); ao idioma (alguns realizam as caminhadas somente em inglês, mesmo estando em países que falam português); entre outras. Contudo, basicamente possuem o mesmo objetivo: mostrar espaços da cidade a turistas e moradores de forma voluntária e gratuita.

Assim, para elencar os elementos físicos presentes na cidade (considerando seus centros históricos), que auxiliam na construção da relação de experiência entre homem e ambiente urbano, e permitem aos seus usuários o perceberem de modo geral, apresentam-se e discutem-se no Capítulo 3 algumas teorias existentes sobre os mesmos.

### 3 ELEMENTOS PERCEPTÍVEIS DO ESPAÇO URBANO

Neste capítulo são discutidos os conceitos inerentes aos elementos físicos presentes no espaço urbano, relacionados ao aproveitamento e à percepção das cidades, mais especificamente no que tange aos centros históricos, a partir da experiência do caminhar por ruas, avenidas, bairros e pontos de encontro. Para isso, são também apresentados os elementos de legibilidade e imaginabilidade que representam a forma e a imagem da cidade e influenciam a qualidade da experiência, conforme aborda Lynch (1996). Além disso, volta a aparecer nesta abordagem a discussão sobre paisagem cultural, aqui agregada à paisagem urbana, e são também discutidos os elementos destacados por Boullón (2002), baseados nos de Lynch (1996) que existem nas cidades e acabam por determinar seus fluxos internos e externos, bem como sua disposição no espaço.

Por outro lado, como continuação da discussão quanto aos elementos existentes em uma cidade (que influenciam o deslocamento de pessoas), passa-se a analisá-los sob uma ótica diferenciada, mais voltada aos centros históricos e à prática do caminhar. Com isso, é possível verificar quais características são consideradas necessárias para motivar essa prática, primeiramente a partir da discussão sobre o conceito de caminhabilidade/*walkability* e '*Walkable City*' (traduzido de forma literal como 'Cidade Caminhável'), apresentado por Speck (2016), e, posteriormente, por meio da discussão dos usos e necessidades do homem em relação ao espaço urbano, às cidades em si, realizada por Jacobs (2011).

Speck (2016), nesse sentido, também expõe elementos da cidade que permitem e promovem a ação de caminhar dos pedestres a fim de que estes possam melhor usufruir do espaço urbano e contemplar seus atributos. Desta forma, são assim trabalhados os elementos físicos formadores da imagem da cidade, influenciadores da experiência e relacionados à caminhabilidade, sendo os mesmos posteriormente apresentados em quadros para melhor visualização e compreensão.

#### 3.1 DISCUSSÕES RELACIONADAS À PAISAGEM CULTURAL E PAISAGEM URBANA: A INTERAÇÃO ENTRE OBSERVADOR E OBSERVADO

Para iniciar este subcapítulo, recorda-se que cada espectador percebe o espaço à sua volta e interpreta paisagens de forma diferente, considerando suas experiências e múltiplas dimensões espaciais, evidenciando suas complexidades relacionais e os diversos atores que podem habitar essas paisagens. Dentre estas, a paisagem cultural representa aquela que foi modificada pela presença e atividades do homem, sendo um dos exemplos, a própria cidade. (BOULLÓN, 2002). Já a paisagem urbana, discussão esta que será retomada mais a frente, pode ser representada pelo “conjunto de elementos plásticos naturais e artificiais que compõem a cidade”, tais como prédios, ruas e árvores. (BOULLÓN, 2002, p. 118).

O conceito de paisagem cultural começou a ser estudado e mais conhecido a partir do ano de 1980, primeiramente pela Geografia, e mais especificamente discutido pela Geografia Cultural (CORRÊA; ROSENDAHL, 2000). Influenciados pela Geografia, os estudos de Turismo utilizam o conceito de paisagem cultural e, ao mesmo tempo, percebe-se que há um aumento contínuo nas pesquisas e estudos sobre o termo, além das obras que já existem e se dedicam à sua compreensão.

Nesse ínterim, o conceito de paisagem cultural pode ser entendido como um conjunto de fatores externos, levando em conta as ações do homem sobre determinado espaço, as circunstâncias naturais, as modificações existentes no meio, e não só o aspecto físico da paisagem. (ROSENDAHL, 2000). É preciso considerá-la como um todo, visto que “uma dada paisagem cultural tem uma história, revela os traços culturais de um grupo humano, ocorre em uma certa área e vincula-se a determinados impactos sobre o homem”. (ROSENDAHL, 2000, p. 12).

A paisagem cultural pode ainda ser referida ao “conteúdo geográfico de uma determinada área ou um complexo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural” (WAGNER e MIKESSELL, 2000, p. 133).

Além disso, com relação ao caráter de trocas e experiências entre homem e meio, também cabe aqui ressaltar, de acordo com o *site* do IPHAN, que a paisagem cultural pode ser entendida como

uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores. [...] Dessa interação surge outra característica fundamental da paisagem cultural: a ocorrência, em determinada fração territorial, do convívio entre a natureza, os espaços construídos e ocupados, os modos de produção e as atividades culturais e

sociais, numa relação complementar capaz de estabelecer uma identidade que não possa ser conferida por qualquer um desses elementos isoladamente. (IPHAN, 2017).

A utilização do conceito de paisagem cultural entendido como uma nova ferramenta de preservação do patrimônio cultural mundial foi estabelecida primeiramente pela Unesco, em 1992, e posteriormente, em 2009, o Iphan passa a reconhecer a Chancela de Paisagem Cultural como documento oficial de preservação, valorização, planejamento e gestão de locais nacionais que representam alguma característica peculiar do povo brasileiro e sua relação com o meio, como já citado. Como exemplos de paisagem cultural, podem-se citar “as relações entre o sertanejo e a caatinga, o candango e o cerrado, o boiadeiro e o pantanal, o gaúcho e os pampas, o pescador e os contextos navais tradicionais, o seringueiro e a floresta amazônica” (IPHAN, 2009).

Por outro lado, a partir do momento em que a paisagem passa a ser conhecida pelos seus diferentes aspectos, ambientes e percepções, pode-se reconhecê-la de forma natural, cultural, rural e até mesmo como uma lembrança ou memória ruim, uma situação de horror, chegando a provocar sensações e sentimentos ruins naquele que a observa. Para Andreotti (2013), por exemplo, além das paisagens consideradas poéticas, belas, lendárias, históricas pela capacidade do homem em perceber, identificar-se e associar situações e acontecimentos a elas, existem também,

paisagens absolutamente desprovidas de qualquer conotação e que podem passar por insignificantes, espaços áridos ou regiões sem vegetação, mas diante das quais, no entanto, alguém passou um dia como um radiestesista, e descreveu os muros que estavam enterrados, as fontes que estavam secas, as casas, as ruas e até mesmo as ações dos heróis que por ali passaram. (ANDREOTTI, 2013, p. 86-87).

Da mesma forma, cabe aqui citar que as paisagens também podem despertar sentimentos de medo no seu observador, justamente por essa questão das paisagens não serem sempre belas e agradáveis de forma geral. Nesse sentido, Tuan (2005) apresenta várias imagens que podem surgir a partir do momento em que se pensa no termo “paisagens do medo”, geralmente e intimamente ligadas às experiências psicológicas e sentimentais do indivíduo, associadas a situações já vivenciadas em algum momento da vida, como medo do escuro e do abandono, o

desconforto ao ver ou entrar em presídios e hospitais, ou o medo relacionado a catástrofes naturais e as guerras.

Segundo o autor, “os medos são experimentados por indivíduos e, nesse sentido, são subjetivos; alguns, no entanto, são, sem dúvida, produzidos por um meio ambiente ameaçador, outros não”. (TUAN, 2005, p. 7). Seguindo esta linha de pensamento e relacionando-o mais à questão da cidade, Nogué (2007, p. 237), indica que “explorar as paisagens do medo que se fazem e refazem nas grandes cidades atuais parece um desafio que segue aberto e requer aproximações renovadas”<sup>3</sup>. O autor também cita, a partir das consequências da globalização e da dinâmica de vida contemporânea, o fato dessas paisagens do medo se tornarem intrínsecas ao cotidiano das pessoas, visto a rejeição destas a espaços públicos; a reclusão e/ ou preferência por locais privados e ‘seguros’; a sensação de desconfiança por tudo e todos; a incerteza perante os fatos ou mudanças; o sentimento de insegurança e desamparo (NOGUÉ, 2007).

Porém, de acordo com o autor, cabe destacar que nem todas as pessoas reagem da mesma forma a essas paisagens ou sentimentos de medo nas grandes cidades, ou em qualquer outro espaço, observando novamente sua bagagem de vida e sua capacidade de controlar este tipo de sentimento, além de toda complexidade que envolve a paisagem em todos os seus aspectos e visibilidades. (NOGUÉ, 2007). Em relação a isso, portanto, a paisagem pode muitas vezes motivar (ou não) o deslocamento de pessoas a determinados destinos, influenciando a qualidade da experiência a partir das sensações que provoca. (YÁZIGI, 1995).

Dessa forma, a paisagem cultural passa a ser um instrumento considerável no que diz respeito aos sentimentos que acaba por despertar em quem a “consume” diariamente, no caso os moradores, e naqueles que visitam uma determinada região e também passam a “consumi-la”, podendo desenvolver um sentimento afetivo pelo local visitado. (TUAN, 2012).

Assim, a paisagem cultural transforma as pesquisas a partir do momento em que considera que uma paisagem não representa e nem se limita somente ao que é visível, a parte material, que chega aos olhos do observador, mas também passa a ter uma característica de dinamicidade, haja vista as ações humanas que acontecem

---

<sup>3</sup> Livre tradução do trecho: “Explorar los paisajes del miedo que se hacen y rehacen en las grandes ciudades actuales parece un desafío que sigue abierto y requiere aproximaciones renovadas” (NOGUÉ, 2007, p. 237).

de forma contínua, diferenciadas pelo tempo e que deixam suas marcas na paisagem original. (MAGALHÃES FILHO; OLIVEIRA, 2013).

Seguindo este pensamento, Nogué (2007, p. 21), afirma que “[...] a paisagem é um conceito fortemente impregnado de conotações culturais e pode ser interpretado como um dinâmico código de símbolos que nos fala da cultura de seu passado, de seu presente e talvez também de seu futuro<sup>4</sup>”.

Isto posto, tem-se que a viagem corresponde aos deslocamentos espaciais que demarcam suas diferenças concretas a partir das paisagens que revela e, sobretudo, pela visibilidade que, imaginariamente, produz. Essa visibilidade é marcada por três olhares característicos: o colonizante (procura domar o que lhe é estranho, enfrenta a viagem com a praticidade burocrática do curto prazo e do imediato; é o olhar passageiro de quem viaja, vê, enumera e volta), o conquistador (intrigante) e o existencial. (YÁZIGI, 2002, p. 17).

Num primeiro momento, pensando aqui no turista que chega ao destino desconhecido, o seu primeiro olhar “pode evocar uma condição de cegueira pela impossibilidade de filtro das imagens”, fazendo com que, a partir deste instante, tudo passe “a ser ‘observável’, tornando-se parcialmente importante. O crivo da seletividade do conhecimento cede lugar ao excesso de estímulos pela presença do novo [...]” (BARREIRA, 2012, p. 14; CERTEAU, 2013). Da mesma forma, Castrogiovanni (2001, p. 15) afirma que desse primeiro olhar surge a excitação, também pelo novo, pelas possibilidades de descobertas, pela “disposição paisagística da cidade”.

Ainda refletindo sobre esse primeiro olhar, Barreira (2012, p. 102) argumenta que as primeiras opiniões sobre a cidade, a partir de um primeiro olhar, não evidenciam contrastes e a enxergam como algo coerente. Nesse caso “o turista busca ‘o melhor da cidade’ e o faz subtraindo de sua experiência de visitação o cotidiano de dificuldades experimentadas usualmente pelo morador submetido ao cumprimento de horários.” (BARREIRA, 2012, p. 102). Assim, começam a aparecer algumas diferenças de experiências, olhares, perspectivas e vivências entre moradores e turistas.

---

<sup>4</sup> Livre tradu o do trecho: “[...] el paisaje es um concepto fuertemente impregnado de connotaciones culturales y puede ser interpretado como um dinâmico código de símbolos que nos habla de la cultura de su pasado, de su presente y tal vez también de la de su futuro”. (NOGUÉ, 2007, p. 21).

Com relação aos diferentes olhares, em complemento ao exposto, cabe aqui mencionar a obra “O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas”, de John Urry (2001), por se tratar de uma obra relacionada à análise sociológica do turismo e apresenta, entre outras questões, sua teoria referente às possibilidades do turista se relacionar com o local visitado, a partir, principalmente (mas não só), do seu olhar.

Para Urry (2001, p. 69-70), o olhar do turista é caracterizado a partir de duas vertentes, sendo uma delas a do olhar ‘romântico’ e outra correspondente ao olhar ‘coletivo’, mais relacionado a este estudo. Segundo o autor, o primeiro está relacionado e representado pela “natureza, paisagem, o campo, o bucólico, a privacidade, o intocado e a introspecção”, sendo, portanto, “notadamente individual”. Urry (2001) ainda menciona que no olhar romântico “a ênfase é colocada na solidão, na privacidade e em um relacionamento pessoal e semi-espiritual com o objeto do olhar”. Já o segundo, o olhar coletivo (representado neste trabalho pelo olhar dos caminhantes do Curitiba *Free Walking Tour*), como o próprio nome sugere, demanda um número maior de pessoas para que possa se desenvolver, visto que, de acordo com o autor, “as pessoas que estão vendo e sendo vistas é que dão sentido a esse tipo de olhar”, complementando com o fato de que “se existem muitas pessoas num lugar, é como se esse fato dissesse: é aqui que devo ficar, aqui é legal”. (URRY, 2001, p. 69-70).

Da mesma forma, Castrogiovanni (2001) afirma que o fato de olhar para as cidades, por mais semelhanças que possam ter, é sempre algo especial, um prazer diferenciado. Segundo o autor, “[...] a cada instante há mais do que os olhos podem ver, do que o olfato pode sentir ou do que os ouvidos podem escutar. Cada momento é repleto de sentimentos e associações a significados, portanto, há uma constante construção de significações”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 25).

Nessa linha de pensamento, Castrogiovanni (2001) discute e apresenta algumas reflexões do autor Massimo Canevacci<sup>5</sup> (1997), o qual expõe e afirma que “a cidade é o lugar do olhar”, cada uma com suas características específicas e peculiaridades. Os olhares que transitam por elas captam e absorvem seus significados e estes, por sua vez, podem emocionar ou causar repulsa em quem os sente. Por outro lado, a existência e captação de elementos e cenários diferenciados

---

<sup>5</sup> CANEVACCI, M. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.



do habitual representa uma motivação para que o turista continue sua caminhada de descobertas, sendo que nesta a “predisposição para tornar familiar o que se apresenta como estranho” inexistente. Segundo o autor, “é o estranho como tal que comove e que, embalado como produto, é consumido. Trata-se, de um lado, de um fenômeno de comunicação e, do outro, de percepção urbana”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 15-16).

Igualmente, a paisagem cultural de uma cidade deve ser interessante aos olhos de quem vê, a partir de sua interação com o homem e com o ambiente. Dessa forma, torna-se um importante diferencial que deve ser aproveitado na melhoria e estruturação dos empreendimentos e serviços turísticos e de apoio ao visitante, integrando aí a interpretação do patrimônio, bem como seus valores e significados. (URRY, 2001, p. 17).

Para Goodey (2005, p. 94), a fim de que este trabalho seja colocado em prática, é preciso que a sociedade conheça e compreenda os processos que permitiram as cidades se tornarem o que são hoje; é preciso “reaprender a ‘olhar as cidades’ com olhares múltiplos”, pois a partir dessa análise é possível verificar que:

a interpretação em cidades vivas tem melhores resultados através da análise de sua utilização pela comunidade e de como isto modifica o ambiente, o que pode ser detectado na estrutura simbólica de novos acréscimos e na disputa pela construção/sobreposição de lugares. Ela deve ser um prazer que seduz, uma função essencial na formação do lugar, parte construção, parte lembrança, e não simplesmente uma nota de rodapé se referindo ao passado. (GOODEY, 2005, p. 94).

Em se tratando de cidades, outro conceito também aparece: o de paisagem urbana. Segundo Cullen (1983), a paisagem urbana representa uma das formas de compreender e analisar o espaço, de forma intuitiva ou não. Ainda segundo o autor, este tipo de paisagem pode ser entendido como “a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano” além de possibilitar análises sequenciais e dinâmicas da paisagem a partir de premissas estéticas, ou seja, quando os elementos e jogos urbanos provocam impactos de ordem emocional. (CULLEN, 1983, p. 14).

Com relação a isto, Pallasmaa (2011, p. 11) menciona que “uma obra de arquitetura não é experimentada como uma série de imagens isoladas na retina, e sim em sua essência material, corpórea e espiritual totalmente integrada”. Para o autor, a partir de formas e superfícies agradáveis, uma obra de arquitetura possibilita



às pessoas utilizarem os sentidos além da visão, incorporando e integrando “as estruturas físicas e mentais, dando maior coerência e significado à nossa experiência existencial”. (PALLASMAA, 2011, p. 11).

Para Carlos (2007, p. 33), a paisagem urbana pode também ser “compreendida como momento instantâneo que surge à primeira vista aos olhos do pesquisador”, expressando “relações e ações que propiciam uma investigação sobre a cidade”. De acordo com a autora, as paisagens possuem mistérios, revelam histórias, carregam significados e “reproduzem a condição da constituição da humanidade do homem, revelando uma construção histórica cheia de arte e lembranças, fáceis de serem identificadas no lugar por aqueles que nele vivem, na medida em que o lugar é o espaço da vida”. (CARLOS, 2007, p. 33).

A fim de que se possa identificar a paisagem urbana, Cullen (1983) menciona três aspectos: a ótica, o local e o conteúdo. A ótica se refere ao próprio sentido da visão, que sequencia as percepções do homem em relação ao espaço urbano que se vê; o local, que representa o reconhecimento deste homem no espaço, relacionado à localização; e o conteúdo, como o próprio nome indica, diz respeito a tudo que está contido na cidade e, conseqüentemente, também em suas paisagens, considerando-se aspectos como cores, texturas e estilos arquitetônicos. (CULLEN, 1983).

Para Boullón (2002, p. 191), “a realidade urbana, interpretada como um fato espacial, alcança três dimensões, que chegam à quarta, pelos olhos de um observador que transforma a paisagem urbana ao circular por ela”, considerando que é a partir desta circulação que se vivencia de fato a cidade. (BOULLÓN, 2002). Assim, “por meio de uma série de elementos formais – que o homem consegue identificar e reter em sua memória – constrói-se a imagem da paisagem urbana”, pela qual o habitante se reconhece e se orienta. (BOULLÓN, 2002, p. 193).

Desta forma, considera-se que ambas as paisagens urbana e cultural contêm elementos físicos perceptíveis tanto por moradores quanto pelos turistas. Assim, para continuar analisando e compreendendo essas relações, são trabalhados a seguir conceitos e discussões acerca da formação da imagem a partir de discussões gerais e das obras de dois autores, Lynch (1996) e Boullón (2002), que tratam sobre o assunto, relacionando imagem, espaço urbano e observador.

### 3.2 ELEMENTOS FÍSICOS RELACIONADOS À FORMAÇÃO DA IMAGEM DO ESPAÇO URBANO

A contemplação do espaço urbano envolve conceitos intrinsecamente ligados e relacionados, como paisagem e imagem, visto que ambos auxiliam no processo de entendimento e percepção do que se encontra ao redor de seu usuário e de como ocorre sua relação com o meio. De acordo com Lynch (1996, p. 16), “a imagem é formada pelo conjunto de sensações experimentadas ao observar e viver em determinado ambiente”, e, por conseguinte, “as imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral de trocas entre observador e seu ambiente”, sendo que este implica o estabelecimento de relações a partir de características próprias e específicas e aquele, a partir de sua bagagem de experiências e conhecimentos e dos seus objetivos acaba por “selecionar, organizar e conferir significado àquilo que vê”. (LYNCH, 1996, p. 18). Para Boullón (2002, p. 154), “o homem percebe a paisagem por meio de seus sentidos e [...] por este canal os estímulos que eles captam chegam ao cérebro”.

Nesse sentido, cabe mencionar que “na consciência, as sensações se registram em forma de imagens que depois o pensamento assimila, dissipa, penetra, dissocia, recompõe e elabora” (BOULLÓN, 2002, p. 154), construindo, assim, a memória do indivíduo. Assim, com relação à cidade,

devido a seu caráter subjetivo, a imagem urbana resultante é parcial (não representa toda a cidade, mas fragmentos) e simplificada (porque representa informações selecionadas pelo indivíduo), podendo ser também produto de caráter cultural e coletivo: pessoas que compartilham situações similares no tempo e no espaço, expostas às mesmas experiências perceptivas, tendem a compor imagens mentais também semelhantes. (SILVA, 2004, s. p.).

Para a autora, “a imagem implica a concepção mental apreendida e estabelecida pelo indivíduo que resume seu conhecimento, suas avaliações e preferências sobre o ambiente em que vive”. (SILVA, 2004, s. p.). Segundo Lynch (1996, p. 123), “potencialmente, a cidade é em si o símbolo poderoso de uma sociedade complexa. Se bem organizada em termos visuais, ela também pode ter um forte significado expressivo”.

Seguindo esse pensamento, Wainberg (2001, p. 14), corrobora o exposto argumentando que “embora as imagens sejam construídas individualmente, há uma imagem pública – *trade mark* – desses destinos urbanos. Elas são relativamente consagradas e por isso mesmo embaladas como produtos de consumo”. O autor complementa essa reflexão expondo que “as cidades tornam-se por vezes *trade marks* poderosos e difundidos na mídia especializada”. (WAINBERG, 2001, p. 13). Além disso, Silva (2004) argumenta que, nas cidades com maior apelo turístico, “a paisagem e a cultura que ela possa revelar, traduzindo em cores, formas e sons o que de mais típico ou identitário há a se descobrir”, torna-se prioridade “manter as qualidades visuais do espaço urbano”. (SILVA, 2004, s.p.)

Porém, como também as imagens de uma cidade são construídas de forma individual, a partir da sensibilidade, da formação e de experiências passadas do observador, podem apresentar uma variação significativa. (CASTROGIOVANNI, 2001; CUSTÓDIO, 2006; MAGALHÃES FILHO; OLIVEIRA, 2013; NOGUÉ, 2007; SILVA, 2005; TUAN, 2012).

Assim,

a criação da imagem é resultante de um processo interativo entre observador e observado. O primeiro transforma a paisagem e a paisagem é transformada por ele, ou seja, há uma interação. O que ele vê está baseado na forma, mas o modo como ele percebe, lê e organiza tal leitura afeta com certeza aquilo que ele observa. O interativo é fruto do processo histórico do observador e do observado. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 27).

Para o autor, imagens iguais podem ser observadas e interpretadas de maneiras diferentes por grupos humanos diferentes entre si, a partir do processo cultural a que foram submetidos. E, da mesma forma, um determinado atrativo turístico pode chamar a atenção de um determinado grupo de turistas, mas ser ignorado por outro, evidenciando que o caráter de atratividade de um local ou destino depende do observador e de sua capacidade e/ou preparo para “sentir e perceber”. (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 27; MAGALHÃES FILHO; OLIVEIRA, 2013).

A partir do exposto, em que a paisagem aparece como um elemento perceptível do espaço urbano, e também dos centros históricos, continua-se a desenvolver este pensamento mais especificamente a partir da discussão de outros elementos (assim como conceitos e relações) trabalhados por Lynch (1996) em sua

obra “A Imagem da Cidade”, em conjunto com a teoria de organização do espaço turístico apresentada por Boullón (2002), haja vista que ambos os autores trabalham sob a perspectiva da percepção, mesmo que de forma implícita (o que se observa na obra de Boullón [2002]). Assim, permite-se uma reflexão sobre as formas de uso e ocupação do espaço urbano pelos seus usuários, além de pensar em formas de melhorar essa percepção e a experiência que ali ocorre, entre homem e meio.

Iniciando a análise direcionada pela obra de Lynch (1996), este apresenta os elementos de legibilidade e imaginabilidade pelos quais um indivíduo consegue perceber a cidade, o todo que a compõe, principalmente a partir do campo visual, porém não se excluindo os demais sentidos humanos, os quais (quando utilizados em conjunto) permitem desenvolver e criar uma imagem final resultante dessa experiência cidadina. (LYNCH, 1996). Para o autor, as pessoas criam essa imagem (ou já vêm com ela a partir de exposições anteriores ao lugar) dependendo da “qualidade do ambiente visual” que se é proporcionado, pretendendo, dessa forma, “designar a facilidade com a qual as partes [de uma paisagem cidadina] podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente”. (LYNCH, 1996, p. 12-13).

Portanto, em relação à legibilidade, a cidade, assim como seu centro histórico, pode ser “lida” e assimilada a partir de uma imagem clara, do mesmo modo como se lê e se compreende um texto. Para Lynch (1996, p. 13), “uma cidade legível seria aquela cujas freguesias, sinais de delimitação ou vias são facilmente identificáveis e passíveis de agrupamento em estruturas globais”. Este elemento, então, se torna importante a partir do momento em que determina a estrutura da cidade e o desenho de seu espaço urbano, permitindo que este seja percebido com clareza pelos seus usuários, considerando, assim, “a cidade não como algo em si mesmo, mas a cidade objeto da percepção dos seus habitantes”. (LYNCH, 1996, p. 13).

Desta forma, a fim de que se possa “ler” a cidade e percebê-la como um todo, alguns elementos físicos são destacados pelo autor, os quais são melhor descritos a partir dos tópicos que seguem. Vale ressaltar que estes elementos serão considerados no trabalho pelo fato de poderem se adaptar também à leitura dos centros históricos:

- Vias: de acordo com o autor, as vias representam os caminhos pelos quais é permitido ao usuário/observador se locomover por meio do espaço em que se

encontra. Essa locomoção pode ocorrer de forma “usual, ocasional ou potencialmente”. Como exemplo de vias, podem-se citar as “ruas, passeios, linhas de trânsito, canais, caminhos-de-ferro”. (LYNCH, 1996, p. 58). Este elemento, pelo fato de proporcionar o deslocamento de pessoas, acaba também por determinar inicialmente a formação da imagem em suas mentes, à medida que os demais elementos vão sendo representados;

- Limites: como o próprio nome indica, os limites representam as “fronteiras entre duas partes”, as demarcações ou interrupções de continuidade, ou também “elementos lineares não usados nem considerados pelos habitantes como vias”. (LYNCH, 1996, p. 58). Além disso, determinam certo isolamento entre regiões, podendo servir como referência entre um lugar e outro e auxiliar na organização de imagens criadas ao longo de um caminho. Podem-se citar como exemplos, paredes, costas marítimas (barreiras a partir da água), entre outros;
- Bairros: considerados pelo autor como “regiões urbanas de tamanho médio ou grande, concebidos como tendo uma extensão bidimensional [...]” (LYNCH, 1996, p. 58), os bairros representam, tanto para seus moradores quanto para visitantes, um elemento capaz de estruturar e permitir o reconhecimento da cidade como um todo, haja vista o fato de ocasionar uma divisão fixa da mesma e permitir a identificação de lugares e a sensação de pertencimento dos moradores em relação ao lugar onde vivem e/ou estabelecem relações (sejam estas comerciais, sociais ou de trabalho). Por meio dos bairros “[...] o observador penetra (<para dentro de>) mentalmente e [...] reconhece como tendo algo de comum e de identificável”, havendo diferenciações de um observador para outro. (LYNCH, 1996, p. 58). Em Curitiba, e mais especificamente em relação à área de estudo deste trabalho, pode-se citar como exemplo o bairro Centro, delimitando-se, neste caso, ao Centro Histórico. Outros exemplos de bairros centrais são: São Francisco, Pilarzinho, Bom Retiro, entre outros.

Cabe aqui realizar um parêntese para expor o pensamento de Tuan (2013, p. 208), o qual considera que “a rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um”. Muitas vezes a pessoa se identifica de forma completa com a rua onde mora, porém não da mesma forma com o bairro, processo este que não se finaliza

rapidamente, visto que “o conceito depende da experiência, porém não é uma consequência inevitável da experiência”. (TUAN, 2013, p. 208).

Desta forma, de acordo com o autor, um determinado bairro só passa a ser considerado como um elemento de identificação a partir do momento que representa um lugar ao seu morador e/ou observador, permitindo que estes se identifiquem com ele e se sintam pertencentes ao mesmo. Ainda assim, cabe ressaltar que representará um “lugar conceitual”, que “não envolve as emoções. As emoções começam a dar cor ao bairro inteiro – recorrendo e extrapolando a experiência direta de cada uma de suas partes – quando se percebe que o bairro tem rivais e está ameaçado [...]”. (TUAN, 2013, p. 209).

- Cruzamentos: de acordo com Lynch (1996, p. 58-59), “os cruzamentos são pontos, locais estratégicos de uma cidade, através dos quais o observador nela pode entrar e constituem intensivos focos para os quais e dos quais ele se desloca”. Por este motivo, os cruzamentos se inter-relacionam com as vias (sendo considerados nós e pontos de convergência e/ou ligação entre as mesmas, elementos que estarão presentes ao longo do deslocamento) e com os bairros (visto que representam “núcleos” ou “centros polarizadores” dentro destes, concentrando idas e vindas entre os mesmos, e se tornando um símbolo, pois a partir de um cruzamento se passa a ter acesso às demais regiões e bairros da cidade). Podem também representar mudança (de faixas, vias e direções);
- Pontos marcantes: o último e quinto elemento considerado pelo autor no que tange à legibilidade da cidade, ao contrário dos demais, representa o ponto de vista externo do observador em relação aos pontos, visto que não se encontra dentro deles, mas sim, tem a visão do todo. De acordo com Lynch (1996, p. 59), “são normalmente representados por um objeto físico, definido de modo simples: edifício, sinal, loja ou montanha. O seu uso implica a sua distinção e evidência, em relação a uma quantidade enorme de outros elementos”. Estes pontos são importantes por auxiliarem o observador a se localizar no espaço urbano, além de representarem locais de convergência e/ou encontro de pessoas para um determinado fim. Vale ressaltar que os pontos marcantes podem ser tanto naturais, abstratos quanto culturais e materiais, podendo também se localizar dentro das cidades ou a uma distância maior, interagindo

com outros elementos existentes. Representam os “detalhes urbanos”. (LYNCH, 1996, p. 59). A partir disso, pode-se concluir que os pontos marcantes podem ser ou estar associados aos atrativos turísticos de um determinado espaço urbano, como monumentos, obeliscos, museus, entre outros.

Isto posto, vale ressaltar, de acordo com o autor, que um determinado elemento perceptível não existe ou se constrói de forma isolada, sem o complemento de outro, pois como se pode observar, os elementos acabam por se sobrepor e se relacionar um com o outro, interagindo entre si e com o espaço em que se encontram. Além disso, o próprio observador irá determinar se aquilo que vê corresponde a este ou àquele elemento, visto que cada pessoa (considerando também a diferença entre moradores e turistas), como já mencionado, é única e carrega consigo experiências, culturas, conhecimentos e outros fatores diferenciados que acabam por alterar sua visão de mundo e, conseqüentemente, suas escolhas e seus olhares perante o ambiente “inexplorado”. (LYNCH, 1996).

Desta forma, os elementos de legibilidade acima apresentados, quando analisados e utilizados de maneira complementar, auxiliam o observador a perceber o espaço em que se encontra e a completar a imagem do mesmo, como resultado final de um processo de formação e assimilação. Assim, “a imagem de um bom ambiente dá, a quem a possui, um sentido importante de segurança emocional. Pode estabelecer uma relação harmoniosa entre si e o mundo exterior”, além do que “[...] um meio ambiente característico e legível não oferece apenas segurança mas também intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana” (LYNCH, 1996, p. 14-15).

Além da legibilidade, outra categoria é apresentada pelo autor, tornando-se válido considerá-la neste trabalho: a “imaginabilidade”. Legibilidade e imaginabilidade são tratadas e discutidas em conjunto e se referem à imagem. Um conceito se torna complementar ao outro a partir do momento em que o primeiro se refere mais ao caráter de clareza e possibilidade de leitura de uma imagem, “onde os objetos se podem não apenas ver, mas também são apresentados de uma forma definida e intensa aos nossos sentidos” (LYNCH, 1996, p. 20), e o segundo surge como uma consequência disso, enfatizando a imagem em si que é capaz de ser criada e revelada por meio dessa leitura realizada previamente.



Para Lynch (1996, p. 20), a imaginabilidade diz respeito “àquela qualidade de um objeto físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador”. Além disso, o autor considera o fato de que “é essa forma, cor, disposição, que facilita a produção de imagens mentais vivamente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis no meio ambiente”. (LYNCH, 1996, p. 20).

Como categorias adicionais, Lynch (1996) apresenta ao leitor alguns componentes de construção e análise da imagem (sendo estes a estrutura, a identidade e o significado), além de discutir sobre a forma da cidade e os desenhos variáveis que podem surgir a partir dos elementos já relacionados, assim como também apresenta as qualidades dessa forma, tais como singularidade, simplicidade e continuidade. (LYNCH, 1996). Porém, estas categorias e análises adicionais não serão discutidas em profundidade neste trabalho por não representarem o foco de estudo do mesmo, que neste momento tem o intuito de ser mais específico em relação à percepção e a experiência de caminhada no centro histórico de Curitiba-PR. Não obstante, sugere-se incluir a análise destes elementos mais pontuais em pesquisas futuras dentro desta temática ou equivalente à mesma.

Continuando a discussão sobre elementos perceptíveis do espaço urbano relacionados à formação da imagem na mente do indivíduo, porém agora mais especificamente voltada para a atividade turística, apresenta-se um autor que desenvolveu suas teorias tomando como base principal as ideias e pensamentos de Kevin Lynch (1996): Roberto C. Boullón (2002), a partir de sua obra “Planejamento do Espaço Turístico”.

Para Boullón (2002), a cidade é composta por seis pontos focais urbanos ou pontos de encontro, os quais representam elementos de percepção do espaço e servem para se orientar na cidade, sendo apresentados desta forma: logradouros, marcos, bairros, setores (áreas específicas de bairros), bordas (franjas urbanas) e roteiros. Abaixo, apresentam-se estes focos de forma detalhada, a fim de compará-los e agrupá-los com os elementos e considerações realizadas por Lynch (1996):

- Logradouros: Representam os “espaços abertos ou cobertos de uso público, em que o turista pode entrar e que pode percorrer livremente”. (BOULLÓN, 2002, p. 196). Como exemplos, citam-se: praças, passeios, parques,



mercados, galerias, igrejas, centros comerciais, feiras, encruzilhada de ruas e terminais de ônibus.

- Marcos: De acordo com Boullón (2002, p. 197), os marcos “são objetos, artefatos urbanos ou edifícios que, pela dimensão ou qualidade de sua forma, destacam-se do resto e atuam como pontos de referência exteriores ao observador”, representando contrastes dentro da cidade. Os exemplos podem ser bastante variados: construções maiores, monumento, fonte, cartaz de propaganda, quiosques de informação. (BOULLÓN, 2002).
- Bairros: também chamados de colônias ou distritos, “são seções da cidade relativamente grandes, nas quais o turista pode entrar e se deslocar”. (BOULLÓN, 2002, p. 202). Têm como característica a ocupação planejada e fazem parte do processo de urbanização.
- Setores: “partes da cidade substancialmente menores que os bairros, mas que têm as mesmas características destes”. (BOULLÓN, 2002, p. 205). São áreas mais particulares e, “do ponto de vista turístico, os setores são muito importantes porque, se forem valorizados, podem servir para mostrar como foi, um dia, uma cidade ou um povoado em sua etapa de máximo esplendor arquitetônico”. (BOULLÓN, 2002, p. 206). Em Curitiba-PR, pode-se citar o Setor Histórico (ou centro histórico), área de estudo deste trabalho.
- Bordas: elementos lineares que marcam o limite de transição de passagem entre áreas ou partes da cidade, podendo ser também considerado um “elemento fronteiro que separa bairros diferentes, quebra a continuidade de um espaço homogêneo ou define os extremos ou margens de partes da cidade”. (BOULLÓN, 2002, p. 208).
- Roteiros: estruturam o conjunto de um centro turístico, representando “as vias de circulação selecionadas pelo trânsito turístico de veículos e de pedestres, em seus deslocamentos para visitar os atrativos turísticos e para entrar ou sair da cidade”. Podem ser representados por: trilhas, avenidas, ruas, estradas. (BOULLÓN, 2002). Neste trabalho, utiliza-se como recorte de pesquisa o CFWT, um roteiro “de passeio a pé”, para pedestres, os quais “conectam os atrativos turísticos próximos e definem os circuitos dentro dos bairros”. (BOULLÓN, 2002, p. 214).

A partir da apresentação dos pontos focais urbanos considerados por Boullón (2002), e tendo como base os elementos físicos do espaço urbano elaborados por Lynch (1996), é possível realizar um agrupamento dos mesmos, visto que alguns deles, em comparação, apresentam similaridades. Desta forma, podem-se agrupar os pontos focais e elementos da seguinte forma: as vias com os roteiros; os limites com as bordas; os bairros propriamente ditos, considerados assim pelos dois autores; os cruzamentos com os logradouros; os pontos marcantes com os marcos; e, por fim, o ponto focal denominado “setores”, que não apresenta correlação direta com um elemento físico. Cabe citar que os primeiros elementos citados estão relacionados à Lynch (1996) e os segundos à Boullón (2002) e que, neste trabalho e para a construção do instrumento de coleta de dados, foram considerados como base os elementos físicos perceptíveis elencados por Lynch (1996).

Continuando a discussão sobre elementos, Castrogiovanni (2001, p. 30) considera que “muitas vezes o próprio caminho passa a ser o principal atrativo”. Além disso, de acordo com o autor, é importante ainda considerar outros seis pontos principais para a análise e identificação dos caminhos, como por exemplo as ruas, as avenidas, os becos e passagens, conforme se descreve a seguir (CASTROGIOVANNI, 2001, p. 30-31):

- A facilidade de fluxo das pessoas e dos veículos: devem ser observados os equipamentos turísticos e a facilidade ou não do movimento entre estes e outros pontos de interesse;
- Agradabilidade estética: é a impressão estética causada por *usos* (o uso residencial e o comercial, as áreas verdes, as áreas industriais etc.; devem ser avaliados como são usados pelos diferentes “segmentos” os diferentes espaços urbanos); *ambientes* (determinados conjuntos do caminho que se destacam por causar uma impressão agradável; pode ser um conjunto de prédios, o desenho das calçadas, a disposição de uma grande árvore, a arborização das margens de um riacho etc.);
- A paisagem construída e os caminhos: são as impressões, os sentimentos que a paisagem sugere a partir da visão arquitetônica, da sua apresentação;
- Os serviços urbanos: arborização, água, esgoto, pavimentação, iluminação, limpeza pública, transporte público ou privado, águas correntes etc.;

- Os equipamentos de apoio ao turismo: restaurantes, bares, teatros, centros de informação, hotéis, bancos, comércio, parques, praças, comunicações, postos de gasolina, borracharias, farmácias, lojas de *souvenirs*, centros de artesanato etc.; e,
- O “mobiliário” urbano: placas de sinalização, mapas de orientação urbana, bancos de praça, paradas de ônibus, postes para iluminação pública, floreiras, lixeiras, quiosques, corredores verdes, limpeza do meio-fio, brinquedos na praça etc.

Assim, a partir da exposição e discussão dos elementos acima, relacionados à formação e organização da imagem por parte do observador e ao seu reconhecimento no espaço urbano, por meio do uso e da utilização dos caminhos da cidade, cabe seguir a análise com a inclusão de outros elementos igualmente importantes. Estes, por sua vez, promovem e estimulam esse “caminhar” pelo espaço urbano, bem como possibilitam sua percepção e vivência, principalmente no tocante aos centros históricos, que carregam em si história, cultura, patrimônio e memórias.

### 3.3 ELEMENTOS RELACIONADOS À PRÁTICA DO CAMINHAR NA E PELA CIDADE

Neste subcapítulo, serão discutidos conceitos e teorias relacionadas ao uso e à ocupação do espaço urbano, mais especificamente das cidades e seus centros históricos, a partir dos quais será possível elencar elementos de análise empírica, os quais estimulam os usuários a caminhar e perceber este espaço, interagindo e se relacionando com ele. Para tanto, serão aqui apresentadas duas obras sobre o assunto, sendo uma delas denominada “Cidade Caminhável”, de Jeff Speck (2016), que traz a Teoria Geral da Caminhabilidade e apresenta dez passos, a partir de quatro elementos maiores, para se planejar uma cidade que possibilite uma caminhada agradável e segura aos seus usuários; e a outra obra, de Jane Jacobs (2011), intitulada “Morte e Vida de Grandes Cidades”, na qual a autora apresenta os usos e necessidades relacionados aos elementos e componentes da cidade, que a torna singular e ao mesmo tempo promove a diversidade urbana, bem como discute

fatores que representam a decadência e/ou recuperação das cidades, apresentando soluções práticas a fim de evitar a “morte” dos centros urbanos.

Além da formação da imagem e da presença da paisagem de forma constante no dia a dia dos usuários de centros históricos urbanos e da cidade em geral, os elementos que determinam a organização e desenho da cidade, por meio da qual o observador reconhece o espaço e se reconhece nele são igualmente constantes e vão ganhando importância à medida que se locomovem e “exploram” este espaço. Esta locomoção, por sua vez, pode acontecer por meio do caminhar, do andar e flunar pelas suas ruas, avenidas, bairros, cruzamentos, pontos de encontro, entre outros elementos que permitem uma percepção da experiência por completo e um melhor aproveitamento de todos os elementos perceptíveis em conjunto.

Speck (2016) apresenta, em sua obra, a Teoria Geral da Caminhabilidade que, segundo o autor, “explica como, para ser adequada, uma caminhada precisa atender a quatro condições principais: ser proveitosa, segura, confortável e interessante” (SPECK, 2016, p. 20). Do mesmo modo, “enquanto as compensações físicas e sociais do caminhar são muitas, talvez a caminhabilidade seja muito mais útil, já que contribui para a vitalidade urbana, além de ser o mais significativo indicador dessa vitalidade”. (SPECK, 2016, p. 14).

A partir destes quatro grupos maiores (e contido nestes), o autor elenca, por conseguinte, dez passos (chamados de “Os Dez Passos da Caminhabilidade”) que serão aqui apresentados a fim de elucidá-los e considerá-los também como elementos de análise para a elaboração do instrumento de coleta de dados desta pesquisa.

O primeiro grupo, relacionado a uma caminhada *proveitosa* (na qual o caminhante tem todas as suas necessidades atendidas, a partir da organização da vida cotidiana), apresenta os quatro primeiros passos para uma cidade caminhável, conforme seguem:

- 1) Pôr o automóvel em seu lugar: neste primeiro passo, o autor descreve a relação de hierarquia que se estabeleceu com este meio de transporte ao longo dos anos, dando a este um título de importância e necessidade sem razão, visto que, por conta disso, as cidades passaram a se formar e se organizar priorizando os carros aos pedestres. Para o autor, voltar a considerar o automóvel como uma alternativa de locomoção secundária, e

não principal, caracteriza o primeiro passo de valorização do pedestre. (SPECK, 2016).

- 2) Mesclar os usos: este segundo passo diz respeito à diversidade de atividades que deve estar presente e em equilíbrio ao longo de uma rua, avenida ou calçada, a fim de estimular e dar um propósito à caminhada, fazendo com que uma pessoa opte por fazê-la pela facilidade de acesso e pela possibilidade de resolver suas atividades em uma distância menor, sem a necessidade de utilizar outros meios de transporte. (SPECK, 2016).
- 3) Adequar o estacionamento: à medida que a quantidade de automóveis aumenta e a quantidade de vagas oferecidas é inversamente proporcional, os centros das cidades acabam morrendo, devido ao avanço de grandes áreas dedicadas a este fim. Porém, é preciso começar a modificar este uso em benefício das cidades. (SPECK, 2016).
- 4) Deixar o sistema de transporte fluir: para se ter uma cidade caminhável, também se faz necessário que seu sistema de transporte seja eficiente e leve em conta as opiniões e decisões de seus moradores em relação a alguns fatores essenciais, como por exemplo, “apoio público a investimentos em transporte, o papel desse na valorização dos imóveis e a importância do projeto no sucesso ou fracasso dos sistemas de transporte”. (SPECK, 2016, p. 74).

Com relação ao segundo grupo, representado pela caminhada *segura*, são elencados os seguintes passos:

- 5) Proteger o pedestre: para o autor, este talvez represente o passo de entendimento mais direto dentre os demais, porém não é tão simples quanto parece. Proteger o pedestre inclui uma série de elementos variáveis que devem ser considerados e que acabam por influenciar o fluxo de pedestres nas ruas. Como exemplos, o autor cita “[...] tamanho do quarteirão, largura da faixa, movimentos de conversão, [...] sinalizações, geometria das vias e vários outros fatores que, juntos, determinam a velocidade do carro e a probabilidade de um pedestre ser atropelado”. (SPECK, 2016, p. 75).
- 6) Acolher as bicicletas: levando em consideração que o uso da bicicleta torna o uso do automóvel “menos necessário”, e, por consequência, torna

a caminhada (ou pedalada) mais atrativa ao pedestre, é necessário pensar em construir infraestruturas adequadas e suficientes ao uso (ou seu estímulo) das bicicletas, que permitam um deslocamento seguro, principalmente em centros históricos urbanos, nos quais há uma concentração de pedestres, automóveis, ônibus, bicicletas e outros elementos que precisam ser considerados. (SPECK, 2016).

O terceiro grupo, correspondente à caminhada *confortável*, apresenta dois passos como ideais para se pensar em uma cidade que propicie e estimule efetivamente a prática do caminhar:

- 7) Criar bons espaços: este é um passo que, para o autor, é raramente discutido em reuniões de planejamento urbano. Além de espaços abertos e áreas verdes, os pedestres necessitam de espaços públicos que proporcionem uma “sensação de fechamento” a fim de que se sintam confortáveis e seguros. Do contrário, o exagero ou falta de algum desses elementos pode inibir a caminhada. (SPECK, 2016).
- 8) Plantar árvores: “esse passo busca expressar o pleno valor das árvores e justificar os maiores investimentos que merecem em quase toda cidade”. (SPECK, 2016, p. 76). Muitas vezes, não é dada a devida importância a elas, fato este que prejudica o desenvolvimento da cidade como um todo e, principalmente, a saúde de seus habitantes.

No quarto e último grupo, representado pela caminhada *interessante*, estão também os dois últimos passos relacionados pelo autor, conforme seguem:

- 9) Criar faces de ruas agradáveis e singulares: aqui o autor apresenta outro elemento já discutido anteriormente, sendo possível observar a complementação entre todos os demais trabalhados até aqui: a paisagem. Para Speck (2016), uma caminhada deve entreter e atrair os olhos do pedestre, ser ativa e induzir a caminhada. Segundo o autor, “as paisagens das vias urbanas têm três principais inimigos: estacionamento, drogarias e arquitetos famosos”, sendo que “os três parecem priorizar paredes vazias, repetição e desconsideração pela necessidade do pedestre de ser entretido”. (SPECK, 2016, p. 77).

10) Eleger suas prioridades: neste passo, “[...] as cidades precisam fazer uma escolha consciente a respeito do tamanho e da localização de seus núcleos caminháveis, para não desperdiçar recursos de caminhabilidade em áreas que nunca atrairão pedestres”. (SPECK, 2016, p. 77). Segundo o autor, mesmo aquelas cidades que possuem um bom planejamento de suas ruas e organizam espaços propícios à caminhada, ainda assim haverá ruas que continuarão sendo destinadas quase que exclusivamente aos automóveis, por isso se faz necessário distribuir os investimentos de forma coesa e o mais correta possível. (SPECK, 2016).

Assim, a partir da conjunção e aplicação destes dez passos, o autor acredita que as cidades poderão se tornar mais caminháveis e proporcionar uma mudança de vida em seus habitantes. Porém, vale ressaltar que, de acordo com Speck (2016, p. 21), antes disto acontecer,

devemos compreender que uma cidade caminhável não é apenas uma noção idealista e bela. Ao contrário, é uma solução simples, prática, para vários problemas complexos que enfrentamos como sociedade, problemas que minam, diariamente, a competitividade econômica, a sustentabilidade ambiental e o bem-estar social de nossos países.

Continuando esta linha de pensamento, em seu livro “Morte e Vida de Grandes Cidades”, Jacobs (2011), sendo sua obra originalmente escrita em 1961, revoluciona a forma de observar as cidades e seus fenômenos, principalmente por questionar o modo como que estavam sendo pensados e desenvolvidos os planejamentos urbanos das cidades e por criticar os princípios funcionalistas do urbanismo da época, os quais não levavam em conta as relações sociais e do homem com seu ambiente, apresentando uma opinião contrária à organização da cidade por meio de setores ou funções predeterminadas. Como contrapartida, a autora defende a diversidade, os usos mesclados (também defendidos por Speck) tanto do espaço urbano (e suas edificações) quanto em relação aos próprios usuários, visto que as pessoas merecem ter acesso integral à cidade. (JACOBS, 2011).

Para a autora, “aparentemente despreziosos e aleatórios, os contatos nas ruas também são decisivos para o florescimento da vida pública, pois forçam o aparecimento da diferença e acabam estimulando a tolerância e a convivência



pacífica entre estranhos”. (JACOBS, 2011, p. 11). A graça está justamente na visão dos espaços urbanos a partir do próprio morador, da vivência do dia a dia local, das atividades cotidianas e comuns. (JACOBS, 2011).

A partir dessas considerações, cabe aqui apresentar as quatro condições relacionadas pela autora, em sua obra, como “condições indispensáveis para gerar uma diversidade exuberante nas ruas e nos distritos” (que neste trabalho serão considerados equivalentes aos bairros, visto que o objeto de estudo da autora diz respeito às cidades americanas). (JACOBS, 2011, p. 107). Da mesma forma, essas condições serão tomadas como elementos perceptíveis, que auxiliam os usuários de centros históricos urbanos a perceber, viver e experienciar esses locais por completo.

Sendo assim, a primeira condição (A), refere-se aos bairros, nos quais, para a autora, o próprio bairro e o maior número possível de segmentos ali existentes devem ser capazes de atender as necessidades de seus moradores, bem como representar funções diferenciadas. Isso se torna ideal pelo fato de permitir a presença de pessoas nas ruas durante o dia, visto que cada uma frequentará os locais que correspondem às suas necessidades momentâneas por motivos diferenciados, fazendo com que o espaço urbano seja ocupado de forma integral ao longo do dia. (JACOBS, 2011).

A segunda condição (B) refere-se ao fato de que “a maioria das quadras [urbanas] deve ser curta; ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas devem ser frequentes”. (JACOBS, 2011, p. 107). Aqui se pode relacionar esta condição ao passo 2, proposto por Speck (2016), em que também são consideradas distâncias curtas a fim de que o pedestre tenha a oportunidade de realizar a maior parte de suas atividades a pé, além de proporcionar um aumento na diversidade de usos e encontros sociais a partir das variadas possibilidades de se deslocar pelo espaço urbano. (JACOBS, 2011).

A terceira condição (C), por sua vez, assinala a necessidade de se ter prédios antigos em meio aos novos, “de modo a gerar rendimento econômico variado. Essa mistura deve ser bem compacta”. (JACOBS, 2011, p. 108). Aqui, a autora considera como prédios antigos não somente aqueles revitalizados e/ou dotados de expressivo valor arquitetônico e cultural, como também os prédios mais baratos, que não demandaram altos investimentos para sua conclusão. Além disso, nesta condição, a



autora defende a combinação entre edifícios de diversas idades e em estados de conservação diferentes entre si. (JACOBS, 2011).

Por fim, a quarta condição (D), enfatiza que as ruas e/ou bairros devem concentrar (relacionado à densidade demográfica) pessoas de forma suficientemente alta, que possuam propósitos diferentes, incluindo o fato de escolherem esses locais como moradia.

Assim, a partir da consideração e prática destas quatro condições de forma conjunta (sem isolar nenhuma delas), segundo Jacobs (2011, p. 108), as mesmas “criam combinações de uso economicamente eficazes” e permitem que o bairro ou localidade em que forem aplicadas, atinjam seus potenciais, evidenciando a diversidade e vitalidade urbanas. A autora ainda discute alguns tópicos relacionados aos usos das calçadas (em relação à segurança, à integração das crianças e ao contato ali estabelecido) e dos bairros, servindo de aporte ao pensamento dos demais autores, contemporâneos a ela, relacionados neste capítulo.

Antes de se passar às explanações do próximo subcapítulo cabe ressaltar, depois das considerações baseadas nas obras de Lynch (1996), Boullón (2002), Speck (2016) e Jacobs (2011), além das discussões de diversos autores sobre paisagem, a inter-relação e interdependência entre os elementos aqui abordados, evidenciando a necessidade de se realizar estudos que os considerem em conjunto e não apenas de forma isolada, visto que todos contribuem para a percepção do espaço urbano, agregando valor à experiência.

Dessa forma, o subcapítulo a seguir tem a intenção de compactar e melhor elucidar estes elementos, facilitando a compreensão do leitor em relação àqueles que serão de fato utilizados no decorrer da pesquisa.

### 3.4 SÍNTESE SOBRE OS ELEMENTOS PERCEPTÍVEIS DO ESPAÇO URBANO

A partir das discussões teóricas aqui desenvolvidas, e para apresentar de forma visual os elementos que serão trabalhados nesta pesquisa, a fim de auxiliar na construção metodológica e posterior coleta e análise de dados, apresenta-se o Quadro 1, com a relação dos elementos perceptíveis apresentados neste capítulo, de forma resumida. Posteriormente, no Quadro 2, é possível reconhecer os elementos que serão efetivamente utilizados na construção do instrumento de coleta de dados (entrevista de grupo), o qual é discutido de forma detalhada no Capítulo 4.

QUADRO 1 – SÍNTESE DOS ELEMENTOS PERCEPTÍVEIS DO ESPAÇO URBANO

<b>Paisagem Cultural e Urbana</b> (Contêm os elementos)			
<b>Elementos Perceptíveis do Espaço Urbano</b>			
<u>Referentes à formação da imagem do espaço urbano</u>	<u>Referentes à prática do caminhar na e pela cidade</u>		<u>Referentes à análise e identificação dos caminhos</u>
LYNCH (1996) e Boullón (2002)	SPECK (2016)	JACOBS (2011)	CASTROGIOVANNI (2001)
Vias - Roteiros Limites - Bordas Bairros Setores Cruzamentos - Logradouros Pontos Marcantes - Marcos	Automóvel	Funções dos Bairros	Facilidade de Fluxo (pessoas e veículos)
	Usos	Tamanho das Quadras	Agradabilidade Estética
	Estacionamento	Prédios Antigos	Paisagem Construída e Caminhos
	Sistema de Transporte	Concentração de Pessoas	Serviços Urbanos
	Segurança do Pedestre	_____	Equipamentos de Apoio ao Turismo
	Bicicletas	_____	Mobiliário Urbano
	Bons Espaços	_____	_____
	Árvores	_____	_____
	Ruas Agradáveis	_____	_____
	Prioridades	_____	_____

Fonte: A autora (2018). Baseado em Lynch (1996); Boullón (2002); Speck (2016); Jacobs (2011) e Castrogiovanni (2001).

QUADRO 2 – ELEMENTOS-BASE QUE FORAM UTILIZADOS NA PESQUISA

<b>Elementos Perceptíveis do Espaço Urbano</b>			
<u>Referentes à formação da imagem do espaço urbano</u>	<u>Referentes à prática do caminhar na e pela cidade</u>		<u>Referentes à análise e identificação dos caminhos</u>
LYNCH (1996) <u>Espaço Urbano e Espaço Turístico</u>	SPECK (2016) <u>Caminhabilidade</u>	JACOBS (2011) <u>Diversidade</u>	CASTROGIOVANNI (2001) <u>O caminho como atrativo</u>
Vias	Segurança do Pedestre	Tamanho das Quadras	Facilidade de Fluxo (pessoas e veículos)
Limites			
Cruzamentos	Árvores	Prédios Antigos	Agradabilidade Estética
Pontos Marcantes	Ruas Agradáveis	Concentração de Pessoas	Paisagem Construída e Caminhos
	_____	_____	Serviços Urbanos
	_____	_____	Mobiliário Urbano

Fonte: A autora (2018). Baseado em Lynch (1996); Speck (2016); Jacobs (2011) e Castrogiovanni (2001).

Por meio da observação do Quadro 2, tem-se como elementos-chave para a construção da estrutura da entrevista de grupo e base para a observação participante e análise fotográfica (ver subcapítulo 4.3), os seguintes: vias, limites, cruzamentos e pontos marcantes, baseados em Lynch (1996); segurança do pedestre, existência de árvores e de ruas agradáveis, baseados em Speck (2016); o tamanho das quadras, a existência de prédios antigos e a concentração de pessoas nos centros urbanos, a partir da obra de Jacobs (2011); e, por fim, a facilidade de fluxos das pessoas e dos veículos, a agradabilidade estética, a paisagem construída e os caminhos e a existência de serviços e mobiliários urbanos, de acordo com Castrogiovanni (2001). Vale ressaltar que as paisagens urbana e cultural fazem parte do todo maior, pois contêm estes elementos (percebidos por meio da utilização dos sentidos), os quais, por sua vez e em conjunto, auxiliam na formação da imagem da cidade.

Desta forma, foi possível delimitar a pesquisa a fim de que fossem adquiridos resultados que se aproximassem e pudessem responder ao problema e ao objetivo

geral do presente trabalho, visto que representam elementos existentes e presentes no espaço urbano (e centros históricos). Além disto, estes elementos influenciam o modo pelo qual o espaço é percebido por moradores e turistas, de acordo com suas experiências individuais e/ou em conjunto, permitindo a tabulação, análise e compreensão dos dados bem como posteriores considerações acerca dos objetos de estudo e suas relações com a área estudada.

Quanto ao turismo, a inclusão (mesmo que de forma implícita) desses elementos no instrumento de coleta de dados aplicado aos participantes do Curitiba *Free Walking Tour* se torna pertinente a fim de analisar de que maneira turistas e moradores percebem o espaço urbano, ao indicarem pontos positivos que propiciam a realização de uma caminhada segura, tranquila e agradável, fazendo com que mais pessoas sintam-se convidadas a desvendar a cidade e suas singularidades. Além disso, por meio do *feedback* de moradores e turistas, é possível observar se o planejamento urbano da cidade considera os pedestres como prioridade e permite que estes caminhem por ela sem se sentir inseguros, inferiores ou simplesmente como se não fizessem parte do todo. Por outro lado, a percepção desses elementos também pode indicar possíveis falhas, inseguranças e outros fatores que acabam por gerar uma imagem negativa do centro histórico da cidade, mas que, por consequência, podem sugerir melhorias ao espaço e aumentar suas possibilidades de visitaçãõ.

Pretende-se, assim, instigar moradores e turistas a refletir sobre a maneira com que se relacionam com o espaço em que vivem ou visitam, bem como a lançarem novos olhares sobre este espaço, redescobrimo-o e vivenciando-o em sua completude. A partir disso, a seguir, apresenta-se o capítulo referente à metodologia da pesquisa, contendo também informações sobre a área de estudo deste trabalho, que corresponde ao centro histórico de Curitiba-PR, considerando que a base de aplicação dos instrumentos de coleta de dados se refere ao projeto Curitiba *Free Walking Tour*, o qual também será explicado no próximo capítulo.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Minayo (1994, p. 16), pode-se entender por metodologia, “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, [...] ocupando um lugar central no interior das teorias”. Segundo Goldenberg (2005), a metodologia científica não se restringe somente a algumas regras em relação à pesquisa; além disso, ela “auxilia a refletir e propicia um ‘novo’ olhar sobre o mundo: um olhar científico, curioso, indagador e criativo”, além de ser imprevisível quanto às suas etapas e buscar respostas ao problema inicial.

Além disso, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 65), “todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos [...]”, concluindo que a “utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, *mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos*” (grifo das autoras). De acordo com as autoras, portanto, “o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo [...] traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”. (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 65). Por fim, “a finalidade da pesquisa científica não é apenas a de fazer um relatório ou descrição dos dados pesquisados empiricamente, mas relatar o desenvolvimento de um caráter interpretativo no que se refere aos dados obtidos”. (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 272).

A fim de lembrar a base desta pesquisa e posteriormente explicar de que forma os resultados são apresentados, o Quadro 3 apresenta e relaciona o objetivo geral e o problema com os principais conceitos utilizados durante o trabalho, os objetivos específicos para, respectivamente, atingi-lo e respondê-lo, o marco teórico, de acordo com os capítulos desenvolvidos ao longo do trabalho, o conjunto dos elementos-base que foram relacionados no Quadro 2 e, por fim, relaciona-os também com as técnicas de pesquisa e os instrumentos de coleta de dados aplicados. Cabe mencionar que alguns conceitos, capítulos e instrumentos de coleta se encontram repetidos por corresponder a mais de um objetivo específico.

O Quadro 3 também auxilia no entendimento quanto a forma em que os resultados serão apresentados ao leitor no subcapítulo 5.2.

QUADRO 3 - RELAÇÃO ENTRE OBJETIVO GERAL, PROBLEMA, MAPA CONCEITUAL, OBJETIVOS ESPECÍFICOS, MARCO TEÓRICO, ELEMENTOS-BASE E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

<b>OBJETIVO GERAL</b>				
Analisar a percepção do centro histórico de Curitiba-PR e a experiência de caminhar por este espaço urbano, a partir do ponto de vista de moradores e turistas que participam do Projeto Curitiba <i>Free Walking Tour</i> .				
<b>PROBLEMA</b>				
De que forma os usuários (entendidos aqui como moradores e turistas) da cidade percebem o centro histórico de Curitiba-PR, a partir da sua participação no Projeto Curitiba <i>Free Walking Tour</i> e como é a experiência de caminhar por esse espaço urbano?				
<b>MAPA CONCEITUAL – CONCEITOS UTILIZADOS NO TRABALHO</b>	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>MARCO TEÓRICO – CAPÍTULOS DESENVOLVIDOS AO LONGO DO TRABALHO</b>	<b>ELEMENTOS-BASE VISUALMENTE PERCEPTÍVEIS NO ESPAÇO URBANO</b>	<b>TÉCNICAS DE PESQUISA E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS</b>
Experiência Percepção Espaço Urbano Sentidos Curitiba <i>Free Walking Tour</i>	1) Conhecer qual é e como ocorre a percepção do centro histórico de Curitiba-PR, com base na opinião de participantes que realizam o Curitiba <i>Free Walking Tour</i> , considerando a identificação de elementos físicos presentes no espaço urbano e a utilização dos sentidos para reconhecê-los.	- A relação do usuário com o espaço urbano: uma relação permeada pelos sentidos.	- Elementos do espaço urbano perceptíveis visualmente: prédios, monumentos, mobiliário urbano, curiosidades, limpeza das ruas, etc.	- Entrevista de grupo; - Observação participante; - Entrevista com uma das criadoras do projeto.

MAPA CONCEITUAL – CONCEITOS UTILIZADOS NO TRABALHO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	MARCO TEÓRICO – CAPÍTULOS DESENVOLVIDOS AO LONGO DO TRABALHO	ELEMENTOS-BASE VISUALMENTE PERCEPTÍVEIS NO ESPAÇO URBANO	TÉCNICAS DE PESQUISA E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS
<p>Experiência Espaço Urbano Caminhabilidade Curitiba <i>Free Walking Tour</i></p>	<p>2) Levantar indicadores relacionados ao conceito de caminhabilidade e interpretar de que forma os mesmos influenciam e caracterizam a percepção e experiência urbanas dos participantes do Curitiba <i>Free Walking Tour</i> enquanto caminhanças da e na cidade.</p>	<p>- A experiência urbana: a cidade a ser desvendada por moradores e turistas; - Espaço urbano e espaço turístico: usos e inter-relações a partir do deslocamento de moradores e turistas; - Elementos relacionados à prática do caminhar na e pela cidade.</p>	<p>- Elementos referentes à prática do caminhar pela cidade: caminhabilidade (pedestre, bons espaços, árvores, ruas agradáveis) e diversidade (tamanho das quadras, prédios antigos, concentração de pessoas).</p>	<p>- Entrevista de grupo; - Observação participante; - Entrevista com uma das criadoras do projeto.</p>
<p>Experiência Espaço Urbano Elementos Físicos Sentidos Percepção Caminhabilidade Curitiba <i>Free Walking Tour</i></p>	<p>3) Identificar os componentes que mais chamam a atenção durante a caminhada e, a partir disso, verificar o reconhecimento de paisagens urbanas pelos participantes do Curitiba <i>Free Walking Tour</i>, considerando as falas do condutor e os pontos de parada ao longo do trajeto.</p>	<p>- Espaço urbano e espaço turístico: usos e inter-relações a partir do deslocamento de moradores e turistas; - Discussões relacionadas à paisagem cultural: a formação da imagem da paisagem; - Elementos físicos relacionados à formação da imagem do espaço urbano; - Elementos relacionados à prática do caminhar na e pela cidade.</p>	<p>- Elementos referentes à formação da imagem do espaço urbano (e espaço turístico): vias, limites, cruzamentos, pontos marcantes; - Paisagem.</p>	<p>- Entrevista de grupo; - Observação participante; - Análise fotográfica.</p>

FONTE: Elaborado pela Autora (2018).

A partir disso, das reflexões teóricas desenvolvidas e do conhecimento dos objetos de estudo deste trabalho, ambos de caráter subjetivo, apresentam-se a seguir os tipos e técnicas de pesquisa aplicados; o tamanho da amostra em estudo; as informações referentes à elaboração e aplicação dos instrumentos de coleta de dados que serviram de aporte à pesquisa empírica e delinearão as discussões e análises posteriores dos resultados obtidos; bem como se apresenta o recorte de pesquisa utilizado, a partir da área de estudo selecionada.

#### 4.1 TIPOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa, sendo considerada, segundo Flick (2009, p. 20) “de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida” e “essa pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões”. (FLICK, 2009, p. 20).

Em se tratando de pesquisa qualitativa, o presente trabalho possui, num primeiro momento, um caráter exploratório, a fim de obter maior conhecimento sobre o tema central, melhor identificar as variáveis relacionadas a este e obter maior aproximação com o mesmo, constituindo “a primeira etapa de uma investigação mais ampla”. (GIL, 2009, p. 27). Isso se dá por meio de levantamentos bibliográficos em livros, teses, dissertações, artigos, periódicos, entre outros, tendo como objetivo “colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]”. (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 166).

Posteriormente, a pesquisa assume um caráter descritivo, descrevendo (como o próprio nome apresenta) e analisando os elementos perceptíveis do espaço urbano, o contexto em que se encontra a área deste estudo e possibilitando a construção de relações entre os conceitos estudados.

Segundo Gil (2009, pág. 27), “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Enquanto que, de acordo com o autor, as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. (GIL, 2009, p. 27).



Além destas, cabe mencionar também a pesquisa de campo, que é realizada “com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 169). A partir dela, é possível observar os fatos e fenômenos tais como acontecem na realidade, coletando dados que serão posteriormente interpretados e analisados. Com relação a isso, apresenta-se, no próximo subcapítulo, o universo e a amostra que foram estudados nesta pesquisa.

## 4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRAGEM

De acordo com Gil (2009, p. 89), “as pesquisas sociais [de um modo geral] abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade”. Portanto, para facilitar e delimitar a coleta de dados, o pesquisador acaba por “trabalhar com uma amostra, ou seja, com uma pequena parte dos elementos que compõem o universo”, levando em conta sua representatividade perante as características do todo. (GIL, 2009, p. 89).

Em relação ao tipo de amostragem deste trabalho, o que mais se adequou às suas características diz respeito à amostragem não-probabilística que, segundo Gil (2009, p. 91), “não apresenta fundamentação matemática ou estatística, dependendo unicamente de critérios do pesquisador”. Dentro da amostragem não-probabilística, optou-se neste trabalho por utilizar o tipo de amostragem por acessibilidade ou por conveniência, apresentada por Gil (2009, pág. 94). Justifica-se a escolha deste método pelo fato de a amostra ser representada pelo número de pessoas que participaram do Curitiba *Free Walking Tour* nos dias em que a pesquisa foi aplicada, sendo consideradas válidas as respostas dos turistas e moradores que se dispuseram a responder o instrumento de coleta de dados de forma espontânea, tanto pessoalmente quanto por *e-mail*.

Sendo assim, como os condutores que realizam o passeio (e o *site* do projeto) não possuem um documento com a relação ou o número de participantes que já realizaram o passeio por sábado, bem como não é estabelecido um número mínimo ou máximo de vagas por passeio, verificou-se que este tipo de amostragem foi o mais adequado para realizar a coleta de dados, sendo que o número de respondentes foi variável de um encontro para outro. Isto ocorreu principalmente

devido a quantidade de participantes que podiam e se disponibilizaram a responder a pesquisa após o término da caminhada.

Assim, a pesquisa foi aplicada oficialmente em sete dias de caminhada, entre Novembro de 2017 e Fevereiro de 2018, incluindo a realização de pré-teste. No total, 36 participantes colaboraram com a pesquisa, entre turistas e moradores, tendo como base uma média de cinco respondentes por dia de pesquisa. O encerramento da aplicação dos instrumentos de coleta de dados se deu por considerar que a amostra era suficiente para análise, por se tratar de pesquisa qualitativa e também por observar que as respostas obtidas passaram a se tornar repetitivas, indicando o momento de estagnação da coleta e saturação e suficiência dos resultados obtidos até então.

#### 4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Quanto aos instrumentos de coleta de dados escolhidos para a presente pesquisa, optou-se por utilizar as técnicas de aplicação de entrevista e de observação, além da realização de análise fotográfica. Com relação à técnica de observação, foi aplicada na pesquisa de campo a observação sistemática, participante e na vida real. (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 176-177-178).

Para as autoras, “na observação sistemática, o observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação”, devendo “ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe”. (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 176). Além disso, de acordo com as autoras, essa técnica é utilizada “para responder a propósitos preestabelecidos”, não devendo conter, no entanto, normas “padronizadas nem rígidas demais”. (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 176). Cabe mencionar que as anotações referentes à técnica de observação foram registradas em diário de campo.

No que diz respeito à observação participante, o pesquisador participa de forma real na comunidade ou grupo pesquisado, incorporando-se e confundindo-se ao mesmo. (MARCONI e LAKATOS, 2010). Além disso, “esse método aproxima-se [...] de uma concepção da pesquisa qualitativa como processo, pois pressupõe um período mais longo no campo e em contato com pessoas e com contextos a serem estudados”. (FLICK, 2009, p. 212). De acordo com Marconi e Lakatos (2010), a técnica de observação participante empregada nesta pesquisa pode ainda ser

classificada como realizada de forma artificial, quando o observador não pertence de fato ao grupo, mas integra-se a ele a fim de obter informações. Cabe ainda ressaltar que essa técnica foi aplicada de forma individual, pela própria pesquisadora, sendo que a mesma se identificou como tal para os grupos pesquisados (participantes) desde o início das referidas caminhadas.

Sendo assim, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 178), quanto à observação na vida real, “a melhor ocasião para o registro é o local onde o evento ocorre” que, neste caso, corresponde ao centro histórico de Curitiba-PR. Nesta etapa, durante a caminhada do *Free Walking Tour*, observou-se a interação dos participantes com o espaço urbano, a partir de comentários, fotografias, entre outros fatores que permitiram analisá-la; as perguntas que foram realizadas aos condutores; os pontos que mais chamaram a atenção do grupo; a reação dos participantes em relação ao que foi apresentado e comentado pelos condutores; entre outros pontos que foram relevantes para a análise geral dos dados, juntamente com os resultados obtidos por meio da aplicação da entrevista de grupo.

Sendo assim, com o objetivo de complementar as informações obtidas por meio da observação participante e analisar de que maneira os moradores e turistas percebem o centro histórico da cidade, a partir da experiência de caminhada no Curitiba *Free Walking Tour*, foram aplicadas entrevistas de grupo, coletando as opiniões dos participantes (com a sua prévia autorização) a partir da gravação de áudios por dia de pesquisa. De acordo com Barros e Lehfeld (2000, p. 92), nesta técnica, “os entrevistados se compõem em grupos e respondem ou narram as questões e temáticas colocadas de forma diretiva ou não-diretiva, observando, porém, a temática da pesquisa”.

Além disso, a escolha pela aplicação da entrevista (semiestruturada) se deu pelo fato de que, “por sua natureza interativa, a entrevista permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade”. (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 168). Cabe mencionar que, no primeiro dia de pesquisa, foi aplicada uma entrevista efetiva, porém representando um instrumento-teste, a fim de fossem reparadas possíveis falhas, ambiguidades de questões, perguntas sem necessidade ou faltantes, entre outras.

Ressalta-se que as entrevistas foram aplicadas ao final de cada passeio, a fim de não comprometer o andamento do mesmo ou influenciar a percepção prévia do

usuário em relação ao espaço urbano percorrido. Esta escolha foi feita visto que, a partir da participação prévia da pesquisadora em dois passeios, foi possível observar que os participantes, ao final destes, permaneciam conversando entre eles e com os condutores por um período de tempo suficiente, permitindo a realização da entrevista neste momento. Por outro lado, no início da caminhada, os participantes eram informados sobre a presença da pesquisadora e recebiam algumas informações básicas sobre a pesquisa, indicando a possibilidade de responderem algumas perguntas no encerramento da caminhada.

Além dessas duas técnicas de pesquisa, foram ainda aplicadas as técnicas de análise fotográfica e entrevista semiestruturada individual. Com relação à análise fotográfica ou de dados visuais, esta técnica “fornece o componente não-verbal dos eventos e das práticas, que, de outra maneira, apenas poderiam ser documentados em protocolos de contexto”. (FLICK, 2009, p. 225). Além disso, de acordo com Barthes<sup>6</sup> (1996 *apud* FLICK, 2009, p. 220), “podem-se distinguir quatro tipos de relações entre o pesquisador e os pesquisados”, sendo que para esta pesquisa foram considerados apenas dois: o tipo III, no qual “os pesquisadores (como espectadores) podem pedir que o sujeito mostre fotografias sobre um determinado tópico ou período (como demonstrador)”; e o tipo IV, no qual “o pesquisador (como espectador) pode observar os sujeitos (como operadores) enquanto tiram uma fotografia e conduzem uma análise sobre o material escolhido para ser fotografado”. (WUGGENIG<sup>7</sup>, 1990 *apud* FLICK, 2009, p. 220).

Quanto à técnica de entrevista semiestruturada, optou-se por realizá-la a fim de obter mais informações e aprofundar o conhecimento a respeito do projeto Curitiba *Free Walking Tour*, além do que foi encontrado no sítio eletrônico e nas redes sociais relacionadas à caminhada. A entrevista foi aplicada com uma das idealizadoras do projeto, em dia separado dos quais acontece a caminhada, em caráter mais informal, deixando a entrevistada livre para adicionar assuntos à conversa. A fim de não perder informações e coletar os dados de forma completa, com anuência da pesquisada, a entrevista foi gravada (com aprovação da entrevistada) por meio de aplicativo específico, em aparelho celular. De acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 178), “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a

---

<sup>6</sup> BARTHES, R. **Reflections on Photography**. New York: Hill and Wang, 1996.

<sup>7</sup> WUGGENIG, U. **Die Photobefragung als projektives Verfahren**. Angewandte Sozialforschung, 1990.

fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

Por fim, após a aplicação dos instrumentos de coleta de dados, foi possível continuar o desenvolvimento da pesquisa, a partir da análise e interpretação dos mesmos.

#### 4.4 ANÁLISE, TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A partir da coleta dos dados referentes à pesquisa, realizou-se a análise dos mesmos a fim de que fossem encontradas respostas referentes ao problema de pesquisa e objetivo geral, além de poder cruzar informações obtidas, de forma coerente e conclusiva. Isto proporcionou a construção de relações sobre o tema estudado, o desenvolvimento de conclusões acerca do mesmo, bem como possibilitou elaborar sugestões para pesquisas futuras. (GIL, 2009).

Para isto, algumas etapas foram necessárias, como a seleção, codificação e tabulação dos dados antes mesmo de sua análise e interpretação. (MARCONI e LAKATOS, 2010). Posteriormente, foi possível representar alguns dados, facilitando a sua compreensão por parte do leitor, a partir da utilização de quadro específico (Quadro 4) para, por fim, sintetizá-los e concluí-los, afirmando ou refutando as hipóteses previamente estabelecidas. (MARCONI e LAKATOS, 2010).

A partir dessas exposições, apresenta-se, então, a área de estudo e o recorte geográfico de pesquisa utilizado, a fim de contextualizá-los e compreendê-los para, posteriormente (no Capítulo 5), descrever e analisar os resultados obtidos por meio dos instrumentos de coleta de dados aplicados.

#### 4.5 ÁREA DE ESTUDO

Neste subcapítulo será apresentada a área de estudo deste trabalho, compreendida pelo centro histórico de Curitiba-PR e, posteriormente, o recorte de pesquisa utilizado, que diz respeito ao trajeto realizado pelo projeto Curitiba *Free Walking Tour*.

Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 146), “delimitar a pesquisa é estabelecer limites para a investigação”. Portanto, optou-se nesta pesquisa por escolher uma área de estudo que permitisse analisar o espaço urbano da forma

como os objetivos foram delineados, considerando também a presença dos objetos de estudo (percepção e experiência) de forma mais direta. Por isso, optou-se ainda por realizar o recorte de pesquisa (ver item 4.5.2), a fim de que esses objetos pudessem ser conhecidos e analisados pela pesquisadora a partir da opinião dos participantes do CFWT, que efetivamente caminham pelo centro histórico de Curitiba-PR e, por conseguinte, o percebem.

Além disso, este espaço urbano foi escolhido devido à sua relevância histórica e cultural, assim como por representar um espaço público urbano utilizado tanto por turistas quanto por moradores, possibilitando sua análise a partir dos dois pontos de vista.

#### 4.5.1 Centro Histórico de Curitiba, Paraná

Para fins de organização e apresentação, optou-se aqui por dividir essa parte em quatro tópicos breves, abrangendo os aspectos históricos, arquitetônicos e patrimoniais, os relacionados ao uso turístico desse espaço, além de descrever alguns projetos relacionados à área, conforme seguem.

##### **4.5.1.1 Aspectos Históricos**

De acordo com o Instituto Municipal de Turismo de Curitiba-PR, o Setor Histórico da cidade é considerado um conjunto representativo das mais antigas edificações construídas na cidade, sendo delimitado pelo Decreto Municipal de 1971. (INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO, 2017). Segundo Siviero (2005), a Praça Tiradentes (integrante do centro histórico de Curitiba-PR) representa um dos símbolos presentes no núcleo pelo qual a cidade se expandiu e, por isso, refere-se também à denominação de Centro. Além disso, é nessa Praça que se encontram dois obeliscos, sendo que “um surgiu em comemoração aos 250 anos da fundação da cidade” e outro faz menção ao Marco Zero da cidade (um dos pontos de parada do CFWT), “e demarca as distâncias para outros Estados e a cidade de Paranaguá”. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).

Segundo informações coletadas no sítio eletrônico “Centro Histórico de Curitiba” (2018), “o que se denomina Centro Histórico atualmente era a extensão de uma vila que passou a ganhar destaque na Comarca somente em 1812,

momento em que já passa a adquirir maior notoriedade que Paranaguá”. Dessa forma, “o Centro Histórico de Curitiba revela, por de trás das antigas construções, intrigantes ruas estreitas e calçadas de paralelepípedos, uma história repleta de memória”. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018). De acordo com o sítio eletrônico,

o início desta história acontece, oficialmente, durante o século XVII. Denominado também de setor histórico e popularmente conhecido com Largo da Ordem, o centro histórico representa o início da povoação do segundo planalto paranaense, onde foi oficialmente fundada a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais em 1693. Esta região da cidade compreende o atual Bairro de São Francisco e parte do Centro de Curitiba. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).

Segundo Siviero (2005, p. 22), “o Centro de Curitiba é o espaço da cidade onde se pode melhor perceber os diversos períodos que marcaram sua história”, e continua afirmando que “seguindo o curso do processo histórico, a área central testemunhou o avanço do espaço urbano com as suas transformações e modificações inerentes aos períodos mais recentes da modernidade”. (SIVIERO, 2005, p. 22). De acordo com a autora, “[...] a região central, em 1783, já recebia alguns cuidados urbanísticos que buscavam a preservação do aspecto público. A região desenvolvia-se no ritmo rendoso do comércio da erva-mate e constituía ponto de passagem para tropeiros”. (SIVIERO, 2005, p. 24).

No século XVIII, depois que seu nome havia sido alterado para Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba (em 1721), a cidade “passou a ganhar maior destaque graças à conexão que se estabeleceu com o litoral por meio do caminho do Itupava”. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018). Posteriormente, no mesmo século, ocorreu “a edificação da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Chagas, a mais antiga da cidade e onde, no presente, se encontra o Museu de Arte Sacra”. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).

Além disso, houve a construção da Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito, edificada pelos escravos para seu próprio uso, visto que tinham o acesso proibido na Igreja da Ordem, onde podiam entrar apenas “homens brancos”. Ainda no século XVIII, enfim, “a casa Romário Martins, considerada a casa preservada mais antiga de Curitiba [...]”, também é construída. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).



No século XIX, a Vila “passa para a categoria de cidade, pouco tempo antes do Paraná se tornar independente da Comarca de São Paulo”. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018). Além disso, “foi neste século em que aconteceram os principais movimentos migratórios para o Paraná, trazendo para a cidade alemães, italianos, poloneses e ucranianos”, ocasionando transformações na comunidade paranaense e, por conseguinte, na arquitetura da cidade. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018). Com relação a isso,

ainda no século XIX o ambiente que hoje abriga semanalmente a famosa Feira do Largo da Ordem abrigava um ambiente repleto de comerciantes e fazendeiros que vinham realizar os seus negócios e vendas no centro. O bebedouro de pedra que se localiza na área central é um dos marcos deste período, local famoso onde os fazendeiros e tropeiros levavam os seus cavalos e mulas para beber água. O bebedouro se encontra conservado até a atualidade, representando um período da história de Curitiba e do Paraná. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).

Outra construção importante realizada nesse mesmo século foi a do Museu Paranaense, que já teve sua sede em diversos locais do centro da cidade, mas que, desde 2003, ocupa um prédio do centro histórico, datado de 1920. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).

Avançando para o século XX, observa-se que este “foi marcado por extremas transformações na cidade”, indicando um “período em que houve grande expansão e transformação das bases da economia da capital paranaense, além de um aumento populacional considerável”. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018). Segundo Siviero (2005, p. 27), “até o ano de 1930, a população, junto com os administradores municipais, discutia a necessidade de um desenvolvimento da cidade rumo à modernização, tomando como base outras capitais [...], e ainda, cidades e modelos urbanos europeus”, sendo que, a partir da década de 1940, surge “uma nova fase nos destinos da urbanização [...] em Curitiba”, com a elaboração de um plano de desenvolvimento urbano (Plano Agache), “definindo a cidade em diferentes zonas funcionais”. (SIVIERO, 2005, p. 27). Dessa forma, “a atual situação do centro histórico de Curitiba é fruto de um constante processo de revitalização”, provocado em grande parte por essas transformações urbanas que ocorreram ao longo dos séculos. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).



#### **4.5.1.2 Aspectos arquitetônicos e patrimoniais**

A vinda de diversos imigrantes para Curitiba-PR provocou mudanças e transformações significativas no modo de vida da população local e, conseqüentemente, na arquitetura da cidade, as quais aparecem com maior notoriedade no setor histórico, onde se concentram edificações relacionadas a algumas etnias, como portuguesa, alemã, italiana e libanesa. A exemplo de algumas dessas construções existentes e preservadas no centro histórico de Curitiba-PR, e pelas quais os caminhantes que participam do projeto CFWT passam, cita-se:

- **Casa Romário Martins** (ver Figura 2): datada do século XVIII e último exemplar da arquitetura colonial portuguesa, foi utilizada como moradia até o início do século passado, quando passou a abrigar o armazém de secos e molhados de propriedade de Guilherme Etzel e, a partir de 1930, o armazém do Roque. Manteve atividades comerciais até sua desapropriação, em 1970, pela Prefeitura Municipal de Curitiba. Restaurada, conforme projeto do arquiteto Cyro Ilídio Corrêa D'Oliveira Lyra, recebeu na inauguração o nome de Casa Romário Martins, em homenagem ao historiador e pesquisador Alfredo Romário Martins. Está localizado no Largo Coronel Enéas, também conhecido como Largo da Ordem. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018; CURTA CURITIBA, 2018; FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2018).

FIGURA 2 – CASA ROMÁRIO MARTINS



FONTE: Fundação Cultural de Curitiba (2018).

- **Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas** (ver Figura 3): representante da década de 1737, é a igreja mais antiga da cidade. (GUIA GEOGRÁFICO DE CURITIBA, 2018; CURTA CURITIBA, 2018). Seu nome original era Nossa Senhora do Terço, mas com o surgimento da Ordem de São Francisco em Curitiba, em 1746, foi alterado para Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Chagas. A igreja foi restaurada em 1880 para a visita do imperador D. Pedro II. A torre foi concluída em 1883 e os sinos doados pelos senhores da erva-mate. Teve seus ofícios celebrados no idioma alemão até 1937. Foi tombada em 1965 e novamente restaurada no período de 1978/1980. Com características indefinidas, a torre tem traços mouriscos e/ou neogóticos, mas seu interior tem características coloniais, com um altar-mor folheado a ouro e uma talha barroca do início do século XVIII. Em anexo, encontra-se o Museu de Arte Sacra. (CURTA CURITIBA, 2018; CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018; SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2018).

FIGURA 3 – IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS



FONTE: Centro Histórico de Curitiba (2018).

- **Palácio Garibaldi** (ver Figura 4): Iniciada em 1887 e projetado por Ernesto Guaita (engenheiro e agente consular da Itália), a construção do Palácio Giuseppe Garibaldi foi concluída em 1904. Já a fachada de estilo neoclássico só ficou pronta em 1932, obra do arquiteto João de Mio. O Palácio Garibaldi, que é sede da Associação Giuseppe Garibaldi (fundada em 1883 a partir da ideia de reunir os imigrantes italianos em Curitiba), foi desapropriado pelo governo durante a Segunda Guerra Mundial, em 1942/43 (pelo fato de o Brasil ter declarado guerra à Itália), sendo devolvido à sociedade em 1962. Foi tombado em instância estadual (pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná) em 1988, passando a ser sede da então Sociedade Beneficente Garibaldi e utilizado para a realização de eventos sociais. Localiza-se na Praça Garibaldi. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018; CURTA CURITIBA, 2018, SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2018).



FIGURA 4 – PALÁCIO GARIBALDI



FONTE: Washington Cesar Takeuchi (Blog Circulando por Curitiba, 2011).

- **Palacete Tigre Royal** (ver Figura 5): Com o intenso comércio existente em torno do antigo Mercado Público (atual Sesc Paço da Liberdade) e na antiga Praça Municipal (atual Praça Generoso Marques, onde se localiza), o Palacete Tigre Royal foi construído em 1916 a pedido da família Fatuch (tradicional libaneses que se estabeleceram inicialmente em Paranaguá e posteriormente na capital paranaense, e que utilizavam a parte superior do Palacete como moradia, sendo a parte inferior destinada ao comércio). É um exemplo clássico da arquitetura eclética da cidade, possuindo fachada artesanal, com destaque para o frontão ornamentado em modelagem de argamassa que apresenta o próprio nome como um dos elementos principais. Anteriormente o local abrigava uma pequena casa/armazém de propriedade de Paulo Hauer, que acabou sendo demolida, porém atualmente o prédio permanece sendo destaque na região. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).

FIGURA 5 – PALACETE TIGRE ROYAL



FONTE: Centro Histórico de Curitiba (2018).

De acordo com Siviero (2005) e Trindade (1997), o fato da cidade de Curitiba ter se tornado a capital do que vinha a ser a província do Paraná, em 1854, “incentivou a Câmara Municipal e o Governo da Província a considerarem medidas que controlassem as mudanças que inevitavelmente deveriam ocorrer na cidade”, observando “a possibilidade da elaboração de um plano que estabelecesse normas que regulassem o aspecto da forma urbana da cidade, como a [...] uniformidade dos quarteirões, [...] a arquitetura das casas, dentre outras diretrizes de ordenamento do espaço urbano”. (SIVIERO, 2005, p. 25). Além disso, a cidade enquanto capital deveria servir de referência cultural e histórica para o Estado, gerando uma identidade própria que o representasse. (SIVIERO, 2005).

A partir de 1904, porém, com a chegada da tecnologia vinda da Europa, o centro da cidade passou a ser considerado moderno, para a época, e “a população curitibana recebia melhorias na sua infraestrutura urbana através da substituição dos calçamentos de pedras irregulares por paralelepípedo, *petit-pavé* e [...] logo, pelo calçamento e, na sequência, o asfalto”. (SIVIERO, 2005, p. 25).

Quase dez anos depois, em 1913, houve o lançamento da pedra fundamental da que se considera como a primeira universidade do Brasil, a Universidade do Paraná (atual Universidade Federal do Paraná – UFPR), na Praça Santos Andrade, onde está localizado seu prédio central (também chamado de prédio histórico), que passou por algumas reformas ao longo dos anos e representa um “monumento arquitetônico em estilo neoclássico, tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná”. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018). Nessa época foi também construído o prédio que atualmente abriga o Centro Cultural Sesc Paço da Liberdade, em estilo *Art Nouveau*. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).

Assim, conclui-se que

na última década o centro de Curitiba foi palco de sucessivas renovações urbanas, isto ocorreu na Rua XV de Novembro, na Praça Osório e também no Largo da Ordem. Este processo de renovação urbana de áreas centrais salientou o contraponto entre o passado e o presente, além de proporcionar ofertas culturais e espaços de entretenimento. (SIVIERO, 2005, p. 30).

Dessa forma, tanto moradores quanto turistas têm a oportunidade de observar diversas representações arquitetônicas e patrimoniais que ajudaram a desenvolver a história e a cultura da cidade como um todo. Em relação ao turismo, existem várias opções para se vivenciar e apreciar o centro histórico de Curitiba-PR.

#### **4.5.1.3 Uso turístico**

Como atrativos turísticos de interesse a serem observados e visitados no centro histórico de Curitiba-PR, tem-se o Relógio das Flores, o Largo Coronel Enéas, o Bebedouro e a Fonte da Memória, também conhecida popularmente como “Cavalo Babão”. Com relação ao nome popular desta Fonte, há uma história curiosa e interessante que cabe citar aqui: de acordo com os condutores que realizam o Curitiba *Free Walking Tour*, esta Fonte homenageia, de um lado, os imigrantes e tropeiros que ali chegavam para matar a sede de seus animais de carga e, por outro, uma imigrante vendedora de gêneros alimentícios que todos os dias fazia o trajeto de ida e volta com sua carroça, até sofrer um acidente que acabou por atropelar seu cavalo e, a partir disso (pela falta de transporte), a senhora deixou de comercializar seus produtos na região. (INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO, 2018; CURITIBA *FREE WALKING*, 2018; CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).



Outro fator que movimenta o fluxo turístico nessa região é a realização da tradicional Feira do Largo da Ordem, que acontece aos domingos, proporcionando lazer e diversão aos seus visitantes. (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2018). Além disso, há as Ruínas de São Francisco, localizadas na Praça João Cândido, caracterizadas pelas ruínas de pedra do que deveria ser a Igreja de São Francisco de Paula, a qual, por motivos desconhecidos, não chegou a ser concluída. Seu espaço é utilizado, então, para fins de lazer e apresentações artísticas, visto que possui um palco e uma arquibancada para estes fins, formando o que hoje se denomina de “Arcadas das Ruínas”. (SECRETARIA DO ESTADO DA CULTURA, 2018).

Com relação à religião, há a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de São Benedito, a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas, o Templo *Hare Krishna* de Curitiba, a Mesquita *Imam Ali ibn Abi Talib* ou Mesquita de Curitiba, a Igreja Luterana, a Igreja Presbiteriana e a Catedral Basílica Menor de Curitiba. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).

A área cultural representa a que mais possui espaços abertos à visitação. Quanto a museus e casas de exposições, especificamente, pode-se citar a Casa Romário Martins, o Museu de Arte Sacra, o Museu Alfredo Andersen, a Casa Andrade Muricy e o Museu Paranaense. Quanto a espaços, centros e complexos culturais, cita-se a Casa Hoffmann, o Sesc Paço da Liberdade, o Memorial de Curitiba, o Museu da Fotografia - Solar do Barão, o Solar do Rosário, Palacete Wolf (que abriga um Centro de Atendimento ao Turista – CAT), a Capela Santa Maria, o Teatro Guaíra, o Belvedere, o Palácio Garibaldi, Castelo da Família Hauer (Teatro Uninter), Bella Vivenda e a Capela Santa Maria. Quanto a espaços para compartilhar conhecimento, tem-se o Memorial Árabe, a Biblioteca Pública do Paraná, o prédio histórico da Universidade Federal do Paraná, a Casa da Memória, a Casa de Leitura Dario Vellozo e o Bondinho da Rua XV de Novembro (Bondinho da Leitura). (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018; CURTA CURITIBA, 2018).

Quanto às praças e áreas verdes existentes no centro histórico da cidade, cita-se a Praça João Cândido, Praça Tiradentes, Santos Andrade, 19 de Dezembro, Praça Zacarias, Passeio Público, Praça Garibaldi e Praça General Osório. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).

Com relação aos demais prédios de interesse histórico-cultural, não necessariamente ou especificamente voltados para atender a atividade turística,

têm-se o prédio da antiga Farmácia *Stellfeld* (que possui em sua fachada um relógio de sol), Palacete Tigre Royal, Palácio Riachuelo e o Centenário Relógio da Rua Riachuelo. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).

Em relação à gastronomia, o centro histórico possui grande diversidade de bares, restaurantes e cafés (alguns tradicionais), com diversidade também quanto à culinária e preços, a disposição de moradores e turistas. Para citar alguns: Casa Vermelha (*Schwarzwald* – Bar do Alemão, que serve o famoso chopp “Submarino”), Galeria *Heisler* (Restaurante Jeito Mineiro), *Jokers Pub* Café, Restaurante Oriente Árabe, Restaurante A Caiçara, Restaurante Nonna Giovanna, Café Catedral, Carmela Bar, Bar e Restaurante Sal Grosso, além dos diversos restaurantes populares existentes na Rua XV de Novembro. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).

Além disso, há ainda diversas lojas especializadas nos mais diversos ramos do comércio espalhadas pela região, o que possibilita a turistas e moradores realizarem compras de seu interesse. Por fim, no quesito hospedagem, quem vem de fora tem a oportunidade de se hospedar em hotéis, pousadas e *hostels* no próprio centro histórico ou em regiões próximas a ele.

Quanto a atividades oferecidas por meio do Instituto Municipal de Turismo e da Fundação Cultural de Curitiba, durante os dias da semana, tem-se a oportunidade de realizar visitas guiadas pelo Setor Histórico, a partir de um pré-agendamento. Dependendo do interesse do visitante, é possível solicitar a participação em roteiros específicos, conduzidos por um mediador responsável ou ainda realizar roteiros temáticos autoguiados, a partir de materiais elaborados pelo Instituto Municipal de Turismo, a partir da Coleção Roteiros Turísticos. (INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO, 2018).

Como exemplo, tem-se o roteiro “A Curitiba de Leminski”, baseado na vida e nas obras do poeta paranaense Paulo Leminski e o roteiro “Curta Curitiba a Pé”, que passa por diversos atrativos, casarões e monumentos de interesse histórico-cultural, possibilitando ao visitante escolher aqueles que deseja conhecer de acordo com o tempo disponível. (INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO, 2018). Ao todo, são oito roteiros temáticos autoguiados e mais um roteiro especial para crianças (o Curta Curitiba com as Crianças), sendo que quase todos estão relacionados ao centro histórico da cidade (*Poty by bike*, Sabores de Curitiba – Rotas Gastronômicas,



Curitiba Flora e Fauna – Guia de Observação, Curta Curitiba Pedalando e Rotas Religiosas – Fé e Misticismo). (INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO, 2018).

Aqui cabe considerar também, como uso turístico, o objeto de recorte da presente pesquisa, que diz respeito ao projeto Curitiba *Free Walking Tour*, visto que este também se utiliza do espaço urbano em questão para apresentar seus atrativos e sua história a moradores e turistas, revelando curiosidades e estimulando olhares e reflexões. Não obstante, optou-se por não se aprofundar na história do projeto, neste momento, haja vista que sua descrição é apresentada no item 4.5.2 e que isso poderia cansar o leitor, à medida que acrescentaria informações semelhantes e/ou repetidas.

Por fim, a partir da criação da Rede Empresarial do Centro Histórico de Curitiba, em 2012, a qual possui como objetivo central “promover a maior ocupação da região do Centro Histórico pelos turistas e, principalmente pelos próprios curitibanos”, com o intuito de tornar a região uma “referência comercial, cultural e gastronômica”, foi possível observar um aumento no fluxo de visitantes e na valorização desse espaço urbano. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018). Isto aconteceu devido a realização de ações específicas (como sorteios e promoções nos estabelecimentos associados) e eventos comemorativos com atividades programadas, como o Centro Histórico Divertido (realizado em comemoração ao Dia das Crianças) e o Festival de Inverno, com oficinas e programações culturais variadas. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2018).

#### **4.5.1.4 Projetos em desenvolvimento**

Um ponto interessante a ser destacado é a proposta de revitalização da área urbana central de Curitiba, por meio de projetos desenvolvidos pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC em parceria com a Prefeitura Municipal de Curitiba, a fim de juntar esforços de iniciativas privadas e públicas para revitalizar o centro da cidade.

Entre esses projetos, cabe citar aqui o Projeto Centro Vivo (iniciativa da Associação Comercial do Paraná) e o Projeto Marco Zero (responsabilidade do governo local), os quais são descritos a seguir.

De acordo com o IPPUC (2017), o Projeto de Renovação Urbana do Centro de Curitiba tem como objetivos:

- Convergir e ampliar os esforços já em curso, trazendo novos agentes, atores e recursos para os mesmos, de forma a efetivar uma positiva transformação funcional e espacial nesse território da cidade;
- Sistematizar a integração entre ações públicas e iniciativas privadas ou particulares, de forma compatível aos marcos legais da Política Urbana Nacional e instrumentos legais de ordem operacional; e
- Implementar um modelo de gestão que mantenha os agentes institucionais e socioeconômicos em permanente sintonia com as tendências regionais e mundiais que incidem nos desígnios de regiões centrais em metrópoles.

Uma das consequências dessa ação é o Projeto “Bonde Turístico”, já comentado anteriormente, tendo como objetivo “colocar novamente em circulação antigos bondes que serviram como transporte coletivo no início do século XX, agora com o cunho de atrativo turístico, cultural e de resgate da memória da cidade, na qual o bonde, será elemento dinâmico na paisagem histórica da cidade, tornando-se, por si só, uma atração turística”. (IPPUC, 2017).

Assim, são objetivos do projeto:

- Utilizar o atrativo cultural e turístico;
- Resgatar a memória (cultural e histórica);
- Incrementar atividades comerciais e de serviços;
- Induzir a requalificação dos espaços de interesse histórico e cultural (públicos e privados), lindeiros aos itinerários estabelecidos; e
- Estabelecer a articulação com a infraestrutura urbana existente.

Em relação ao outro projeto, o Marco Zero, cabe destacar que o mesmo possui a missão de a revitalização do centro tradicional. Assim, através da promoção de uso e ocupação democrática dos espaços urbanos pretende incentivar a permanência da população residente e atrair a população não residente por meio de ações integradas, que promovam a reabilitação urbana e funcional, a diversidade social, a identidade cultural e a vitalidade econômica da área central. (IPPUC, 2017).

Esse projeto, por sua vez, possui como objetivos estratégicos:

- Ampliar e diversificar o movimento de usuários e melhorar a capacidade de atração da região central;
- Consolidar a área central como um Centro Turístico e de Lazer;
- Assegurar a preferência para os deslocamentos de pedestres e veículos não poluentes;
- Melhorar a qualidade do patrimônio paisagístico, histórico e cultural;
- Garantir acessibilidade aos usuários da área central; e
- Recompôr a estrutura urbana de forma sustentável.

Sendo assim, pode-se observar que o Centro Histórico de Curitiba-PR apresenta características e ações consideráveis no tocante à sua preservação e a valorização de seu espaço. Além disso, a partir de iniciativas como o *Free Walking Tour*, em parceria com a Rede Empresarial do Centro Histórico, é possível observar um aumento na ocupação deste espaço urbano e o reconhecimento do mesmo como um lugar que estimula o convívio social e promove a valorização de sua história a partir da conservação de seus patrimônios histórico-culturais.

#### 4.6 CURITIBA *FREE WALKING TOUR*

A escolha de se recortar a área de estudo se deu pelo caráter de “exploração” do espaço urbano a partir do caminhar pelo centro histórico de Curitiba-PR. No Projeto Curitiba *Free Walking Tour* os participantes são estimulados a perceber o espaço urbano tanto de forma conjunta (quando da explanação dos condutores do passeio aos membros do grupo) quanto de forma individual (quando da utilização dos próprios sentidos para experienciar e perceber os elementos à sua volta).

Para fins de delimitação deste trabalho, optou-se por realizar a pesquisa a partir do roteiro estabelecido e percorrido por este projeto por dois motivos: 1) por representar um passeio guiado pelo centro histórico de Curitiba-PR, área de estudo deste trabalho, estimulando a realização de uma caminhada a passos lentos e a percepção do espaço urbano a partir das falas e estímulos apresentados pelos condutores; 2) por permitir a realização da pesquisa de forma mais específica, no tocante à amostra, a partir da coleta e análise dos dados considerando os pontos de vista de moradores e turistas após terem participado da caminhada.

Além disso, o projeto surgiu como uma opção viável e representativa dos objetos de estudo, possibilitando atingir os objetivos deste trabalho. Sendo assim, neste item é possível obter informações sobre a história e criação do projeto, conhecer o caminho percorrido de forma detalhada, bem como visualizar um mapa com os pontos específicos de parada e observação e a descrição posterior de cada um deles.

#### 4.6.1 História de Criação do Projeto Curitiba *Free Walking Tour*

A partir de informações obtidas por meio de entrevista semiestruturada realizada com uma das idealizadoras (e, atualmente, consultora) do projeto, Coutinho (2018), foi possível complementar as informações referentes à história, ao objetivo inicial e demais questões relacionadas à caminhada.

Idealizado por dois Bacharéis em Turismo e Especialistas em Administração e Gestão Empresarial (UFPR e PUCPR), o Curitiba *Free Walking Tour* – Histórias e Lendas de Curitiba caracteriza-se por ser um tipo de roteiro (com aproximadamente duas horas de duração) realizado pelo centro histórico da cidade com dia, horário e local fixos de início: aos sábados, com concentração e saída a partir das 11h00 da manhã em frente (ou nas) escadarias do Prédio Histórico da Universidade Federal do Paraná, localizado na Praça Santos Andrade, no centro da cidade.

De acordo com Coutinho (2018), no final de 2013 e início de 2014, a ideia inicial do projeto começou a ganhar forma devido a experiências profissionais dos dois idealizadores (ligadas à Associação Paranaense de Hostels e *Hostelling International*); à participação de ambos em eventos de turismo; à experiências de viagens (e consequente participação em outros *Free Walking Tours* pelo mundo); e por terem uma opinião parecida e uma visão crítica em relação à forma como ocorria o turismo em Curitiba-PR na época. Além disso, pelo fato de terem trabalhado por bastante tempo com pessoas, em *Hostels*, e diretamente com o viajante, tanto em serviços de receptivo quanto emissor, acabaram recebendo bastantes *feedbacks* de viajantes que visitavam a cidade, os quais emitiam sua opinião em relação ao que tinha e não tinha na cidade, ao que faltava, entre outras coisas, relacionadas diretamente à visão do próprio turista. (COUTINHO, 2018).

Quanto à visão crítica dos idealizadores sobre o turismo na cidade, a entrevistada mencionou, entre outras coisas, que “os produtos que eram vendidos

pelo turismo, pelas agências, pela cidade, eram muito parecidos, muito quadrados, muito formatados e muito caros”, complementando que esse fato excluía muitas pessoas, fosse pelos preços altos, pela falta de condutores bilíngues ou multilíngues, sendo difícil encontrar passeios que incluíssem mais estrangeiros, ou mesmo que tivessem tradução em inglês, sendo este um dos fatores que influenciaram os idealizadores a querer iniciar um projeto na cidade, visto que a entrevistada fala inglês e alemão e o outro idealizador, espanhol e italiano. (COUTINHO, 2018). Neste ponto, a entrevistada mencionou que também criticavam o fato do passeio feito pela Linha Turismo não oferecer informações mais detalhadas sobre os lugares, que isso é raro, sendo somente informações superficiais. (COUTINHO, 2018).

Além disso, quando trabalharam na empresa *Hostelling International*, os idealizadores tiveram mais contato com questões ligadas à sustentabilidade, representando uma visão da empresa. E, como trabalharam por um tempo baseados nesta visão, não somente relacionada à parte ambiental, mas também ao local (abrangendo as áreas cultural e social), acompanharam algumas ações que foram incentivadas e realizadas nesse sentido, como a contratação de funcionários, por parte dos *Hostels* associados, que fossem da comunidade local; a utilização de objetos decorativos que também fossem produzidos localmente, entre outras. Portanto, a partir desse contato, os idealizadores passaram a observar se estas questões eram levadas em conta no turismo da cidade, concluindo que não existia uma visão sustentável e inclusiva por parte dos profissionais da área e dos próprios gestores de atrativos, por exemplo, que muitas vezes passavam apenas uma imagem bonita da cidade, excluindo seus problemas, suas dificuldades e o que tinha para ser arrumado. (COUTINHO, 2018).

Assim, evidenciando-se o fato de as empresas privadas venderem produtos muito caros com um conteúdo às vezes muito igual; da parte pública querer vender uma imagem alterada da cidade, daquilo que é bonito e está em ótimas condições; da própria visão e experiência dos idealizadores enquanto turistas em outros locais; e da observação do comportamento de outros turistas, “em fazer um passeio como o da Linha Turismo, por exemplo, de três horas, descendo apenas em cinco pontos e achar que conheceu a cidade inteira, [...] isso tudo estava muito errado para nós, o próprio turismo está vendendo algo errado”. (COUTINHO, 2018). Dessa forma, a

entrevista mencionou o fato de que o turista está perdendo, com isso, de conhecer a cidade de verdade, como ela realmente é.

A entrevistada relatou que os idealizadores se incomodavam com essas questões e queriam proporcionar um passeio que levasse em conta a opinião e interesse daqueles turistas que querem saber mais sobre a cidade do que aquilo que é vendido, e também de querer fazer um turismo que vá além de tirar fotos para compartilhar em redes sociais. Sendo assim, principalmente com a vinda da Copa para Curitiba-PR, visto que os idealizadores estavam participando de reuniões e discussões relacionadas à estruturação da cidade para recebê-la, estes chegaram ao consenso de que faltava algo assim na cidade e que eles, enquanto turismólogos, precisavam mudar essa situação, fazer alguma coisa, já que acaba se criando uma expectativa em que um espera que o outro faça algo, tome uma atitude, e nada acaba sendo feito realmente. (COUTINHO, 2018).

Por conta disso, a partir de conversas entre os idealizadores e de viagens que realizaram a trabalho para outras cidades do Brasil (em que puderam perceber a imagem que as pessoas tinham da cidade – que só tinha parque, que era muito fria, que as pessoas não são simpáticas, que não tem nada para fazer), eles começaram a pensar em fazer um projeto no qual conseguissem colocar sua visão crítica, fazer algo pela cidade (“por amor mesmo” e para tentar mudar essa visão sobre a mesma, que não estava sendo valorizada, afirmando que a cidade é bonita, tem história, cultura, coisas boas). (COUTINHO, 2018).

Foi nesse momento que decidiram iniciar o projeto, porém ainda em fase de planejamento, visto que, por conta de outros compromissos e trabalhos, não conseguiam se dedicar de forma integral à sua elaboração, e não possuíam recursos necessários para começar. Além disso, queriam fazer algo mais amplo, mais abrangente, e não por ou para eles próprios (com foco em ganhar dinheiro, em ter uma marca ou um nome), e sim pela cidade, pelo turismo (de acordo com o que eles entendem amplamente por turismo), pelos turistas, por tudo aquilo que vem com o turismo. (COUTINHO, 2018).

Dessa forma, como já haviam participado de outros *Free Walking Tours* em outros países, a ideia surgiu de forma natural: “ah, vamos fazer um projeto *free walking*, um projeto de caminhada”. (COUTINHO, 2018). Porém aqui, a entrevistada mencionou com mais ênfase o fato de que fosse uma caminhada que também tivesse um viés sustentável, em todos os aspectos, citando mais uma vez como

exemplo o passeio da Linha Turismo, em que as pessoas somente observam e veem a cidade (ou às vezes nem isso), mas não a vivenciam: não sentem o cheiro da cidade, não a percebem. (COUTINHO, 2018).

A partir dessa reflexão, Coutinho (2018) mencionou que era necessário pensar em uma sustentabilidade relacionada aos sentidos, incluindo pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, e também em uma atividade relacionada à experiência, em entender e sentir a cidade, atividade esta que até então não estava sendo oferecida. A entrevistada relatou que se falava e discutia muito sobre experiência, mas nada estava sendo realizado na prática, com o turista. “Então foi muito natural a ideia do *free walking*, muito pela caminhada, [...] por ser algo que não tinha”. (COUTINHO, 2018).

Com relação a isto, os idealizadores não encontraram nenhum indício de que havia sido ou estava sendo realizado algum projeto semelhante (quanto à caminhada e a região), no centro histórico, nem mesmo por empresas privadas. O que havia eram passeios voltados aos pontos turísticos considerados tradicionais. A entrevistada mencionou que hoje em dia são oferecidos passeios na região, porém por preços muitas vezes inacessíveis.

Além disso, a entrevistada comentou que o centro histórico da cidade é riquíssimo e que o outro idealizador sempre visitava a região, por adorar o Largo da Ordem. Neste sentido, Coutinho (2018) observou que havia uma desvalorização do centro histórico tanto pelo turismo quanto pelos próprios moradores.

Com isso, a partir da decisão de querer fazer a caminhada na região do centro histórico, os idealizadores começaram a estudar e a pesquisar em diversas fontes, por um período, informações sobre a história do centro/centro histórico, até conseguirem formatar o roteiro. Outra característica que se faz importante ser mencionada aqui é que, de acordo com Coutinho (2018), a ideia foi formatar um roteiro que não fosse extremamente fechado, como os outros que eram oferecidos; então o fato de os passeios não serem sempre iguais, mesmo seguindo um roteiro “padrão”, é algo que os próprios idealizadores quiseram ressaltar. Eles chegaram a verificar roteiros mais formatados na região, porém o objetivo era deixar tanto condutor quanto participantes livres no momento da caminhada, como por exemplo, ter a oportunidade de ver um evento que estivesse acontecendo no dia, em algum local “fora” do roteiro, uma exposição interessante, enfim, situações relacionadas ao



cotidiano da cidade que permitiriam aos participantes vivenciá-la de fato. (COUTINHO, 2018).

A entrevistada relatou ter sido difícil no começo para as pessoas entenderem o formato do projeto e do passeio em si, principalmente os profissionais da área de turismo, os quais questionavam sobre o fato de eles não cobrarem um valor fixo aos participantes e não possuírem um roteiro fechado, entre outras questões. Nesta parte, Coutinho (2018) mencionou que quase chegaram a desistir do projeto, por conta desta incompreensão, e por muitas pessoas considerarem que o que eles apresentavam na cidade não era bonito; que o que falavam, os turistas não precisavam saber. Porém a entrevistada relatou que desde o início o projeto foi realizado de forma voluntária pelos idealizadores, que dedicavam seu tempo e acreditavam nele; que, dessa forma, estariam ajudando as pessoas, a cidade e os turistas, fazendo o projeto acontecer por amor. (COUTINHO, 2018).

De acordo com a entrevistada, o projeto demorou um pouco para se estruturar, até que fosse encontrado o melhor horário de início, o ponto de encontro mais adequado para iniciar o trajeto, qual seria sua duração, como seria organizado, entre outras questões que foram sendo alteradas à medida que o projeto acontecia, por meio de “tentativa e erro” e também por *feedbacks* de participantes, amigos e familiares que realizavam o roteiro. (COUTINHO, 2018). Quanto a isso, a entrevistada mencionou que eles (os idealizadores) sempre foram muito honestos com as pessoas, além de estarem abertos a receber opiniões de pessoas de fora, a fim de melhorar a atividade, adaptando o que fosse necessário. (COUTINHO, 2018).

No início, somente os dois idealizadores ficavam responsáveis por conduzir o grupo sendo que, se haviam turistas estrangeiros, ambos se dividiam para traduzir, um em inglês (ou espanhol) e outro em português. Os passeios começaram sendo realizados aos sábados (como atualmente), visto que os condutores trabalhavam durante a semana; porém aconteciam alguns *tours* em dias de semana, conforme a agenda dos voluntários. (COUTINHO, 2018). Cabe ressaltar que atualmente também são realizados passeios durante a semana, esporadicamente, principalmente em períodos de feriado, sendo possível também agendar passeios em outros dias, conforme a quantidade de participantes interessados.

De acordo com Coutinho (2018), no início, devido à duração da caminhada (que acabava se estendendo por mais tempo além do previsto), os condutores não conseguiam passar por todos os pontos e falar sobre tudo, e, por isso, acabavam



por selecionar alguns locais e também perguntavam aos participantes, antes de iniciar a caminhada, quais assuntos eles gostariam mais de saber e/ou aprender (culturais, históricos, entre outros), tentando focar alguns locais do roteiro de acordo com o interesse do grupo. Além disso, a fim de manter a característica de ser uma caminhada mais aberta e menos formatada, Coutinho (2018) relatou que os condutores também ficavam livres para falar sobre e apresentar o centro histórico da cidade de acordo com suas preferências, seus conhecimentos sobre determinado assunto e suas experiências de vida. Quanto a esta questão, a entrevistada citou que ela, por exemplo, gostava mais de abordar os aspectos culturais, as lendas da cidade, procurando mostrar aos participantes algo que ela imaginava que eles só conheceriam ali, com uma moradora local; que não encontrariam em *sites* de busca ou no *TripAdvisor*, por exemplo. (COUTINHO, 2018).

Complementando esta questão, a entrevistada citou que hoje em dia existem outras opções que proporcionam conhecer a cidade com um morador local (ideia básica do CFWT), citando como exemplos o *AirbnbExperience*® (em que as pessoas têm a oportunidade de escolher atividades das mais diversas áreas – cultura, arte, gastronomia, história, entre outras – que são oferecidas por pessoas da cidade que você pretende visitar e conhecer, pagando um determinado valor por elas) e o *Rent a Local Friend* (que consiste em moradores de determinadas cidades que se cadastram em um *site* específico e “se alugam” para visitantes e turistas, como se fossem guias locais). Segundo Coutinho (2018), quando começaram a pensar sobre o projeto, em 2013/2014, estas atividades quase não existiam, mas era exatamente esta a ideia que queriam passar: “um projeto que trouxesse a identidade da cidade pelas pessoas da cidade, o olhar de como as pessoas daqui também olham a cidade”, visto que cada pessoa (morador, turista, visitante) percebe um mesmo objeto ou atrativo de formas diferentes, com características diferentes.

E isto, de acordo com a entrevistada, foi algo que eles sempre buscaram trazer para o projeto: a visão como morador, como usuários de certos espaços urbanos (o que gostam, o que fazem e o que percebem deste espaço), com a personalidade de cada voluntário. (COUTINHO, 2018).

Com relação aos meios de divulgação, como não tinham recursos no início do projeto, os idealizadores faziam alguns roteiros como testes e, com os recursos que arrecadavam, conseguiam pagar o *site* e realizar outras ações de divulgação. Quanto ao uso e divulgação por meio de mídias sociais, eles criaram, no começo,

uma página no *Facebook*® (sendo que atualmente também possuem conta na rede social *Instagram*® e são divulgados em plataformas mundiais de *Freetours*). Ainda sobre os meios de divulgação, Coutinho (2018) mencionou o *TripAdvisor*® e um grupo no *Whatsapp*® no qual participam os *hostels* e os *tours* existentes na cidade, representando uma forma de intermediação entre hóspedes e passeios. (COUTINHO, 2018).

Cabe ressaltar aqui que, quando o projeto estava consolidado, houve divulgações em jornais locais e *sites* específicos que apresentam a agenda cultural e os passeios que ocorrem na cidade, momento este que representou um aumento no número de moradores participantes. Outro fato interessante de se observar é que, neste momento, de acordo com Coutinho (2018), muitos moradores realizaram a caminhada acompanhados de amigos e/ou parentes turistas, relatando que não sabiam explicar e apresentar a cidade à eles.

Além disso, Coutinho (2018), afirmou que no início eles conseguiram alguns parceiros (principalmente *hostels*) que até o momento os ajudam a divulgar a realização dos passeios (fato este que pôde ser observado a partir da aplicação da entrevista de grupo). Após isso, com a continuidade do projeto, também conseguiram fazer camisetas, placas, entre outros materiais. (COUTINHO, 2018). Quanto a possibilidade de existirem outras parcerias para apoiar o CFWT, a entrevistada comentou, por um lado, sobre a dificuldade de as empresas (principalmente alguns hotéis) entenderem o objetivo do projeto, que é voluntário e não gera lucros e, por outro, sobre a liberdade do projeto em si, que diz respeito ao fato de os próprios condutores não aceitarem parcerias empresariais porque, por consequência, estariam aceitando a condição de mencionar ou indicar lugares específicos, interferindo na experiência do passeio. De acordo com a entrevistada, o que eles procuram indicar é sempre algo que esteja relacionado com a economia local e projetos sociais. (COUTINHO, 2018).

Quanto ao CFWT, Coutinho (2018) mencionou que “possui uma identidade própria e é extremamente independente”, o que é ruim por um lado, quando observada a escassez de recursos para realizar determinadas ações, mas bom por outro, quando considerado que consegue manter sua identidade e sua visão crítica, trazendo visões diferentes principalmente pelo fato de, atualmente, ser realizado por voluntários de diversas áreas de formação. Até o término deste trabalho (em abril de 2018), atuavam no projeto sete voluntários, sendo três homens e quatro mulheres:

duas com formação em Arquitetura e Urbanismo (sendo que uma delas também fez cursos na área de Fotografia), uma em Direito e outra é formada em Engenharia Ambiental e Dança. Dos homens, as formações são as seguintes: Biologia, Economia e Análise e Desenvolvimento de Sistemas. (SOUZA, 2018).

Quanto à sua periodicidade, em 2015 o projeto realizou menos passeios pelo fato de uma das voluntárias se encontrar fora do país. Em 2016, o projeto quase parou por questões pessoais dos idealizadores e também por ter crescido, se consolidado, mas, devido aos poucos condutores disponíveis para fazê-lo e a indisponibilidade de agendas, alguns passeios não puderam ser realizados. A partir disto, Coutinho (2018) mencionou que precisaram diminuir as divulgações do projeto principalmente em mídias sociais, visto que uma das caminhadas chegou a ter sessenta e cinco participantes sendo conduzidos por apenas uma voluntária, no caso a própria entrevistada, com traduções em espanhol e inglês.

Esta situação se manteve até a chegada de uma nova voluntária, que auxiliou a manter o projeto durante o ano de 2016. Porém, no início e no final de 2017, respectivamente, os idealizadores precisaram se afastar da organização dos passeios devido a compromissos pessoais. Para tanto, em 2017 foi aberto um processo seletivo a fim de selecionar voluntários que entendessem de fato o objetivo do CFWT e se comprometessem em realizar os passeios. Os novos condutores receberam, então, um treinamento específico, com roteiro básico estipulado, manual com informações sobre os pontos de parada, a história relacionada a cada um deles, camiseta, entre outras atividades necessárias para os condutores se basearem, como por exemplo, a realização de passeios específicos para treinamento dos condutores. Além disso, também foi elaborado um Plano de *Marketing* para delinear ações presentes e futuras. (COUTINHO, 2018).

Além disso, a partir da arrecadação de recursos, foi possível preparar mais materiais de divulgação, participar de cursos sobre a cidade, *workshops* sobre mídias sociais, entre outros investimentos que possibilitaram o aperfeiçoamento do projeto e de seus condutores. (COUTINHO, 2018).

Quanto a obtenção de informações gerais, é possível entrar em contato com os condutores do projeto por meio de aplicativo de mensagens no celular, por rede social ou ainda solicitando informações na recepção do meio de hospedagem em que estiver hospedado (caso seja turista). (CURITIBA *FREE WALKING*, 2017). Vale mencionar que a divulgação dos passeios, bem como informações atualizadas sobre

os mesmos, são realizadas semanalmente na rede social *Facebook*®, na qual é possível encontrar a seguinte descrição e convite (ressaltando o fato da fala ser direcionada a moradores e turistas):

Convidamos visitantes e moradores para conhecer fatos, lendas e curiosidades de Curitiba!  
 Começaremos às 11am nas escadarias do prédio da UFPR na Praça Santos Andrade.  
 Contribuições aos voluntários são bem vindas no fim do tour. Não estipulamos valores, porém uma média, já que muitos perguntam, é 15 a 20 reais.  
 Depois desse passeio as esquinas da cidade nunca mais serão as mesmas!!!  
 Esperamos vocês!!  
 Sigam nossa página para receber atualizações sobre este evento.  
 (CURITIBA *FREE WALKING*, 2018).

Além disso, cabe mencionar a mensagem que se encontra em destaque na página da rede social mencionada: “Descubra Curitiba com quem ama a cidade!”.

Vale ressaltar que os grupos que participam dos *tours* são acompanhados por um ou às vezes dois condutores (que podem alternar a cada passeio). Em caso da presença de turistas estrangeiros, o grupo é separado em dois, sendo que um condutor acompanha o grupo de estrangeiros, em inglês, e o outro acompanha o grupo de brasileiros, em português. (CURITIBA *FREE WALKING*, 2018).

Por meio da participação da pesquisadora nos dias de passeio, foi possível analisar que os condutores percorrem o trajeto sem pressa, realizando paradas estratégicas ao longo do percurso, a fim de apresentar algumas curiosidades, histórias polêmicas, bem como os atrativos existentes ao longo do caminho para os participantes, destacando-se a característica de uma fala mais crítica em torno do espaço urbano, de como a cidade foi (e está) planejada urbanisticamente e de que maneira este planejamento interfere (positiva e negativamente) na vida de seus habitantes. Assim, para conhecer o trajeto e os pontos evidenciados pelos condutores no CFWT, apresenta-se, a seguir, seu roteiro de forma descritiva.

#### 4.6.2 Descrição do Trajeto e Pontos de Parada

Para melhor visualização do trajeto percorrido durante a caminhada, apresenta-se uma figura ilustrativa (ver Figura 6), na qual constam os principais

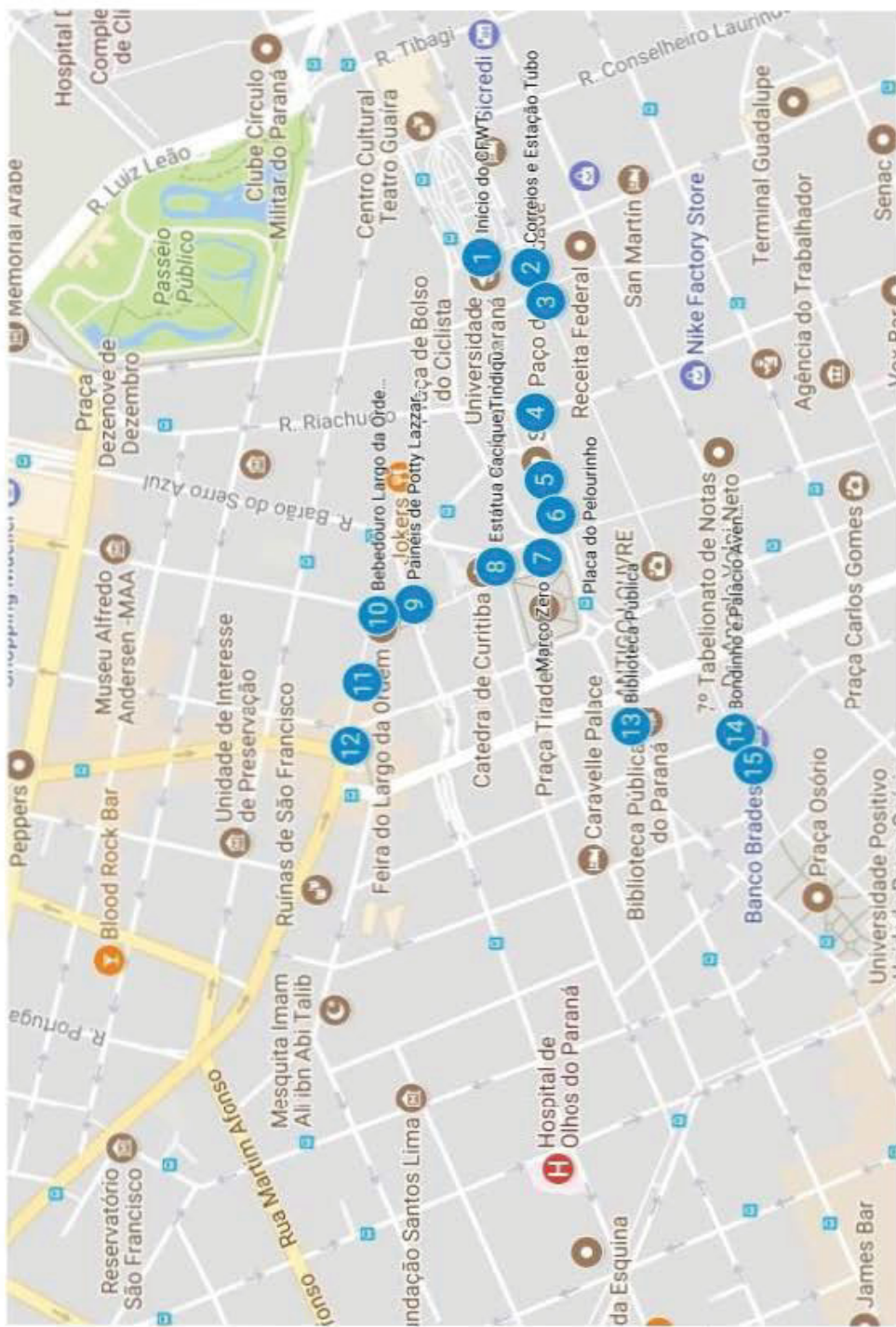
pontos de passagem do Curitiba *Free Walking Tour* (desde o ponto de início, na Praça Santos Andrade, passando pelos pontos de parada e chegando ao ponto final, na Boca Maldita, Rua XV de Novembro).

FIGURA 6 – PONTOS ILUSTRATIVOS DO CURITIBA FREE WALKING TOUR

## TRAJETO CURITIBA FREE WALKING TOUR

### Roteiro CFWT

- 1 Início do CFWT
- 2 Correios e Estação Tubo
- 3 Início da Rua XV
- 4 Praça Generoso Marques
- 5 Estátua Maria Lata D'Água
- 6 Praça do Pelourinho
- 7 Marco Zero
- 8 Estátua Caciue Tindiquera
- 9 Painéis de Potty Lazzarotto
- 10 Bebedouro Largo da Ordem
- 11 Memorial de Curitiba
- 12 Fonte da Memória
- 13 Biblioteca Pública
- 14 Bondinho e Palácio Avenida
- 15 Término do CFWT



FONTE: A autora (2018). Figura elaborada a partir da ferramenta Google My Maps®.



Na Figura 6 podem ser observados, por meio dos ícones numerados, os quinze pontos de parada ao longo do roteiro, incluindo seus pontos de início e término. Devido às limitações da ferramenta utilizada não foi possível descrever, por completo, os quinze pontos na Figura. Desta forma, cabe apresentar, conforme segue, o trajeto percorrido durante a caminhada, expondo os pontos visitados a fim de situar o leitor e apresentar o projeto de forma descritiva:

1. Ponto de início do Curitiba *Free Walking Tour* (Figura 7): Escadarias do Prédio Histórico da Universidade Federal do Paraná – UFPR, Praça Santos Andrade. Os participantes se concentram ali e os condutores carregam, durante todo o percurso, uma placa de sinalização do *tour*, além de estarem uniformizados, vestindo uma camiseta com o nome do projeto. É neste ponto que também se inicia a explicação dos condutores sobre o roteiro e demais informações necessárias à sua realização com segurança, além de iniciarem também com algumas histórias sobre o a colonização da cidade e seus principais símbolos;

FIGURA 7 – PONTO INICIAL DO CURITIBA *FREE WALKING TOUR* (PRAÇA SANTOS ANDRADE)



FONTE: A Autora (2018).

2. Primeira parada (Figura 8): Rua XV de Novembro, entre a lateral do Prédio Histórico da UFPR e do Prédio Histórico dos Correios. Neste ponto, os condutores falam sobre algumas curiosidades de Curitiba-PR, sobre o Prédio dos Correios e Telégrafo e também sobre o planejamento e Plano Diretor da cidade, mencionando a sua configuração e as estações-tubo, além de outras informações sobre o Transporte Público, bem como críticas ao valor da passagem (a partir da Estação Central, localizada na Travessa da Lapa);

FIGURA 8 - PRIMEIRO PONTO DE PARADA (PRÉDIO DOS CORREIOS E ESTAÇÃO CENTRAL)



FONTE: A Autora (2017).

3. Segunda parada (Figura 9): Início do “Calçadão” da Rua XV de Novembro, ou Rua das Flores, em frente ao prédio da Associação Comercial do Paraná – ACPR. Nesta parada, os condutores contam a história relacionada à transformação da Rua XV de Novembro, evidenciando as polêmicas e opiniões divergentes que se criaram na época em que se pensava em fechá-la ao trânsito de veículos e destiná-las aos pedestres;



FIGURA 9 – SEGUNDO PONTO DE PARADA (INÍCIO DA RUA XV)



FONTE: A Autora (2017).

4. Terceira parada (Figura 10): Praça Generoso Marques, em frente ao Paço da Liberdade (no qual os participantes são convidados a entrar e conhecer sua estrutura – apenas na parte térrea do edifício). Mencionam as lojas mais antigas, os casarios históricos, a diversidade cultural a partir do comércio (com lojas geridas por imigrantes de diversas nacionalidades); miscigenação da cidade e consequente melhora e diversificação da cultura do curitibano; importância da Rua Riachuelo como via de acesso da antiga Estação Ferroviária ao centro da cidade e da presença da estátua do Barão do Rio Branco;

FIGURA 10 – TERCEIRO PONTO DE PARADA (PRAÇA GENEROSO MARQUES)



FONTE: A Autora (2017).

5. Quarta parada (Figura 11): Estátua Maria Lata D'água – “Água pro Morro”. Representação do Pelourinho de Curitiba-PR; explicação do por que esta estátua ter sido colocada ali (antigo mercado onde eram vendidos escravos); curiosidades e contradições existentes; explanação sobre a presença da cultura negra em Curitiba-PR;

FIGURA 11 – QUARTO PONTO DE PARADA (ESTÁTUA MARIA LATA D'ÁGUA)



FONTE: A Autora (2017).

6. Quinta parada (Figura 12): Placa “comemorativa” do Pelourinho. Aqui os participantes são convidados a fazer uma reflexão interessante sobre a mesma, pelo fato do término da escravidão não representar exatamente um motivo de comemoração, e sim de luta e resistência;



FIGURA 12 – QUINTO PONTO DE PARADA (PELOURINHO)



FONTE: A Autora (2017).

7. Sexta parada (Figura 13): Marco Zero da cidade – Praça Tiradentes. Explanção sobre a representação das distâncias entre as cidades de Foz do Iguaçu-PR e Paranaguá-PR e os estados de Santa Catarina e São Paulo, a partir da capital Curitiba-PR; detalhes ao redor da Praça; Cruz de Malta; ponto de partida da Linha Turismo;

FIGURA 13 – SEXTO PONTO DE PARADA (MARCO ZERO). DETALHE PARA USO DO “TATO”



FONTE: A Autora (2017).

8. Sétima parada (Figura 14): Estátua Cacique “Tindiquera” / Catedral Basílica Menor. Explicação sobre a história e polêmicas relacionadas à estátua; curiosidades sobre a construção da Catedral Matriz da cidade;

FIGURA 14 – SÉTIMO PONTO DE PARADA (ESTÁTUA DO ÍNDIO E CATEDRAL BASÍLICA)



FONTE: A Autora (2018).



9. Oitava parada (Figura 15): Painéis de Poty Lazzarotto, ao lado da entrada da Galeria do Teatro Universitário de Curitiba – TUC. Interpretação e história do painel; curiosidades sobre o mesmo;

FIGURA 15 – OITAVO PONTO DE PARADA (PAINÉIS DE POTY LAZZAROTTO)



FONTE: A Autora (2017).

10. Nona parada (Figura 16): Bebedouro central do Largo Coronel Enéas (Largo da Ordem). Explanação sobre as Igrejas e casarões históricos; Feira do Largo da Ordem; Bar do Alemão; detalhes e curiosidades sobre as edificações;

FIGURA 16 – NONO PONTO DE PARADA (BEBEDOURO DO LARGO DA ORDEM)

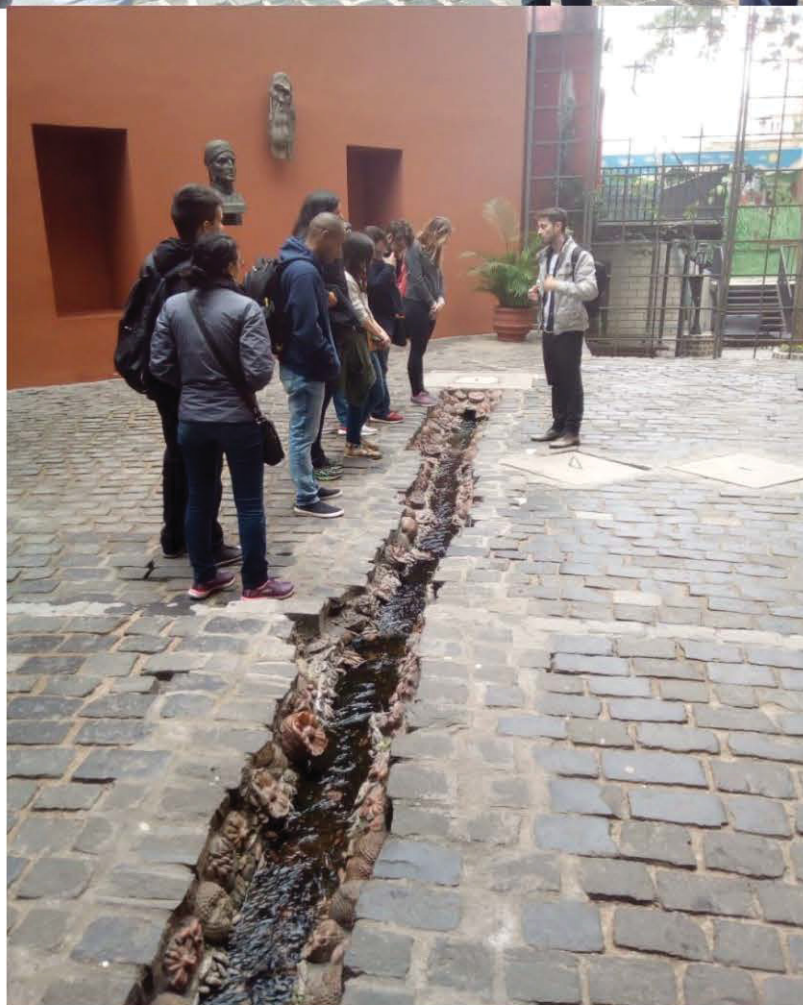
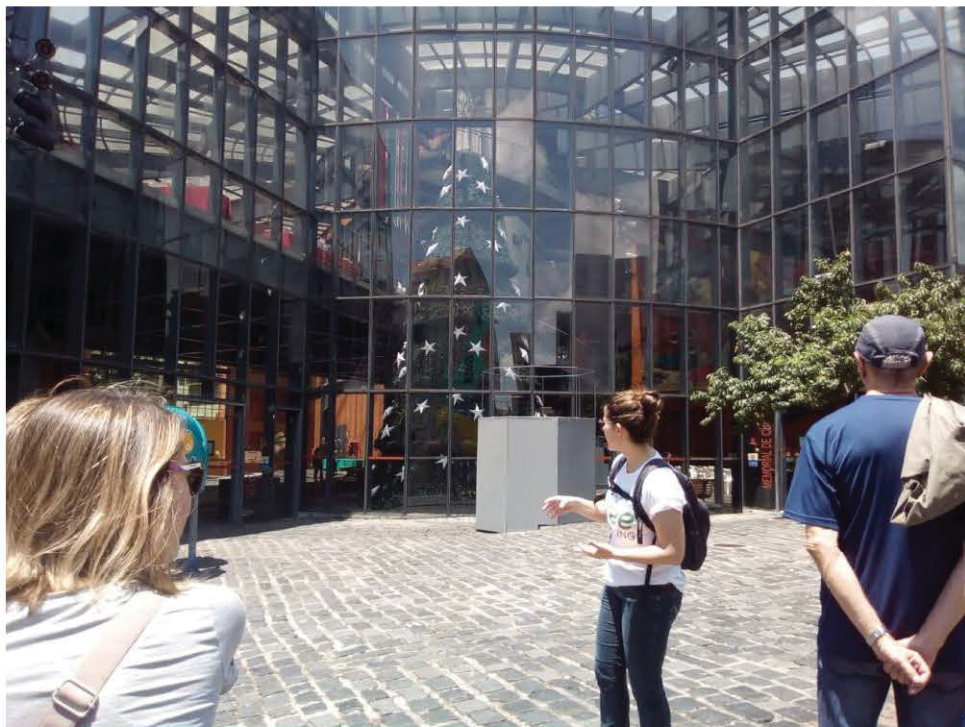


FONTE: A Autora (2017).

11. Décima parada (Figura 17): Memorial de Curitiba (Pavilhão Étnico).  
Explicação sobre o local e a representação de como eram conservados os pinhões, frutos da Araucária, pelos índios ao longo dos rios; cabe mencionar que os condutores, quando necessário, fazem paradas para ir ao banheiro (sendo este um destes locais) ou outra parada de interesse, quando solicitados pelos participantes;



FIGURA 17 – DÉCIMO PONTO DE PARADA (MEMORIAL DE CURITIBA)



FONTE: A Autora (2017).

12. Décima primeira parada (Figura 18): Fonte da Memória / “Cavalo Babão”. Explicação sobre lendas e curiosidades locais em relação à fonte e suas possíveis interpretações subjetivas; histórias relacionadas ao Palácio Garibaldi e à Igreja do Rosário de São Benedito dos Homens Pretos; Templo *Hare Krishna*; diversidade religiosa;

FIGURA 18 – DÉCIMO PRIMEIRO PONTO DE PARADA (FONTE DA MEMÓRIA “CAVALO BABÃO”)



FONTE: A Autora (2017).

13. Décima segunda parada: em frente à Biblioteca Pública do Estado do Paraná. Explicação sobre sua história; sede anterior; estrutura e diversidade de obras;
14. Décima terceira parada (Figura 19): Rua XV de Novembro, em frente ao Prédio do Banco Bradesco (antigo HSBC, também conhecido por Palácio Avenida) e ao lado do Bondinho da Leitura, também conhecido por Bondinho da Rua XV. Explicação sobre história e curiosidades locais, estimulando os participantes a olharem em volta e perceberem alguns elementos urbanos;



FIGURA 19 – DÉCIMO TERCEIRO PONTO DE PARADA (BONDINHO DA RUA XV E PRÉDIO BRADESCO)



FONTE: A Autora (2017).

15. Ponto de finalização do Curitiba *Free Walking Tour* (Figura 20): um pouco mais a frente da parada anterior, mais especificamente em frente à representação simbólica da Boca Maldita. Explicação sobre a história do lugar, relacionada aos movimentos e manifestações políticos; criação dos cafés; finalização do roteiro e agradecimento aos participantes; passagem da “caixinha” para contribuição voluntária; dicas de passeios e locais de alimentação aos participantes que desejarem.

FIGURA 20 – PONTO DE FINALIZAÇÃO DO ROTEIRO (SÍMBOLO DA “BOCA MALDITA”)



FONTE: A Autora (2017).

Cabe mencionar que este roteiro foi descrito a partir de observações e anotações realizadas pela pesquisadora durante as participações nos *tours*, de acordo com o período de aplicação dos instrumentos de coleta de dados.

A partir disso, apresentam-se no próximo capítulo as análises referentes às técnicas de entrevista de grupo, observação participante, análise fotográfica e entrevista individual, sendo que as três primeiras são analisadas tanto de forma geral (subcapítulo 5.1), num primeiro momento, quanto específica (subcapítulo 5.2), posteriormente, a fim de melhor organizar as informações e resultados. Ressalta-se que a entrevista individual, por ter sido aplicada com um caráter mais informativo, teve a maior parte dos seus dados inseridos no item 4.5.2.1, referente à história do projeto. Porém, não se deixou de considerá-la em outras partes da análise, quando necessário.

## **5 A PERCEPÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA-PR E A EXPERIÊNCIA DE CAMINHADA COM BASE NO PROJETO CURITIBA *FREE WALKING TOUR***

A partir do processo metodológico descrito no Capítulo 4 e da definição das ferramentas de pesquisa foi possível coletar os dados *in loco* e realizar a análise dos mesmos. Também foi possível responder o problema indicado no início deste trabalho, o qual enunciava de que forma os usuários (entendidos aqui como moradores e turistas) da cidade percebem o centro histórico de Curitiba-PR, a partir de sua participação no Projeto Curitiba *Free Walking Tour* e como é a experiência de caminhar por esse espaço urbano, ou seja, como desvendam a cidade e de que forma percebem e se relacionam com o que é apresentado e mencionado pelos condutores do projeto ao longo de um roteiro pré-estabelecido.

Para tanto, quatro técnicas e instrumentos de coleta de dados foram elaborados e aplicados em sete dias de caminhada, sendo estes: entrevista de grupo, observação participante, análise fotográfica e entrevista com uma das criadoras do projeto.

Desta forma, apresenta-se primeiramente uma visão geral sobre a coleta de dados, com informações relativas aos dias de pesquisa, como a mesma foi aplicada, em qual período, quantos foram os participantes, dentre outros aspectos. Na segunda parte, são apresentadas as análises de forma mais específica, a fim de demonstrar as percepções e experiências que foram mencionadas pelos participantes e coletadas pela pesquisadora a partir da entrevista de grupo e da observação participante.

### **5.1 INFORMAÇÕES GERAIS E PRIMEIROS RESULTADOS**

Neste subcapítulo são apresentados os dados básicos da pesquisa referentes aos quatro instrumentos de coleta de dados aplicados e, mais especificamente relacionado às entrevistas de grupo, são expostas também algumas informações que devem ser consideradas neste momento, para posteriormente compreendê-las em conjunto com os resultados específicos. Essas informações gerais se referem à idade, cidade e Estado de origem dos participantes, formação acadêmica e ocupação profissional atual, se era a primeira vez deles na cidade, se mesmo sendo

a primeira vez já conheciam algum ou alguns dos pontos em que o roteiro do Curitiba *Free Walking Tour* passa e/ou para.

Além disso, os participantes também responderam de que forma ficaram sabendo da existência do projeto. A explicação para a inserção destas questões na entrevista de grupo se dá pelo fato de que as respectivas respostas permitiram verificar de que modo estas pessoas são influenciadas quando observam algo e se relacionam com o espaço urbano visitado, dependendo de suas vivências e experiências pessoais.

### 5.1.1 Entrevista de Grupo

A etapa referente às entrevistas de grupo foi realizada no período de 04/11/2017 a 10/02/2018, sendo estes, respectivamente, o primeiro e último dias oficiais de campo. Totalizaram-se sete encontros não consecutivos e não somente aos sábados, visto que em três sábados de novembro o passeio não foi realizado (por instabilidade do clima e por incompatibilidade de agenda dos condutores voluntários) e em um dos dias (22/12/2017) foi realizado um passeio extra em uma sexta-feira, em que também houve coleta de dados.

Cabe registrar aqui que o primeiro dia de campo (04/11/2017) foi considerado uma entrevista-teste de grupo com os participantes, a fim de verificar possíveis erros no instrumento de coleta de dados aplicado e, posteriormente, realizar as correções necessárias. Neste dia não haviam sido considerados os dados básicos de apresentação (nome, idade, formação e ocupação profissional) de forma explícita, a não ser daqueles que mencionaram algumas dessas informações durante sua fala; mesmo assim, optou-se por considerar as respostas destes participantes, visto que as mesmas representaram percepções diferenciadas das indicadas nos dias de pesquisa seguintes, e esta, por sua vez, perderia em conteúdo de análise, caso essas percepções fossem descartadas.

O último dia de campo foi estabelecido considerando-se que, por ser uma pesquisa qualitativa com abordagem por conveniência, já haviam sido coletados dados suficientes para a análise e, também, pelo fato de que as respostas começaram a se tornar repetitivas, indicando sua saturação. Durante este período acompanhou-se os grupos do início ao fim da caminhada, com o objetivo de coletar dados que pudessem representar a percepção visual e experiência de caminhada



dos participantes logo após o término do passeio, visto que, desta forma, o *tour* não seria prejudicado e as respostas se refeririam a todo o trajeto percorrido.

Assim, ao final da caminhada, a partir de uma conversa informal com os participantes, de forma mais descontraída (em roda), foi possível deixá-los mais a vontade para responder as perguntas da entrevista de grupo (vide Apêndice A) de maneira espontânea e interativa, sendo que um participante poderia interromper a fala de outro a qualquer momento em concordância ou não, a partir de um *insight* momentâneo, mesmo que essa pessoa já tivesse respondido a pergunta em questão. Essa dinâmica oportunizou coletar dados mais “limpos”, sem interferências ou influências diretas que pudessem alterar a resposta naquele momento, visto que cada participante respondeu a cada pergunta de forma sequencial, de acordo com a própria percepção visual atribuída ao espaço urbano visitado e construída ao longo da caminhada.

No total, foram entrevistados nestes sete encontros 36 (trinta e seis) participantes, dos quais 28 (vinte e oito) foram entrevistados pessoalmente e 08 (oito) retornaram as respostas de forma eletrônica, via *e-mail*. Cabe informar que, mesmo os participantes que responderam a entrevista pessoalmente, posteriormente foram convidados a enviar sua foto (referente à última pergunta da entrevista) também de forma virtual, seja via *e-mail* ou por mensagem de aplicativo de celular.

Além disso, ainda cabe mencionar que este total (trinta e seis participantes) se refere ao número de respondentes oficiais, ou seja, aqueles que de fato responderam de forma integral a todas as perguntas realizadas, sendo que aqueles que participaram da roda de entrevista (muitas vezes acompanhando a família), mas não responderam as perguntas ou apenas complementaram uma vez ou outra a opinião de seus acompanhantes, não foram contabilizados no montante. Geralmente, nestes casos, em que havia famílias ou casais, uma pessoa respondia representando a opinião dos demais (em concordância com estes), o que evitou que houvessem respostas repetidas, com uma opinião parecida, ou que um participante influenciasse diretamente a resposta do outro, sendo este cônjuge ou outro parente.

## GRÁFICO 1 – QUANTIDADE DE RESPONDENTES POR REGIÃO E ESTRANGEIROS

Fonte: Elaborado pela Autora (2018).

Dos trinta e seis respondentes que participaram da pesquisa, seis eram moradores (cinco que nasceram aqui e uma pessoa que é de Cachoeira do Sul, mas mora em Curitiba-PR há quatro meses) e os demais, turistas de diversas regiões do país, sendo estas: Sudeste (18), com participantes de Belo Horizonte-MG (7), Rio de Janeiro-RJ (4), interior de SP (1), Pindamonhangaba-SP (atualmente morando em Volta Redonda-RJ) (1), Ribeirão Preto-SP (2), sendo que um destes é de origem estrangeira (Tych-Polônia), mas mora no Brasil há alguns anos e por isso foi contabilizado aqui, São Paulo-SP (2), Vitória-ES (1); Sul (9), Caxias do Sul-RS (2), Santa Maria-RS (1), Porto Alegre-RS (1), Curitiba-PR (5); Nordeste (4), Fortaleza-CE (3), Aracaju-SE (1); e Região Norte (1), Manaus-AM (1).

Além dos participantes brasileiros, quatro estrangeiros também participaram da pesquisa, sendo dois da Alemanha e outros dois que não mencionaram a origem, mas atualmente moram no Brasil. Cabe mencionar que, para entrevistar um dos participantes estrangeiros, a pesquisadora recebeu ajuda dos próprios condutores voluntários que acompanhavam o grupo no dia, os quais gentilmente traduziram as perguntas e respostas a fim de que as mesmas pudessem ser contabilizadas e analisadas neste trabalho.

## GRÁFICO 2 – FAIXA ETÁRIA DOS PARTICIPANTES

Fonte: Elaborado pela Autora (2018).

Com relação à idade dos participantes, observou-se uma média equilibrada entre 25 (vinte e cinco) e 35 (trinta e cinco) anos, ficando dentro dessa faixa etária 21 (vinte e um) dos 36 (trinta e seis) respondentes. Dos demais, oito caminhantes tinham entre 19 (dezenove) e 24 (vinte e quatro) anos e sete se incluíam na faixa entre 36 (trinta e seis) e 65 (sessenta e cinco) anos. Nas extremidades, o participante mais jovem tinha dezenove e, o mais adulto, sessenta e cinco anos, considerando os respondentes oficiais (aqueles que de fato participaram da pesquisa na íntegra).

Quanto à formação e ocupação profissional, as respostas também foram variadas, sem haver predominância de uma área em relação a outras. O que se pode afirmar, de forma mais ampla, é que: a maioria dos participantes exerce sua profissão de acordo com sua formação acadêmica, sendo as áreas de Direito e Enfermagem as que receberam mais menções, tanto de formação quanto de ocupação profissional (exercidas respectivamente por quatro e três participantes); quatro participantes exercem funções públicas, sejam elas da esfera municipal, estadual ou federal; e cerca de seis pessoas possuem Pós-Graduação (entre Especialização, Mestrado e Doutorado).

Outro ponto relevante é que oito participantes são estudantes de Graduação, também de áreas diversificadas: Arquitetura e Urbanismo (2); Biomedicina (1); Engenharia Metalúrgica (1); Engenharia de Transportes (1); Farmácia (1); Psicologia (1); e Medicina Veterinária (1). Sobre isso, além da cidade de origem, percebeu-se que as áreas de formação ou a ocupação profissional exercida influenciaram de forma considerável a percepção dos participantes com relação ao centro histórico de Curitiba-PR, exercendo um papel de recorte visual e direcionando o olhar a determinados pontos e/ou atrativos visitados durante a caminhada.

### GRÁFICO 3 – COMO OS PARTICIPANTES SOUBERAM DO PROJETO CFWT

Fonte: Elaborado pela Autora (2018).

Quando indagados sobre como souberam ou encontraram o projeto Curitiba *Free Walking Tour*, o que também permite analisar de que forma o projeto se divulga à comunidade, a maioria dos entrevistados (vinte e quatro) mencionou ter encontrado a página em redes sociais como *Facebook*®, tanto a página em si como eventos relacionados (visto que o CFWT geralmente cria eventos específicos, por data, na rede social mencionada, a fim de que os interessados possam acompanhar e inclusive verificar se a caminhada irá acontecer ou não, dependendo das condições climáticas); em sítios eletrônicos aleatórios, não necessariamente relacionados a dicas de viagem (a maioria relatou ter procurado passeios ou “coisas

para se fazer em Curitiba”, ou “turismo em Curitiba”, ou “*Free Walking Tour* em Curitiba”, entre outras palavras ou conjuntos de, por meio da plataforma de busca do *Google*® ou similar, assim encontrando a página do projeto em redes sociais ou outros sítios eletrônicos que falavam sobre a caminhada); outros que já sabiam da existência de *Free Walking Tours* pelo mundo, já tinham participado de outros e ficaram sabendo e/ou se interessaram em saber se existia algo do tipo em Curitiba-PR (até por interesse em começar a atividade por conta própria); e outro ainda comentou ter encontrado a partir de buscas e avaliações no *site TripAdvisor*®.

Outros quatro participantes relataram ter recebido sugestão do passeio por meio de parentes e amigos que já haviam feito a caminhada ou tinham pelo menos ouvido falar dela e compartilharam a informação com quem vinha conhecer a cidade. E, por fim, três respondentes disseram que ficaram sabendo do passeio a partir da divulgação, sugestão e indicação feita pela equipe dos *Hostels* em que ficaram hospedados durante a estadia na cidade.

Cabe mencionar que uma das participantes que citou haver procurado o projeto na *Internet*, começou a visualizar páginas relacionadas e observou um comentário em uma dessas páginas que indicava o contato direto de um dos condutores do projeto. Dessa forma, conseguiu contatá-lo diretamente a partir de aplicativo de mensagem pelo celular (*Whatsapp*®), podendo verificar se no período em que estaria aqui, o projeto aconteceria.

#### GRÁFICO 4 – RESULTADOS CORRESPONDENTES À VISITA EM CURITIBA

Em relação a ser a primeira vez ou não na cidade, excetuando-se os moradores, a maioria (vinte e seis) dos participantes estava conhecendo a cidade pela primeira vez e quatro já haviam visitado anteriormente, representando esta a segunda vez que vinham à Curitiba-PR (apenas uma das respondentes mencionou que era a sua quinta vez na cidade). Destas quatro pessoas, uma relatou que veio pela primeira vez em Julho de 2017 e, nesta ocasião, teve a oportunidade de realizar o CFWT também pela primeira vez. Como aprovou o passeio, acabou voltando e fazendo o *tour* novamente, desta vez acompanhada, o que demonstra uma opinião positiva em relação ao passeio.

Por último, ainda em relação às informações gerais, os participantes foram indagados se, sendo ou não a primeira vez na cidade, e antes de participar da caminhada, já haviam conhecido algum ou alguns dos pontos pelos quais o roteiro passa. Em caso positivo, os respondentes eram convidados a mencionar quais eram esses pontos.

#### GRÁFICO 5 – CONHECIMENTO SOBRE OS PONTOS DE PARADA

Fonte: Elaborado pela Autora (2018).

Do total de turistas respondentes, doze haviam passado por pelo menos um ponto dos quais o CFWT para, e o restante (dezoito), realizaram o passeio ou logo



após chegarem à cidade ou como primeira atividade cultural da viagem, não tendo conhecido a região central da cidade antes de fazer a caminhada. Dos doze turistas, uma havia realizado o *tour* anteriormente, mencionando que lembrava mais da escadaria da Universidade Federal do Paraná – UFPR (Prédio Histórico, onde se inicia a caminhada) e do Largo da Ordem. Um casal havia conhecido alguns pontos, porém se interessaram mais pela proposta do *tour*, de ter a oportunidade de conhecer a cidade por meio de um morador local; ao passo que outra participante havia se interessado pela questão política (tinha interesse e curiosidade em saber onde havia acontecido o primeiro movimento neste sentido), e quando o condutor mencionou sobre o assunto, disse ter gostado bastante.

Outros participantes conheceram alguns pontos devido a localização de seu meio de hospedagem, que ficava no centro histórico e, para se chegar a ele, passavam por algumas igrejas e outros prédios históricos, porém não haviam feito o trajeto completo nem parado ou prestado atenção nos detalhes (o que foi possibilitado a partir da caminhada). Da mesma forma, outros participantes também mencionaram o fato de terem passado por alguns pontos do roteiro, como a Rua das Flores e a Praça Tiradentes, com o ônibus da Linha Turismo, mas não chegaram a descer; e mesmo assim, só repararam que já haviam passado por alguns lugares quando viram o ônibus transitando por onde estavam (no momento do CFWT).

Uma das participantes relatou, inclusive, que quando estava no ônibus da Linha Turismo não reparou em todos os lugares que passou e em como alguns pontos do centro histórico são próximos uns dos outros, fato que só percebeu no momento da caminhada, ao ver que as distâncias entre um ponto e outro eram pequenas. Com relação a isso, duas participantes demonstraram preferência em realizar o roteiro a pé, visto que quando estão no ônibus não conseguem visualizar os pontos com calma, não conhecem toda a história envolvida e acabam descendo somente para observar os espaços, sozinhas, sem ter alguém explicando de fato o que significa determinado local, monumento ou atrativo.

Outra participante relatou que, quando veio à Curitiba pela primeira vez, havia visitado a Feirinha (do Largo da Ordem, um dos pontos de parada e passagem do CFWT) com um morador local, mas que ele não contextualizou ou apresentou a região da mesma forma como feita pelo condutor do projeto, com tantos detalhes, o que, segundo a participante, tornou a experiência incompleta. Por fim, quatro participantes mencionaram que haviam passeado e conhecido a Rua XV de

Novembro somente durante a noite, e, portanto, haviam tido uma percepção diferente do local, visto que o movimento e outros fatores mudam conforme o período ou turno em que se visita.

Já em relação aos moradores, mesmo tendo mencionado que conheciam os locais de passagem do CFWT, principalmente pelo fato de trabalharem e transitarem mais de uma vez na semana pela região central e pelo centro histórico, todos afirmaram ter conhecido de fato os locais de parada após participarem da caminhada, visto que antes apenas passavam, muitas vezes com pressa, e não reparavam ou observavam os detalhes de perto. A caminhada pela cidade, com calma e tranquilidade, nesse caso, auxiliou os próprios moradores a conhecerem e, por isso, identificarem-se mais com o lugar onde vivem, resgatando aqui o conceito de lugar de Tuan (2013), que diz respeito ao fato das pessoas criarem um laço mais forte com um determinado local, terem afeto pelo espaço, sentirem-se bem em determinados lugares. E isso pôde ser percebido na opinião dos moradores em relação a lugares que antes não tinham importância, mas que, a partir da caminhada, passaram a ter um significado diferente e a ganhar outros olhares, fazendo com que seus frequentadores se sentissem pertencentes a eles e passassem a criar um vínculo com esses locais.

Essas percepções, por parte da pesquisadora, serão brevemente explicadas a partir do próximo tópico, a fim de demonstrar como as mesmas foram realizadas e com qual objetivo. Sendo assim, segue a explicação geral sobre o segundo instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa.

### 5.1.2 Observação Participante

Este instrumento de coleta de dados possibilitou realizar anotações, a partir de um diário de campo, com a finalidade de coletar e registrar informações sobre o trajeto percorrido no dia de pesquisa (se houve alguma mudança de rota ou não), qual foi o número de participantes por caminhada (turistas e moradores), quem foi o condutor ou foram os condutores responsáveis pelo grupo em cada dia, bem como anotar algumas diferenças percebidas em relação à fala destes condutores (quando comparado ao passeio anterior). Também foi possível atentar e anotar algumas indagações feitas pelos participantes ao condutor bem como curiosidades que

surgiram durante a caminhada, e outros pontos que, sob o ponto de vista da pesquisadora, seriam interessantes para análise.

### 5.1.3 Análise Fotográfica

Como ferramenta de análise, optou-se ainda por solicitar aos participantes que enviassem uma foto que para eles foi a mais representativa do *tour*, chamou mais a atenção ou que teve algum significado diferenciado ao longo da caminhada. O intuito foi de, posteriormente, poder analisá-las em conjunto com a fala desses participantes e também verificar qual e como foi a percepção visual dos mesmos, o olhar desse participante em relação a determinado monumento, paisagem ou atrativo.

Cabe ressaltar que nem todos os participantes tiraram fotos do passeio (mas mencionaram o que havia chamado mais a sua atenção) e também nem todos os que tiraram, retornaram ou enviaram a respectiva foto. Portanto, apenas foram analisadas as fotos enviadas por *e-mail* ou *Whatsapp*® em conjunto com a escolha dos participantes que não tiraram fotografias. Isto possibilitou verificar, de forma geral, quais foram os pontos mais comentados e/ou registrados pelos caminhantes, a partir da imaginabilidade estimulada no espaço urbano visitado.

### 5.1.4 Entrevista Individual

No dia 09/02/2018 realizou-se entrevista semiestruturada (vide Apêndice B) com uma das idealizadoras do projeto Curitiba *Free Walking Tour*, a fim de coletar informações adicionais (que não foram encontradas no sítio eletrônico, nas redes sociais ou com os próprios condutores) que permitiram conhecer com mais detalhes a história do projeto, como ele surgiu, o que mudou do primeiro ano para o atual (2018), se o trajeto se manteve o mesmo, entre outras questões que buscaram entender o projeto como um todo; estes resultados se encontram no tópico 4.5.2.1. Além disso, a entrevista teve o intuito de conhecer qual o olhar e a percepção da própria criadora em relação ao CFWT, ao que havia sido proposto, e como ela enxerga o centro histórico de Curitiba-PR; estas informações foram incluídas nas conclusões do trabalho (Capítulo 6).

Portanto, a partir dos resultados obtidos por meio dos instrumentos de coleta de dados, apresenta-se a seguir uma análise mais específica dos mesmos, aliando a discussão teórica do trabalho com seu objetivo geral, buscando também responder ao problema que foi apresentado inicialmente. Para realizar esta análise, excetuando-se as informações específicas coletadas na entrevista individual, os demais dados foram levados em consideração a fim de cruzar informações pertinentes.

## 5.2 ANÁLISE ESPECÍFICA

Optou-se por realizar a análise dos dados obtidos por meio de dois tópicos, sendo que o primeiro diz respeito às respostas obtidas por meio da entrevista de grupo, considerando as perguntas 05 e 06 e o segundo diz respeito às perguntas 07 e 08 (vide Apêndice A). Esta escolha foi feita com o intuito de facilitar a compreensão e especificar a análise dos resultados levando em consideração as demais técnicas e instrumentos aplicados no processo de pesquisa, sendo estes a observação participante, por meio de anotações registradas em diário de campo e a análise fotográfica, por meio de fotos enviadas pelos participantes.

Para isso, as entrevistas de grupo, que tiveram duração média de 25 minutos cada, foram transcritas em arquivos separados por dia e, posteriormente, as falas dos participantes foram analisadas em conjunto com as informações anotadas pela pesquisadora (em diário de campo). Esta etapa foi realizada com o objetivo de cruzar informações e identificar elementos relevantes, correspondentes ao marco teórico e ao mapa conceitual da pesquisa, bem como de encontrar respostas recorrentes que indicaram percepções e experiências semelhantes em relação a região estudada, no caso o centro histórico de Curitiba-PR, a partir do roteiro percorrido pelo CFWT.

Dessa forma, pelo fato de percepção e experiência serem objetos intrínsecos e ao mesmo tempo complementares entre si e possuírem características subjetivas, cabe ressaltar que foram encontradas respostas na pergunta sobre percepção, que se relacionariam mais com a questão da experiência, e vice-versa, optando-se então por realizar uma análise conjunta desses objetos a fim de não haver repetições, o que aconteceria caso fossem analisados separadamente. Mesmo assim, conforme abordado no referencial teórico, considera-se o fato de que cada pessoa tem sua

maneira de viver, sentir, perceber e experienciar o espaço urbano, de acordo com seu modo de vida e experiências anteriores.

### 5.2.1 A Percepção do Centro Histórico de Curitiba-PR e a Experiência de Caminhada pelos Participantes do Curitiba *Free Walking Tour*: Elementos Físicos, Relação com o Espaço Urbano por meio dos Sentidos e Indicadores de Caminhabilidade

Neste tópico, relacionado às perguntas 05 e 06 do instrumento de coleta de dados aplicado aos participantes, busca-se apresentar os resultados obtidos a partir da percepção que os próprios caminhantes tiveram e conseguiram descrever ao final do passeio, considerando também a experiência de caminhar por todo o trajeto percorrido. Cabe ressaltar que, em algumas partes das entrevistas, a percepção não só do centro histórico, mas da cidade como um todo ficou evidente, porém optou-se por manter essas percepções no momento da análise, visto que ambas estão relacionadas e uma acaba por influenciar a outra. As respostas foram analisadas em conjunto (considerando-se os trinta e seis participantes respondentes) e complementadas com as anotações de campo, procurando destacar as impressões mais comentadas.

Com relação à experiência de caminhada, a análise se concentra em identificar como os participantes consideraram, aproveitaram e sentiram esta experiência de caminhar pela região pesquisada. Para isso, levaram-se em conta os indicadores que contribuíram ou não para que a caminhada fosse passível de se classificar como confortável, proveitosa, segura e interessante.

Desta forma, haja vista se tratar de uma pesquisa qualitativa com objetos de pesquisa subjetivos, apresenta-se a seguir a análise dos resultados a partir de uma divisão realizada em itens, com temas referentes aos elementos descritos no Quadro 2, a fim de facilitar sua leitura e compreensão. Cabe mencionar que os comentários citados pelos participantes foram identificados com a letra inicial de seus sobrenomes, com o intuito de preservar suas identidades.

### **5.2.1.1 Vias, Limites, Cruzamentos, Segurança do Pedestre, Tamanho das Quadras e Facilidade de Fluxo das Pessoas e dos Veículos**

Neste primeiro item, optou-se por agrupar os elementos (citados explícita ou implicitamente pelos participantes) que estavam mais relacionados ao trajeto em si, considerando percepções obtidas quanto à segurança durante a caminhada (no que se refere ao trânsito), às distâncias percorridas entre um ponto de parada e outro (e também ao trajeto completo) e à duração do passeio. Além disso, outras respostas puderam ser relacionadas à facilidade de se transitar no centro histórico de Curitiba-PR, como o atravessar das ruas e a condição e conservação das calçadas.

Com relação às vias, além do que será descrito, não houve maiores citações ou comentários diretos do grupo sobre o trajeto percorrido, visto que, conforme observação da pesquisadora, este representa um elemento que está intrínseco e/ou inerente à prática do caminhar (uma obviedade), em se tratando de um passeio a pé, no qual necessariamente serão percorridas algumas ruas (vias) da cidade. Além disso, em relação aos limites, pode-se considerar que o mais citado (e também o mais aparente ao longo do caminho, de acordo com a observação participante) foi o “Museu a Céu Aberto”, constituindo-se num paredão/painel de azulejos que apresentam pinturas do artista paranaense e curitibano Napoleon Potyguara Lazzarotto, mais conhecido como Poty Lazzarotto. Como estes elementos se misturam muitas vezes, as menções feitas a este limite são apresentadas no tópico 5.2.2 pelo fato de também ter sido considerado como um ponto marcante.

Quanto à situação de caminhar pela cidade e atravessar as ruas, levando-se em conta aqui a relação com o elemento “cruzamentos”, uma moradora comentou que a sinalização é padronizada e que há um respeito relativo entre veículos e pedestres, corroborando outras opiniões dos participantes e não percebendo grandes dificuldades. Outros turistas relataram que se sentiram surpresos em algumas situações nas quais, só pelo fato de colocar o pé na rua, mesmo não tendo faixa de pedestre, os carros pararam (segundo eles isto ocorreu no Bairro Centro Cívico e na Praça Santos Andrade); estes participantes comentaram que é um processo de educação e cidadania que não veem com frequência em todo local, e que para quem é da ou mora na cidade, a percepção é diferente (e acaba sendo quase imperceptível), porém, para quem mora em locais nos quais esse processo não existe, no caso deles, é uma realidade que acaba chocando.



Ainda com relação a isso, uma participante relatou ter ficado confusa no momento de atravessar a rua, visto que às vezes o sinal fica verde para o pedestre mas este não pode atravessar, porém no geral também não encontrou maiores dificuldades. Corroborando esta fala, outra turista considerou que “nas proximidades da Universidade Federal do Paraná, um cruzamento exige um pouco mais da atenção dos pedestres, mesmo com existência de um semáforo”, classificando a caminhada como média, com diversos pontos de observação e comentários feitos pelo condutor. (S., 2017).

Por outro lado, outros participantes avaliaram as calçadas como estando bem conservadas, além de uma respondente ressaltar que os sinais de pedestres foram adequados para um atravessar de ruas tranquilo, avaliando que o menor movimento nas ruas, por se tratar de feriado de Carnaval, acentuou essa percepção. Aqui é interessante observar a sensação de outra participante, que considerou que a região central estava bastante movimentada também devido ao Carnaval, não comprometendo o conforto ao longo da caminhada.

Outros participantes observaram que a cidade possui uma acessibilidade razoável. Outros, constataram que o grupo se dividiu em alguns momentos para atravessar as ruas, mas que isto, porém, não chegou a comprometer o trajeto ou atrasar a caminhada, considerando que o passeio foi uma boa experiência. Com relação a esta divisão dos grupos, por meio da observação participante foi possível perceber que isto ocorreu mais de uma vez e, em alguns momentos, era preciso caminhar mais rápido para alcançar o grupo.

Ainda em relação às calçadas, duas participantes observaram o fato de ter muitas calçadas largas no centro histórico de Curitiba-PR (o que também indica uma proteção ao pedestre), afirmando ser algo bom pelo fluxo maior de pessoas e considerando que a cidade se prepara para atender os pedestres e ciclistas (mencionando que em outras cidades, os gestores acabam pensando mais nos automóveis que nos pedestres); aqui se abre um parêntese para citar o elemento relacionado às “prioridades da cidade”, o qual não foi selecionado para a pesquisa, mas foi percebido por alguns participantes. Além disso, os respondentes compararam esta questão com suas cidades de origem, onde não há ou, quando tem, são muito estreitas, considerando que quase não se consegue caminhar sem esbarrar em outras pessoas, sendo necessário também desviar dos carros.

Outros participantes consideraram a caminhada uma boa experiência, observando o fato de que gostam de caminhar e se deslocar a pé pelas cidades, tanto como moradores quanto como turistas, quando visitam destinos, visto que um turista afirmou que não gosta de pegar táxi ou outros transportes quando visita uma cidade, pois a pé acaba visualizando detalhes e situações que, caso utilizasse algum dos transportes citados, não veria. Este mesmo participante considerou o trajeto curto, o que facilita uma pessoa de mais idade fazê-lo, não verificando muitas subidas ao longo do trajeto ou caminhos que dificultassem a caminhada.

Com relação à duração do passeio, os respondentes consideraram que andaram pouco e puderam conhecer diversos atrativos, em um período de tempo suficiente que os proporcionou caminhar com tranquilidade pelo centro histórico, à medida que o condutor explicava sobre os locais, sem dificuldades aparentes, podendo parar e observar os detalhes com calma. Uma participante sugeriu alterar o horário da caminhada em uma hora mais cedo (iniciando às 10h00), visto que melhoraria, segundo ela, o horário de término e não atrasaria tanto o passeio.

Alguns consideraram a caminhada lenta, principalmente nos dias em que só havia um condutor e a presença de algum turista estrangeiro, sendo necessário explicar os pontos em português e traduzir em inglês. Por meio da observação participante, foi possível constatar que em alguns passeios até há mais condutores, porém em processo de aprendizagem e treinamento, auxiliando somente em algumas partes do trajeto, caso seja necessário.

Outras pessoas disseram ter se sentido bem, considerando que o passeio não foi longo e que aproveitaram mais a caminhada devido a presença do condutor, que respondeu a todas as perguntas, informando sobre a cidade. Uma participante, inclusive, afirmou que repetiria a experiência e indicaria aos seus amigos. Outra considerou que as pessoas foram educadas e os condutores, simpáticos.

### **5.2.1.2 Segurança Pública**

Neste item apresentam-se as percepções e experiências relacionadas à sensação de segurança dos participantes durante a realização da caminhada. Este elemento se refere aos “serviços urbanos” citados por Castrogiovanni (2001).

Quanto à percepção do centro histórico de Curitiba-PR no que diz respeito à segurança, os participantes observaram a presença de pedintes e moradores de rua

por onde caminharam. Porém, houveram turistas que consideraram essa situação como sendo algo comum, normal, que está presente nas grandes cidades, principalmente em suas regiões centrais, não representando esse fato uma percepção ruim, ou de insegurança em relação ao espaço urbano visitado; ao passo que outros se sentiram inseguros devido a estas circunstâncias e, algumas vezes, incomodados com a abordagem de alguns pedintes à medida que caminhavam pelo centro histórico.

Quanto a esta questão, houve opiniões divergentes tanto de acordo com o dia da pesquisa (se feriado ou não) quanto com o número de participantes (representando um grupo maior ou menor). Dos turistas, alguns se sentiram seguros, observando que não houve abordagem de pessoas em situação de rua; enquanto outros relataram terem sido abordados, considerando que há bastante pedinte na região central, fato este mais perceptível durante a noite.

Vale ressaltar aqui que no último dia de campo, realizado em 10/02/2018, feriado de Carnaval, todos os participantes respondentes mencionaram a questão da abordagem (às vezes agressiva) de moradores de rua solicitando dinheiro, considerando isto um ponto estressante e que chamou a atenção pela quantidade de pessoas nesta situação e quantidade de vezes abordadas (mesmo tendo a sensação de segurança durante o passeio). Por outro lado, alguns participantes relataram que não observaram nenhum policiamento na região durante o período e que, mesmo considerando algo comum aos centros de grandes cidades, tiveram sensações de insegurança e perigo. Esta situação também foi observada pela pesquisadora e pode ter ocorrido por dois motivos principais: um por se tratar de feriado, com mais pessoas circulando pelo centro da cidade; e outro pelo tamanho do grupo, com quase quarenta participantes, o que acabou chamando mais a atenção ao longo do seu deslocamento.

Ainda com relação às diferenças de percepção conforme o período em que os dados foram coletados observou-se que, em períodos especiais, como por exemplo final de ano, houve um aumento no contingente de profissionais responsáveis pela segurança atuando na cidade. Relacionado a isso, algumas moradoras respondentes consideraram que a segurança existente no centro histórico da cidade “é mais para turista ver”, visto que não se sentem tão seguras caminhando pelo centro da cidade e também não sentem diferença entre a segurança exercida em dias de semana ou em finais de semana. Mesmo assim, ainda mencionaram que em

Curitiba-PR esse serviço ocorre melhor que em outras cidades, pois aqui ainda conseguem andar com mais tranquilidade, e tem mais movimento no centro. Além disso, sabem que determinados pontos são perigosos e evitam transitar por eles, considerando que o centro histórico torna-se perigoso em épocas festivas, como, por exemplo, o Natal.

Outras diferenças quanto à percepção de segurança ao longo do caminho foram notadas, dependendo da cidade de origem dos participantes. Para um caminhante do Rio de Janeiro-RJ, por exemplo, essa percepção e sensação de segurança foram mais relevantes que para outros turistas. Com relação a isso, o participante do Rio de Janeiro comentou sobre a existência de alguns projetos (implantados para a Copa do Mundo e Olimpíadas) que melhoraram a sensação de segurança em alguns pontos da cidade. Porém, quando foi comparar o que sente lá com o que sentiu aqui, mencionou que não há como realizar esse tipo de comparação, pois “são dois extremos, tanto com relação à segurança quanto à limpeza, [...] aqui quase não se vê policiais, mas se sente seguro mesmo assim”.

Da mesma forma, outro turista, de Porto Alegre-RS, que realizou a caminhada durante o período de Natal, comentou que gostou bastante da caminhada, principalmente por considerar que Curitiba-PR é “uma cidade bem tranquila [...] de caminhar, e de olhar para as coisas, olhar para cima sem medo, sem ficar se cuidando, que é uma coisa que eu não sinto lá [em Porto Alegre]”. Vale ressaltar que após a fala desse participante, a partir da observação da pesquisadora, outros turistas riram e concordaram, comparando a situação com suas próprias cidades de origem.

Para um turista de Belo Horizonte, que participou do mesmo grupo de caminhada, a presença da polícia nos quarteirões trouxe a ele e ao passeio um pouco de tranquilidade, fazendo com que também se sentisse seguro; porém, após a intervenção da pesquisadora e de outros participantes (lembrando o período festivo em que se encontravam), considerou que provavelmente este policiamento seria de fato referente ao Natal e mais voltado para a população.

Ainda com relação a isso, outro turista achou interessante a questão da segurança no centro de Curitiba, considerando que não lhe agrada muito passear pelos centros das cidades brasileiras justamente pelo fato de se sentir inseguro (fato que, nas cidades estrangeiras, o participante mencionou não sentir), e que aqui, por

ter visto “crianças brincando, joguinhos, [...] um senhor levando uma cadeirinha pra assistir esse evento [Natal do Palácio Avenida]”, isso lhe demonstrou segurança.

### **5.2.1.3 Prédios Antigos, Ruas Agradáveis e Serviços e Mobiliários Urbanos**

Neste tópico são descritas as percepções e experiências mencionadas tanto em relação aos contrastes entre prédios antigos (históricos) e modernos quanto em relação à conservação do centro histórico de Curitiba-PR. Optou-se também por agregar aqui as informações referentes tanto à limpeza pública, arborização e iluminação (serviços urbanos) quanto à organização do espaço, referentes, por exemplo, à existência de lixeiras e floreiras (mobiliário urbano). Ressalta-se que o elemento “ruas agradáveis”, proposto por Speck (2016) relaciona-se aqui ao de “agradabilidade estética”, apresentado por Castrogiovanni (2001).

Quanto à limpeza e organização, a maioria dos participantes relatou ter avaliado a cidade, a região e o centro histórico em si, limpos e organizados (utilizando advérbios de intensidade para enfatizar essa questão, como “bem” e “muito”), principalmente por notarem que quase não havia lixo nas ruas por onde passaram. Alguns disseram ter se impressionado com esta situação (de que a cidade se mantém limpa mesmo com as atividades que são exercidas na região central, como o comércio, e ainda com os passantes do dia-a-dia), enquanto outros ficaram surpresos porque esperavam encontrar mais sujeira pelo centro histórico e não encontraram (o que representa um indício de imaginário, confrontando a situação imaginada com a situação real).

Os turistas citaram também a educação da população local como uma das razões para a cidade se manter limpa, pois observaram a ausência de lixeiras não somente pelo centro histórico, mas por outros trajetos que percorreram durante a estadia na cidade, e quando caminharam por ela encontraram só um ou outro lixo no chão. Enfatizaram que mesmo com a falta de lixeiras os moradores a conservam limpa; nesse quesito foi interessante observar que, quando se encontram fora de suas cidades, os turistas passam a respeitar a cultura local por meio do que percebem, do que veem e do que sentem pelo local visitado, visto que alguns turistas comentaram situações que haviam vivenciado antes do passeio, como o fato de terem (pela falta de lixeiras e ausência de lixo no chão) guardado seu lixo até encontrarem um local adequado para fazerem o descarte (alguns comentaram que

isso aconteceu somente quando encontraram garis realizando seus serviços pelo caminho). Sobre a questão de “guardar o lixo”, um dos participantes comentou que isso não acontece sempre quando está na sua cidade de origem.

Com relação a isso, a maioria dos turistas também realizou comparações (tanto referente à limpeza quanto à segurança) entre Curitiba-PR e suas cidades de origem ou também entre os centros históricos de uma e outra, respectivamente. Alguns chegaram a comparar, não poucas vezes, com algumas cidades do continente europeu.

Quanto aos moradores que participaram da pesquisa, estes se mostraram orgulhosos pela limpeza de sua própria cidade (e a imagem que é passada aos que vêm de fora), principalmente quando visitam outros destinos, pois é neste momento que percebem as semelhanças e diferenças, e, a partir disso, também podem estabelecer comparações. Uma das moradoras mencionou o trabalho dos garis, afirmando que a divisão do trabalho por setores, em que cada trabalhador fica responsável por uma região da cidade, acaba por criar uma relação entre o profissional que realiza a limpeza e o local a ser limpo, além de otimizar o serviço visto que, caso um gari não limpe por completo sua área no mesmo dia, sabe que terá de fazê-lo no dia seguinte. Dessa forma, a participante acredita que fica mais fácil manter a cidade limpa.

Ainda quanto à limpeza, cabe mencionar a percepção de uma das respondentes, que reparou nos carrinhos utilizados por catadores de lixo reciclável, comentando o fato de eles serem “muito organizados”, que “é tudo muito certinho no carrinho deles [...] onde eu moro em São Paulo é uma bagunça, [...] eu achei tudo muito legal”. Já outra participante mencionou a conversa que teve com um morador local, na qual ele lembrou que, quando era criança, o governo da época havia realizado diversas ações e projetos voltados à conscientização da população quanto à limpeza da cidade, fato que a participante achou interessante e ao mesmo tempo mostrou-se triste com o que ocorre na cidade em que mora, na qual as pessoas costumam jogar lixo de dentro do ônibus, direto ao chão.

Por último, observando as diferentes percepções que podem surgir em relação a um determinado local, cabe citar a opinião de uma das participantes que, ao contrário dos demais turistas, obteve uma percepção negativa da região do centro histórico da cidade, no que se refere à limpeza:



acredito que o calçadão da Rua das Flores já foi mais limpo em dezembro de 2011, quando fiquei por mais tempo na cidade; não sei se devido a mudanças do perfil de turistas, da população em geral ou da população de rua, isto vem se perdendo; embora Curitiba seja consideravelmente mais limpa que a cidade em que resido, acredito que houve um pequeno declínio neste aspecto. (S., 2018).

É interessante observar que o fato dessa participante ter visitado a cidade por mais de uma vez e em anos diferentes ocasionou uma percepção diferenciada, baseada em comparações relativas a imagens capturadas e experiências vividas pela própria participante em momentos anteriores (no mesmo local), bem como a mudanças ocorridas no próprio espaço urbano. Vê-se que aqui a comparação com a cidade de residência não influenciou de forma significativa a percepção obtida.

Com relação ao estado de conservação do centro histórico, a maioria dos respondentes teve uma percepção positiva, enfatizando a beleza de seus casarios, prédios históricos e construções antigas, caracterizando esse espaço urbano como bonito, belo, encantador, planejado, limpo, bem conservado, rico em curiosidades e história, arborizado (tanto o centro histórico quanto a cidade em si), com muitas “flores, decoração e luzes bonitas” (durante o período de Natal), entre outros. Alguns participantes também compararam essa questão aos centros históricos das suas cidades de origem, comentando que se surpreenderam em como os prédios estão preservados em Curitiba-PR. Um respondente estrangeiro comentou: “[Curitiba] é a cidade mais bonita que eu já conheci no Brasil, mesmo [...] não conhecendo muitos lugares [...]. A cidade parece um filho de Berlim, Paris e Cracóvia (estes lugares conheço muito bem, ao contrário do Brasil)”. (K., 2017).

Alguns acreditam que o fato de o centro histórico se manter conservado se deve à preocupação das autoridades locais, além de terem observado que os moradores frequentam essa região e utilizam um espaço que é próprio deles. A partir da caminhada, alguns respondentes perceberam que também é feito um resgate e uma manutenção da história ali existente, e alguns moradores citaram exemplos de outras ruas e espaços do centro que foram revitalizadas e, por isso, voltaram a ser frequentadas pelos seus habitantes.

Por outro lado, uma participante relatou que “infelizmente os casarios históricos de propriedade particular no centro comercial estão em boa parte mal conservados”, indicando uma percepção negativa da região, mas principalmente no que se refere aos responsáveis pela manutenção de alguns imóveis históricos. Esta

mesma participante comentou: “o Setor Histórico em primeira vista me lembrou do Pelourinho de Salvador, e em um segundo momento, Ouro Preto em Minas Gerais”, o que indica que experiências anteriores em outros locais semelhantes influenciaram sua percepção.

Outro turista também concordou com o fato de que a preservação de centros históricos é algo que “está se perdendo no tempo, muitas vezes pelo fato dos gestores públicos não se interessarem em preservar seus prédios históricos, derrubando-os [...]”. Mas, ainda assim se interessa em conhecer os centros históricos das cidades que visita, principalmente pelo fato de ter cursado História anteriormente e por gostar de patrimônio.

Outros participantes observaram a conjugação harmônica das edificações históricas (antigas) com as modernas (novas) existentes no espaço urbano visitado, mencionando que as duas “podem andar juntas”, e que essas diferenças são interessantes. Outro respondente comentou que teve “a impressão de um centro pequeno, mas com monumentos e prédios relevantes”. (S., 2018). Esta percepção também se dá pela experiência do caminhar, a partir do contato visual que se estabelece com o ambiente, bem como com os demais sentidos que atuam e estimulam sensações e emoções ao longo da visita.

#### **5.2.1.4 Uso dos Sentidos e Influência do Condutor**

A fim de analisar a percepção dos elementos físicos e a experiência de caminhada no centro histórico, cabe também ressaltar a utilização dos sentidos pelos caminhantes que participaram da pesquisa bem como a influência da fala dos condutores sobre esta percepção, formada ao longo do passeio. Além disso, busca-se compreender e analisar qual ou quais sentidos foram mais utilizados para trocar informações com o meio e perceber, sentir o espaço urbano visitado.

Com relação aos sentidos, percebeu-se que a visão foi o que prevaleceu na construção da percepção a partir do primeiro contato estabelecido com o centro histórico e à medida que turistas e moradores caminhavam pela cidade. Porém, notou-se que os demais sentidos (tato, olfato, audição e paladar), evidenciando-se entre estes a audição, contribuíram de forma significativa no que diz respeito a perceber o espaço como um todo, considerando influências relacionadas a barulhos (de automóveis, pessoas, chuva, animais) e a fala dos condutores; os cheiros (das

ruas, dos restaurantes, cafés), aguçando também o paladar a partir de imaginários; bem como as texturas (das calçadas, dos imóveis, dos monumentos), entre outras.

Com relação a isso, cabe mencionar que, por meio de observação participante, algumas situações se destacaram quanto à utilização dos sentidos para perceber e se relacionar com os locais visitados: o tato foi mais utilizado para perceber o Marco Zero, devido à sua estrutura em alto relevo; o olfato (aguçando também o paladar), para o Paço da Liberdade, mais especificamente no que se refere ao Café do Paço, visto que os caminhantes passam por dentro dele para continuar a caminhada na parte de trás do prédio (aqui alguns participantes relataram ter sentido vontade de sentar à mesa e degustar um café); a audição, para a Rua XV de Novembro, com figuras caricatas que divulgam seu trabalho a partir da fala, e também para a estátua Maria Lata D'Água, visto que a partir da fala dos condutores muitos participantes esboçaram surpresa em conhecer sua história, e para a Estação Central, por meio da movimentação de ônibus biarticulados e de outros barulhos relacionados à estação tubo; a visão, para todos os locais visitados.

Quanto à influência do condutor na criação da percepção do centro histórico de Curitiba-PR, a maioria dos respondentes (moradores e turistas) afirmou que o condutor fez bastante diferença ao longo do passeio e que, ao final, a imagem que tinham tanto sobre a cidade quanto ao centro histórico foi alterada de forma positiva. Dos moradores, três asseguraram que, além de não terem conhecido o *tour* anteriormente, não haviam reparado em certos detalhes, não sabiam da história referente a alguns dos locais visitados e, algumas vezes, não tinham conhecimento sobre a existência de determinados monumentos, pelo fato de que costumam fazer suas atividades e caminhar pela cidade mais por conta própria; isso demonstrou o estabelecimento de uma relação positiva com o centro histórico após a realização da caminhada.

Em relação aos outros dois moradores participantes, que já tinham conhecimento sobre o passeio, mas o estavam realizando pela primeira vez no dia da pesquisa, estes relataram terem gostado da caminhada e apreendido informações que, mesmo morando há anos na cidade, não conheciam, não sabiam. Também gostaram dos comentários que foram feitos pelos condutores sobre a vida cotidiana da cidade em séculos passados, pois, segundo eles, para quem é habitante, torna-se interessante ouvir como os moradores de outra época interagiam com o espaço urbano, qual era a função histórica de certos locais, bem como

aprender um pouco sobre a questão arquitetônica e de planejamento. Por fim, consideraram ter valido a pena participar do *tour* e aprender um pouco mais sobre a própria cidade à medida que caminhavam pelo seu centro histórico, afirmando que, com a presença e as explicações do condutor, prestaram atenção em diversos elementos que não teriam reparado caso estivessem caminhando com outro objetivo que não a contemplação.

A maioria dos turistas afirmou ter se surpreendido com os aspectos históricos e culturais mencionados pelos condutores e presentes no centro histórico da cidade, não imaginando que encontrariam tantos elementos relacionados a isso, principalmente no que se refere às estátuas e monumentos. Aqui, por meio de observação participante, também foi possível perceber a reação de surpresa e interesse dos participantes à medida que ouviam as curiosidades, tomavam conhecimento sobre os acontecimentos que haviam ocorrido em determinados locais e sobre a história de Curitiba, além de serem estimulados a observar e refletir sobre como essas questões estavam relacionadas ao desenvolvimento da cidade e do estado. Sobre isso, um turista estrangeiro considerou interessante caminhar pela cidade, por pontos próximos e ouvir mais informações sobre prédios, monumentos históricos, o que acontece na cidade e como a cidade trata seus cidadãos.

Quanto a esta percepção dos detalhes e curiosidades ao longo do trajeto percorrido, cabe citar alguns locais que foram mencionados pelos participantes (podendo alguns deles ser considerados também como pontos marcantes e de agradabilidade estética), como a estátua do Índio, na Praça Tiradentes, a da Maria Lata D'Água, em frente ao Mercado das Flores, e as figuras desenhadas nas calçadas, em *petit-pavé*, principalmente as localizadas na Praça Santos Andrade e em frente ao prédio onde hoje funciona o Correio (antigo Telégrafo), em frente à Estação Central, as quais estão relacionadas ao Movimento Paranista, quando havia a necessidade de se formar uma identidade paranaense, com símbolos típicos do estado, a partir da capital Curitiba.

Confirmando essas questões, cabe citar aqui dois depoimentos de participantes, um que relatou ter percebido que “[...] o Centro guarda muito da história da cidade, mas que ela se encontra escondida. As placas informativas, por exemplo, revelam muito pouco. O ‘guia’ fez toda a diferença e com certeza sem ele não teria tirado tanto proveito do passeio”. (M., 2018). E outra que mencionou o fato de que “[...] vários detalhes que passariam despercebidos foram observados, como

as esculturas ‘Maria Lata d’Água’, ‘Cavalo Babão’ e ‘Cacique Guairacá’, mosaicos (Pinhões e Gralhas Azuis nas calçadas da UFPR e Correios, respectivamente) e obras de Poty Lazzarotto no ‘Museu à Céu Aberto’”. (V., 2018).

Corroborando essa questão, os demais participantes também consideraram que, se não fossem as explicações dos condutores (que, segundo uma participante, tornam a passagem pelo centro mais enriquecedora), não teriam reparado ou dado importância aos detalhes e à história relacionada aos pontos visitados, pois são elementos que acabam não sendo notados ou, mesmo que fossem visualizados, não seriam compreendidos. Alguns respondentes também mencionaram o fato de que, quando estão sozinhos(as), acabam visitando alguns locais com mais pressa e não param com o intuito de observar os detalhes.

Como exemplos disso foram citados os Painéis de Poty (que um participante, num primeiro momento, não havia conseguido compreender, porém, quando o condutor apresentou a história relacionada às pinturas e qual era a sequência a ser observada, ele pôde enxergar algo diferente e entender o que o artista quis retratar); a estátua do Índio (que não imaginavam a história à qual ela estava relacionada, sobre o surgimento da cidade); o monumento referente à região conhecida popularmente como “Boca Maldita”, próxima à Praça Osório (que alguns participantes relataram que não teriam conseguido observar e identificar sem a presença do condutor); e a estátua de Maria Lata D’Água que, por meio da observação participante, foi a que mais surpreendeu os caminhantes, devido à sua história e por representar o movimento negro na cidade.

Com relação à atuação do condutor, a maioria considerou como uma condução de boa para ótima, sugerindo, porém, que seria mais prudente haver mais voluntários para coordenar melhor os grupos, acompanhar o movimento, ajudar no trajeto, visto que às vezes apenas um não consegue atender a todos e também acaba se desgastando mais, além de algumas pessoas considerarem que a caminhada acaba ficando muito lenta. Com relação a este ponto, a pesquisadora observou que, num dos dias, mais ao final do *tour*, uma dupla havia ficado para trás, sem a presença de um condutor e poderia ter se perdido, o que não ocorreu pelo fato da pesquisadora ter auxiliado. Por outro lado, não há como mensurar quantas pessoas irão participar da caminhada em cada dia, dificultando a divisão do grupo.

Por fim, ainda sobre a influência dos condutores ao longo do trajeto, alguns respondentes comentaram que, a partir da observação de certos detalhes,

lembraram de outros *Free Walking Tours* que participaram em outros países; outros que, mesmo conhecendo a cidade ou passeio em outra ocasião pelo centro histórico tiveram uma nova ou diferente percepção, um outro olhar, a partir da caminhada (que não tiveram em outros passeios realizados pela região, como por meio da Linha Turismo); uma participante observou que “os mediadores se mostraram bem instruídos e apaixonados pela cidade” (S., 2018); e, ainda, outros participantes relataram que o passeio superou expectativas, visto que haviam passado pelo centro histórico em outros momentos e não tinham percebido os detalhes mencionados durante a caminhada.

### **5.2.1.5 Concentração e Movimento de Pessoas**

Quanto à percepção de movimento no centro histórico, observou-se que esta foi diferente dependendo do período em que as caminhadas foram realizadas. Alguns participantes consideraram um movimento pequeno (em feriado no mês de Novembro e com comércio fechado), relatando que observaram um movimento maior apenas no dia do *tour* (sábado) ou durante a noite (em outros momentos de visita), mas ainda assim pouco ou normal em relação às suas cidades de origem. Alguns participantes indagaram à pesquisadora e a outros moradores participantes sobre a utilização do centro pela população local, durante o dia e a noite, visto que haviam percebido poucas pessoas circulando no local.

Outros respondentes consideraram a cidade movimentada (em época de Natal, sendo possível ter outra opinião em dias e horários diferentes) e perceberam que o centro histórico “é um local frequentado por muitas pessoas e possui muitas atividades. Principalmente sábado pela manhã, com atividades culturais, como o xadrez”. (L., 2017). Esta percepção se refere às atividades realizadas esporadicamente na Praça Santos Andrade e Rua XV de Novembro. Além disso, vale ressaltar que essas percepções de movimento também foram diferentes entre turistas e moradores e que, se os grupos fizessem o mesmo percurso em outro dia ou horário, suas opiniões poderiam ser modificadas, alteradas ou complementadas.

Esta questão de existirem percepções diferenciadas de acordo com o horário em que visitam o local é comentada durante a caminhada, principalmente quando realizam a parada no Bebedouro do Largo da Ordem e mencionam a realização da Feirinha do Largo da Ordem, ou Feirinha de Domingo: os condutores pedem para os



participantes observarem o movimento e o local naquele momento (sábado), e convidam quem quiser e puder para voltar no dia seguinte, num domingo, onde poderão observar outro local, transformado pela presença das barracas e pela concentração de pessoas, principalmente se o tempo estiver bom, sem chuva.

Vale ressaltar que alguns participantes consideraram o pouco movimento bom para fazer o passeio, para ver e escutar o que o condutor falou. Uma moradora mencionou o fato de ter conseguido notar diferença no movimento, quando comparados dias de semana e finais de semana, visto que trabalha no centro durante a semana, e considerou o movimento, no sábado, anormal; porém acredita que mesmo que houvesse movimento maior de automóveis e pessoas, isto não afetaria ou alteraria sua percepção enquanto participante da caminhada.

#### **5.2.1.6 Outros Elementos**

Além dos elementos utilizados como base para esta pesquisa, outros componentes foram mencionados pelos participantes e merecem atenção nesta análise, tais como os imaginários criados antes da visita, o clima (e sensação de cansaço), dentre outras informações relevantes que serão descritas neste tópico.

Com relação ao imaginário, ou seja, ao conjunto de imagens que as pessoas tinham ou haviam criado antes de conhecer a cidade (e seu centro histórico), alguns respondentes mencionaram que o espaço urbano correspondeu ao imaginado. Por outro lado, percebeu-se que os participantes remeteram Curitiba e seu centro histórico por diversas vezes ao continente europeu (no caso dos participantes estrangeiros, estes compararam Curitiba com outras cidades relacionadas aos seus países de origem, no caso Alemanha e Polônia), indicando que, antes de virem à cidade, tinham a imagem de a mesma ser habitada (às vezes se referindo também à região Sul do país), em sua maioria, por descendentes de imigrantes europeus, e de que sua história de crescimento e desenvolvimento estaria mais relacionada a estes descendentes, aos “homens brancos”.

Porém, ao conhecer a cidade, falar com seus moradores e participar do Curitiba *Free Walking Tour*, essa imagem foi modificada indicando, segundo os participantes, a pluralidade de pessoas (gêneros, raças, culturas, etnias), a consequente miscigenação, e o fato de que negros e índios ajudaram a construir a cidade. Neste quesito, uma das participantes afirmou ter se sentido feliz em

conhecer a cidade, e que o fato de ver os negros representados por meio de monumentos e espaços na cidade a marcou e sensibilizou, visto que “não [se] vê isso no dia a dia, no popular [...] E isso é muito bom, eu venho de uma cidade que só tem os grandes, mas os pequenos não aparecem”.

Concordando com o assunto, outra respondente depôs sua opinião, afirmando que “Curitiba tem traços fortes de população de descendência europeia e alguns marcos do Brasil colonial não podem ser apresentados pela Linha Turismo”. Por fim, uma participante considerou importante divulgar essa questão, mencionando que acredita que muitos curitibanos também passam pelos locais, veem os ícones, os marcos, mas não sabem o que são ou significam.

Outra ideia que os participantes turistas tinham antes de conhecer a cidade, em parte construída a partir da fala de amigos e parentes que a haviam visitado, era a de que “os curitibanos são fechados”, que quase não falam com as pessoas, principalmente aquelas que não conhecem. Esta imagem, contudo, também foi desfeita e alterada a partir do momento em que precisaram pedir informações de localização, do próprio passeio (considerando o atendimento dos condutores), entre outras. Por fim, uma das participantes mencionou que não tinha muitas perspectivas a respeito do que iria ver, pois geralmente realiza viagens voltadas à natureza, litoral e trilhas, e esta era a primeira vez que ela viajava com o intuito de conhecer a parte histórica da cidade. Ao final do passeio, sua percepção foi positiva, considerando o fato de ter gostado do passeio e do mesmo, inclusive, tê-la ajudado a se localizar na cidade.

Quanto ao clima, os participantes mencionaram este fator como sendo uma das motivações principais para vir à cidade e que (observando-se que fez uma temperatura amena na maioria das caminhadas) contribuiu na percepção da mesma, considerando que gostam “do frio, da chuva, do tempo nublado”, e ficam decepcionados quando faz sol e calor. Nesse aspecto os respondentes voltaram a comparar o clima de Curitiba com o de suas cidades de origem, mencionando ser um clima agradável para realizar o passeio enquanto em outras cidades, segundo alguns turistas, caminhar por duas horas ou mais seria exaustivo devido ao calor.

Quanto à questão de idade, alguns participantes consideraram que a caminhada proporcionou o contato com pessoas das mais variadas faixas etárias.

Quanto à sensação de cansaço, os participantes consideraram que andaram bastante tempo, mas não se sentiram cansados, nem perceberam o tempo passar,

considerando que as paradas ao longo do trajeto permitiram recuperar o fôlego, num dia de sol e calor (levando em conta também o horário do *tour*), quando caminhavam distâncias maiores. Também por se tratar de uma caminhada mais lenta, tranquila e com paradas, consideraram que o trajeto se torna menos cansativo. Algumas pessoas sugeriram que poderiam ter duas opções de *tour*.

Outros comentários gerais que valem ser ressaltados se referem à falta de placas nos monumentos; a algumas informações que não foram respondidas por completo durante a caminhada; à decepção de uma turista em relação à decoração de Natal da cidade (em 2017), que esperava encontrar o centro com mais luzes e objetos decorativos; à percepção que alguns participantes tiveram de Curitiba ser uma cidade com qualidade de vida (comparada a outras capitais) e que, devido a isso e a facilidade de acesso para outras regiões do país, morariam aqui; e à percepção positiva de uma das participantes sobre a questão política, histórica, social e de reivindicações que ocorreu no centro histórico (comentando que iria indicar o passeio a amigos e gostaria de voltar outro dia para conhecer melhor a região).

Além disso, um dos participantes disse ser importante que projetos como esse (CFWT) continuem acontecendo, a fim de que mais pessoas conheçam a cidade e a valorizem; e outra respondente considera que “a parte boa do turismo é isso, não é só ir aos pontos turísticos e só saber da história, mas sim [...] da visão de morador mesmo; quando eu viajo pra algum lugar eu gosto muito de ir a mercado, fazer as coisas que o morador faz pra conhecer a cultura e como as pessoas interagem”.

Quanto a outras questões, cabe mencionar que duas moradoras que participaram da pesquisa e são formadas em História do Paraná, relataram que sentiram falta de o condutor não ter falado sobre alguns outros pontos também interessantes historicamente, como por exemplo, a Biblioteca Pública do Paraná ou outros prédios históricos da Rua XV. Observa-se aqui que, naquele dia a parada referente à Biblioteca não havia sido feita, ao que o condutor explicou, posteriormente, que acabaram deixando de mencioná-la às vezes devido ao fato de ser mais para o final da caminhada e o tempo estar curto. Porém, com esse relato, um dos condutores voltou a incluir essa parada no trajeto, ou seja, os próprios participantes acabam muitas vezes influenciando no caminho que será percorrido nos próximos passeios.

Também foi mencionado o Relógio de Sol, nas proximidades da Praça Tiradentes, que às vezes os condutores comentam sobre a primeira farmácia de Curitiba-PR e acabam não comentando sobre o relógio, que fica na fachada externa da mesma; outras vezes até brincam com a questão do clima da cidade. Ao mesmo tempo, uma das moradoras falou que não sabe se viria ao caso incluir esses lugares por conta do tempo, que demandaria um tempo maior de passeio, caso fossem acrescentadas mais paradas.

Por fim, um ponto interessante a ser comentado diz respeito à fala de uma das participantes, relatando que, após a caminhada, teve vontade de conhecer mais a própria cidade, mencionando que o passeio despertou esse interesse nela. Outra respondente concordou com o fato e mencionou que iria investigar se tinha esse tipo de passeio na cidade onde mora (Rio de Janeiro), sendo logo interrompida por outro participante, de Porto Alegre-RS, afirmando que no Rio de Janeiro-RJ existe sim um *Free Walking Tour*.

Dessa forma, a partir dos resultados, observa-se que os moradores da própria cidade acabam não tendo conhecimento sobre as possibilidades de desvendá-la e se relacionar com ela e seus inúmeros elementos, passando a valorizar esta relação somente quando visitam outros destinos.

Com relação a esses inúmeros elementos, os pontos marcantes muitas vezes acabam se sobressaindo em relação aos demais, visto que se destacam no espaço urbano por representarem monumentos, prédios que podem ser vistos de longe, grandes construções, dentre outros. Sendo assim, após a análise dos resultados sobre a percepção e experiência dos participantes do Curitiba *Free Walking Tour* quanto aos elementos físicos, à relação com o espaço urbano por meio dos sentidos e aos indicadores de caminhabilidade (item 5.2.1), passa-se a seguir para a análise dos dados obtidos a partir de fotografias registradas pelos caminhantes. Esta análise está relacionada ao aspecto visual da caminhada e tem o intuito de comentar e analisar os pontos marcantes que foram mais citados e registrados durante a realização da pesquisa.

### 5.2.2 O Aspecto Visual da Caminhada: Pontos Marcantes e Formação da Imagem da Paisagem do Centro Histórico de Curitiba-PR

Neste segundo tópico buscou-se realizar uma análise fotográfica a partir da percepção e da experiência anteriormente desenvolvidas pelos participantes ao longo da caminhada. Considerando a formação da imagem do espaço urbano a partir do que lhes foi apresentado e os pontos marcantes destacados por eles, foi possível “ver com os olhos” dos caminhantes, observar qual foi a sua percepção do centro histórico de Curitiba-PR sob outro ponto de vista, verificar o que lhes chamou mais a atenção, de acordo com um sentimento, um *insight* provocado pelo condutor ou pelo fato de ter se identificado com determinado local ou situação. Aqui o elemento “paisagem construída e caminhos” (CASTROGIOVANNI, 2001) também se insere na medida em que corresponde às impressões e aos sentimentos que uma paisagem pode sugerir ao seu espectador a partir do momento em que se apresenta e é visualizada.

Nessa etapa, os participantes foram convidados a enviar uma fotografia que, para eles, havia sido significativa ou chamado sua atenção, considerando todo o trajeto realizado. As imagens foram solicitadas posteriormente por meio de mensagem de aplicativo e por *e-mail*, sendo que os respectivos contatos foram anotados ao final de cada entrevista de grupo, com anuência dos participantes. Neste momento, foi também solicitado o nome completo dos mesmos ou abreviações, a fim de que fossem colocados os devidos créditos em cada fotografia apresentada como ferramenta de análise nessa pesquisa e procurando preservar suas identidades. Com o mesmo objetivo, as imagens em que os rostos dos participantes ficavam visíveis receberam um efeito “borrado” ou “embaçado”.

Vale mencionar que nem todos os caminhantes que participaram da entrevista retornaram o pedido de envio das fotografias, porém, a partir dos que enviaram, foi possível selecionar e apresentar aqui algumas delas. Aqueles que não registraram imagens foram convidados a mencionar qual ponto ou situação do passeio havia lhe chamado mais a atenção, explicando em seguida o porquê da escolha, de forma espontânea, tendo seus comentários incluídos na análise das fotos que correspondem ao próprio local escolhido, não perdendo seu valor analítico para a pesquisa. Os que não possuem fotografias correspondentes foram acrescentados ao final do item.

O que também foi interessante observar é que algumas imagens se repetiram, tanto em relação ao local quanto à explicação (com uso de palavras semelhantes), porém os ângulos e formatos das fotografias, bem como as percepções, foram diferentes, representando a individualidade de cada participante a partir do que sentiram e/ou com o que se identificaram no momento do registro.

Assim, com a permissão dos participantes e a fim de compartilhar com o leitor esses registros, foram analisadas as fotografias enviadas e, junto a cada uma, foram apresentados os comentários realizados pelos seus respectivos fotógrafos, conforme se acompanha na sequência. Optou-se por apresentá-las por ordem de preferência dos caminhantes, ou seja, das mais citadas e registradas para as que menos foram mencionadas.



FIGURA 21 – PRIMEIRA IMAGEM REFERENTE À ESTÁTUA MARIA LATA D'ÁGUA



FONTE: S., B. B. (2017).

“Estátua da Maria Lata D’Água, [...] foi a única foto que tirei e ficou bem centralizada, mais artística!”

FIGURA 22 – SEGUNDA IMAGEM REFERENTE À ESTÁTUA MARIA LATA D'ÁGUA

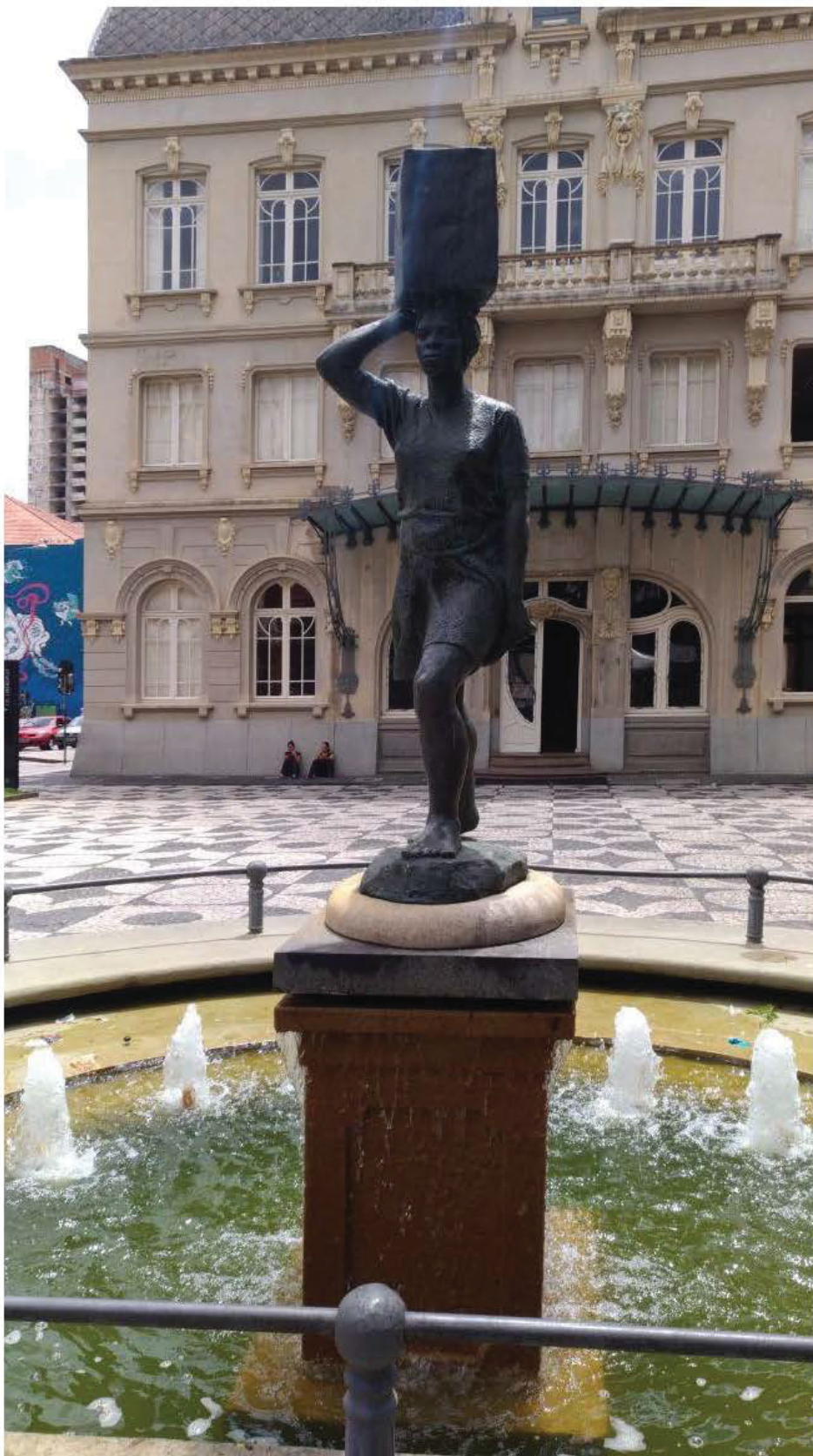


FONTE: S., E. H. C. (2017).

“Minha dúvida é se eu gostei mais do Painel (Poty), que mostra uma evolução, ou pela questão de ser assim, algo diferente, o fundo de onde tem o café (do Paço), a questão daquela estátua ali, algo diferente. Algo que ela representa passaria despercebido, mas graças ao tour foi esclarecido e é muito interessante”.



FIGURA 23 – TERCEIRA IMAGEM REFERENTE À ESTÁTUA MARIA LATA D'ÁGUA



FONTE: C., A. L. (2017).

“Achei que ali foi o que mais marcou mesmo” (o Pelourinho).

FIGURA 24 – QUARTA IMAGEM REFERENTE À ESTÁTUA MARIA LATA D'ÁGUA



FONTE: S., R. O. S. (2018).

“A foto que envio é, sem dúvida, a que mais me marcou. Tirei apenas 4 fotos e essa me marcou pelo peso histórico: raramente vemos negros representados. Isso me deu certa felicidade e, ao mesmo tempo, achei bonito registrar a escultura próxima ao prédio.

Gostei bastante também da pintura do Poty, em cerâmica. Achei muito sensível e muito encaixada ao local. Gostei muito também do “cavalo babão” e da história da origem da escultura”.

Após a observação destas quatro imagens relacionadas à estátua Maria Lata D'Água, denominada “Água pro Morro”, e os respectivos comentários de quem a registrou, foi possível verificar que, mesmo tendo sido tiradas sob uma mesma perspectiva (considerando a estátua vista de frente com o prédio do Sesc Paço da Liberdade – antigo Paço Municipal – ao fundo, na Praça José Borges de Macedo), cada uma apresenta uma apreensão diferente em relação à imagem e, conseqüentemente, à paisagem cultural e urbana ali representada. Nas imagens 21 e 23, nota-se que a estátua está representada de forma central nas fotografias, constituindo parte do todo (prédio, chafariz, calçada, pessoas, paredes com grafite). Nas Figuras 21 e 22, a noção de espaço e de fundo aparece mais ampliada, dando

uma sensação de profundidade, com a estátua sendo complementar aos demais elementos citados no caso anterior (prédio, chafariz, etc.).

Na Figura 24, a estátua aparece em primeiro plano e a visão dos demais elementos componentes da imagem é ampliada de forma bidirecional, é possível visualizar outros prédios históricos ao redor e o céu parece se fundir com alguns prédios mais altos. Neste caso, as cores das fotos apresentam diferenças de luminosidade, mas isto não interfere de maneira considerável as suas interpretações.

Além das fotos aqui representadas, cabe mencionar que mais quatro participantes a mencionaram como sendo um ponto marcante do roteiro, relacionando-se a um elemento físico e ao conceito de imaginabilidade de Lynch (1996). Destes participantes, a maioria afirmou ter escolhido este ponto devido à sua história e pelo fato da mesma representar o movimento negro, indicando o sentimento de afetividade que criaram pelo monumento após a fala do condutor, o qual, por sua vez, influenciou e despertou esse sentimento nos ouvintes.

De acordo com Camargo (2005) e a partir do que é mencionado pelos condutores, a estátua representa uma história interessante sobre um relacionamento amoroso entre o seu criador (Erbo Stenzel) e Anita Cardoso Neves, quando aquele estudava no Rio de Janeiro e ela serviu como modelo da escultura, quando posava na Escola Nacional de Belas Artes. Segundo Camargo (2005, p. 78), Erbo manteve um caso amoroso com Anita e, quando retornou à Curitiba, continuou se correspondendo com ela por cartas, inclusive há registros de “envio de quantias em dinheiro para ela, o que pode indicar uma relação que rendeu desdobramentos”. E “o fato de Stenzel não a trazer com ele em seu retorno a Curitiba pode indicar inclusive a previsão pelo escultor de dificuldades de relacionamento da modelo, negra e pobre, com sua família”. (CAMARGO, 2005, p. 78).

Um participante mencionou que “com certeza vai lembrar do que foi dito ali, sobre a história, e também por estar junto ao prédio do Sesc”; outra respondente disse que gostou da estátua “porque a história por trás dela é bem interessante [...], talvez se você tivesse sozinho ali ninguém olhava [...] poderia ter uma plaquinha dizendo alguma coisa”, ao passo que outro participante concordou, relatando que ali não há nada que represente ou que conte pelo menos quem é o autor e qual o nome da obra.



Por último, uma participante não mencionou exatamente a estátua em si, mas fez menção ao local onde “vendia-se os escravos”, comentando que “ali de comemorativo né (lembrou o que o condutor havia falado durante essa parada), não tem nada”.

FIGURA 25 – PRIMEIRA IMAGEM REFERENTE AO MUSEU A CÉU ABERTO (PAINÉIS DE POTY)



FONTE: S., B. B. (2017).

“[...] a foto do painel, que sou fascinado por painel, e pelo que eles podem passar às pessoas. Desde que viajei para Europa, Dresden, onde tem aquele painel enorme de ladrilhos, que sobreviveu a guerra, fiquei fascinado com aquele painel e comecei a criar um amor por isso, e aí no que vi [este] durante o passeio, também tirei uma foto [...]”.



FIGURA 26 – SEGUNDA IMAGEM REFERENTE AO MUSEU A CÉU ABERTO (PAINÉIS DE POTY)



FONTE: N., D. (2017).

“[...] Murais do Poty, que retratam a história da cidade, e graffiti retratando Paulo Leminski, fora os prédios absolutamente históricos, como a igreja dos negros. O que não é bonito (que é uma questão social do país, claramente estampada nas ruas), é a questão dos pedintes, alcoólatras, poderia se pensar inclusive em projetos e parcerias com a universidade, de sair para a rua, de sair da academia para a comunidade, alunos, professores, de trazer resultados mais práticos, mas no caso das universidades públicas tem a questão da verba, da falta de recursos”.

Nesta análise, além de o Painel de Poty Lazzarotto representar um ponto marcante, também representa um limite, de acordo com Lynch (1996), por se tratar de uma fronteira, um paredão que divide um lado de outro da calçada e o qual os caminhantes não conseguem transpor. Além disso, caracteriza-se por ser um Museu a Céu Aberto e atrativo turístico, disponível para observação dos passantes.

Assim, observa-se que ambas as fotos foram registradas a partir de um mesmo ponto de vista (da direita para a esquerda), buscando enquadrar o painel como um todo. Nas duas fotos também podem ser observados outros elementos físicos, tais como prédios, mureta, grama, postes, ponto de ônibus e pessoas

(movimento), sendo que a segunda Figura (26) possui mais elementos em relação a primeira.

A partir dos comentários correspondentes em cada fotografia, é possível observar o sentimento e motivação que levaram os participantes a escolhê-las. Na primeira (25), o respondente mencionou sua paixão por painéis de ladrilhos (ou azulejos) e a lembrança que foi resgatada nesta caminhada a partir de um painel que conheceu em uma viagem para o exterior (quando começou a se interessar pela história que eles podem transmitir aos seus observadores). Na segunda (26), percebe-se o interesse dos participantes em, além de retratar o painel, retratarem-se junto na fotografia, como recordação de um ponto que acharam interessante durante a caminhada, principalmente por representar a história da cidade (cabe mencionar que esta história foi relatada pelo condutor).

Além destes três participantes, outros quatro citaram o painel de Poty como um ponto que chamou a atenção durante o passeio. Uma moradora, inclusive, mencionou que fez esta escolha pelo fato de passar pelo local por diversas vezes e “nunca tinha reparado no que ele queria retratar”. Ela conhecia e havia prestado atenção em outros painéis do artista espalhados pela cidade (lembrando-se do que se encontra na fachada do Teatro Guaíra, na Praça Santos Andrade), porém nesse em específico não havia parado para observar com calma, afirmando que ficou um tempo tentando adivinhar e identificar algumas figuras que para ela não estavam muito claras.

Outra participante (turista) relatou ter escolhido o painel como ponto marcante pelo fato de ele apresentar muitas características relacionadas à cidade. Outro demonstrou ter gostado bastante do painel, justificando sua escolha a partir disto. Outro mencionou o próprio artista e outra pessoa, ainda, deixou claro que depois das explicações do condutor, teve outra visão sobre a obra.

FIGURA 27 – PRIMEIRA IMAGEM REFERENTE À ESCULTURA DE PINHÕES (MEMORIAL DE CURITIBA)



FONTE: S., D. (2017).

(Não houve comentários específicos sobre a escolha)



FIGURA 28 – SEGUNDA IMAGEM REFERENTE À ESCULTURA DE PINHÕES (MEMORIAL DE CURITIBA)



FONTE: C., N. L. (2017).

“Eu achei a parte mais interessante a do riozinho com os pinhões (Memorial de Curitiba)”.

Nas duas fotografias apresentadas acima, as duas participantes escolheram a escultura de pinhões, localizada no interior do Memorial de Curitiba, como pontos marcantes da caminhada. Esta escultura foi esculpida com o intuito de representar a forma como os índios armazenavam e conservavam as pinhas e pinhões no passado, garantindo a integridade do alimento por mais tempo. Cabe ressaltar que em algumas caminhadas a entrada no Memorial e, conseqüentemente, a apresentação desta escultura, não foi realizada, apenas citando-se algumas informações de seu lado externo. Isto ocorreu algumas vezes pelo fato de estar ocorrendo algum evento no seu interior, ou por estar fechado ou por escolha dos próprios condutores.

Analisando-se as fotografias, observa-se que na primeira (27), a participante focalizou a própria escultura, com as pinhas e pinhões em destaque. Já na segunda figura (28), é possível visualizar outros elementos presentes no espaço, tais como os demais participantes, a existência de escadas ao fundo e a estrutura do chão, sendo possível também imaginar sua textura.

Além destas figuras, outras duas participantes mencionaram a escultura como o que chamou mais atenção durante a caminhada, uma que a considerou “linda” e outra que mencionou o Memorial e mais especificamente os pinhões, realizando sua escolha a partir da fala do condutor, o qual, neste ponto, explicou sobre a importância das araucárias para a cidade e o Estado.

FIGURA 29 – PALÁCIO GARIBALDI



FONTE: N., D. (2017).

“A foto que acho que ficou melhor foi a do Palácio Garibaldi, que ficou lindíssima a visão, de baixo pra cima. Apesar que ali no Largo da Ordem fica tudo bonitinho, tudo ajeitado, fica bonito”.

Nesta fotografia observam-se novamente os caminhantes fazendo parte do todo, com o Palácio Garibaldi ao fundo (outro ponto marcante escolhido por eles, além do painel de Poty). Notam-se também outros elementos na paisagem, como a calçada (e um pouco dos desenhos nela presentes), a presença de outro participante, a mureta e as grades de divisão/proteção entre a calçada, o gramado e o Relógio das Flores (atualmente desativado), árvores, postes de iluminação com arquitetura diferenciada, em harmonia com o centro histórico e algumas placas de sinalização mais distantes.



De acordo com os participantes, a escolha deste ponto se deu por conta da beleza da foto, considerando-se todos os elementos presentes e a visão que a imagem proporciona, estando o Palácio em profundidade. Além disso, a pessoa que registrou a fotografia deixou implícito em seu comentário o sentimento em relação à região visitada, a partir dos adjetivos que menciona.

FIGURA 30 – CATEDRAL BASÍLICA MENOR



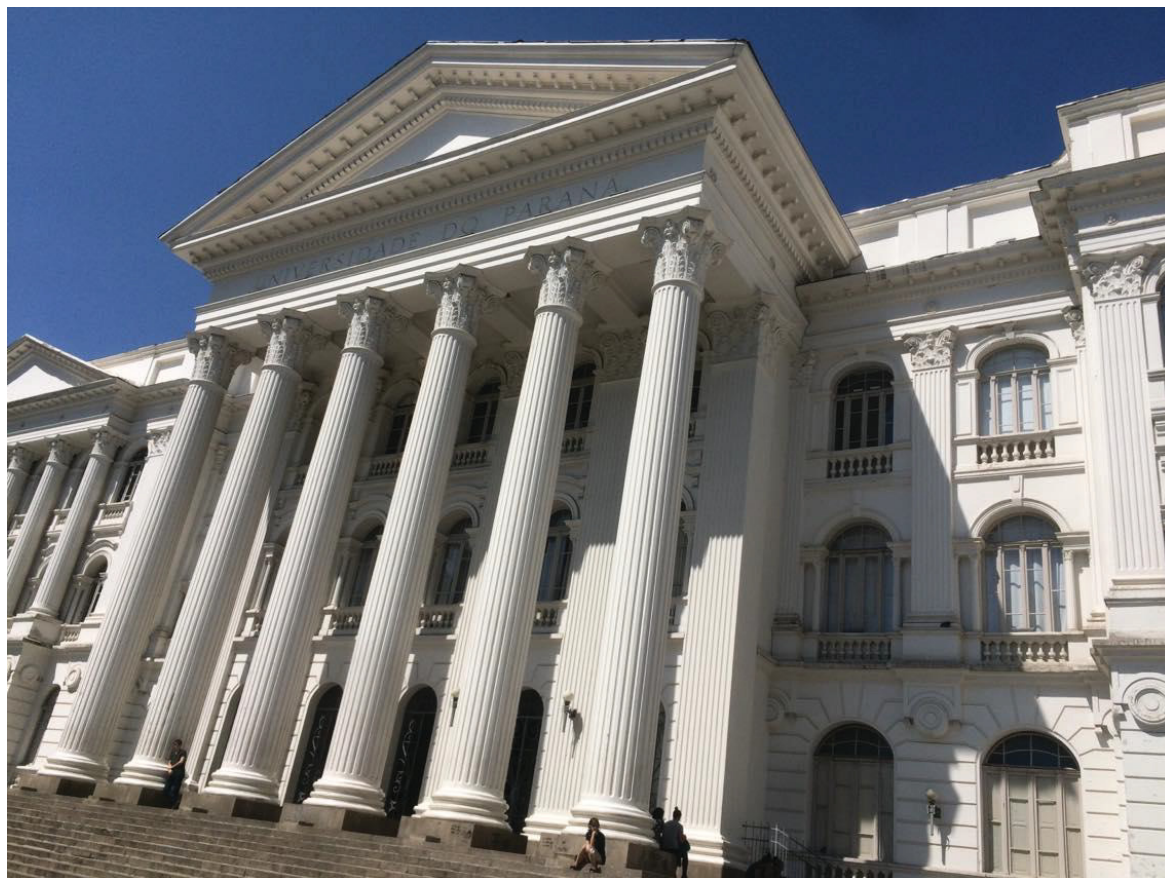
FONTE: M., H. de F. M. (2017).

“[...] A que eu gostei mais que eu tirei foi a do índio em frente a Igreja (Catedral), que a história assim... as pessoas às vezes tentam camuflar tudo para a igreja e eu gostei mais da versão do índio, e ele está apontando também, eu gostei, aí tirei uma que pega bem ele e a igreja atrás, eu acho que realmente marca a história de Curitiba, onde tudo começou”.

Esta fotografia foi escolhida pela participante, como apresentado no comentário correspondente, pelo fato de representar o início da história de Curitiba-PR, a partir de seu descobrimento pelos povos indígenas que habitavam a região e indicaram o caminho aos colonizadores que ali chegaram e estavam em busca de terras para se instalar. Esta história, contada com mais detalhes pelos condutores do projeto, chamou a atenção da caminhante principalmente por mostrar outro ponto de vista sobre a história da cidade que ela desconhecia, visto que a imagem que tinha era que somente o ponto de vista dos colonizadores, brancos, prevaleceria.

A partir disto, e por ter sido um ponto da caminhada que a marcou, a participante registrou esta fotografia, na qual é possível observar diversos elementos, com a Estátua à frente e a Catedral ao fundo, porém em destaque. Dentre estes elementos, podem-se citar: o local onde se encontra a estátua, a calçada, o movimento de pessoas, alguns prédios à esquerda, árvore à direita e, em destaque, a Catedral Basílica Menor de Curitiba, evidenciando-se a sua arquitetura, com torres, relógios e demais adornos.

FIGURA 31 – PRÉDIO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



FONTE: L., A. C. A. B. (2017).

“Muitos locais foram significativos para mim, mas o ponto de encontro, a universidade me marcou. Principalmente pela arquitetura. Eu sou pós-graduanda então o ambiente da universidade faz parte do meu cotidiano, e acredito que foi por isso que a universidade me chamou a atenção”.

Na Figura 31 pode-se observar a perspectiva que projeta “grandiosidade” do prédio histórico da Universidade Federal do Paraná, anteriormente chamada de Universidade do Paraná. Além disso observa-se também, de forma parcial, suas escadarias, algumas pessoas, luminárias tipo arandela, janelas, as colunas em destaque e sua arquitetura de forma geral.

Em se tratando desta última, suas formas diversificadas chamaram a atenção da participante que a escolheu como ponto marcante da caminhada. Outra questão interessante que se pode constatar a partir do comentário relacionado, é a que se refere ao “ambiente da universidade”, com o qual a participante se identifica haja vista estar intrínseco ao seu dia-a-dia. Isto permite concluir que se estabeleceu um sentimento de pertencimento a esse local.

Outro participante que não enviou a foto, mas também mencionou o prédio histórico como ponto marcante, fez esta escolha porque relatou que sua arquitetura



o remeteu à arquitetura grega, “nem tanto pela história (do prédio e da Universidade), mas pela influência que essa arquitetura exerce até hoje”.

FIGURA 32 – PRIMEIRA IMAGEM REFERENTE AO CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA-PR (REGIÃO DO LARGO DA ORDEM)



FONTE: K., A. E. (2017).

FIGURA 33 – SEGUNDA IMAGEM REFERENTE AO CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA-PR (REGIÃO DO LARGO DA ORDEM)



FONTE: K., A. E. (2017).

“Adorei os prédios coloridos atrás do Catedral, me lembrou bastante o meu país (Polônia). Além dos prédios, gostei a prefeitura (palácio) antiga por fato que é liberada para a sociedade graças a cafeteria e livraria situada dentro”.

As duas Figuras (32 e 33) apresentadas acima foram registradas pelo mesmo participante, porém sobre pontos de vista diferenciados, representando percepções e imagens também diferentes, uma a certa distância, quando o condutor comentou sobre os prédios históricos em frente ao Paineis do Poty; e outra numa perspectiva de proximidade, quando é realizada a parada em frente ao Bebedouro do Largo da Ordem, que não está representado na foto. Esta observação se faz interessante visto que o caminhante procurou dar mais atenção justamente aos “prédios coloridos” que, para ele, significaram uma lembrança de seu país de origem, a Polônia, representando também um sentimento de afetividade com o local.

Em ambas as fotos é possível notar outros elementos físicos, como pontos de ônibus, outros prédios históricos com diferentes arquiteturas, prédios modernos,



orelhões, placas de sinalização e de propaganda, pequenos arbustos e vasos, pichações, pessoas, automóvel, calçamento, ônibus e lixeira.

Outro fato interessante a ser mencionado é que outro turista estrangeiro (alemão), apesar de ter tirado diversas fotos ao longo do trajeto (mas não enviou a que se destacou), relatou que o local que chamou mais a sua atenção foi da mesma forma o Largo da Ordem, considerando a região do bebedouro.

Além disso, outro participante também relatou como ponto marcante “a área do primeiro mercado da cidade, [...] onde tem o bebedouro, abrigo dos cavalos [...] e onde começou o comércio da região, muito interessante”.

FIGURA 34 – FONTE DA MEMÓRIA – CAVALO BABÃO (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA-PR)



FONTE: S., N. P. (2017).

“Cavalo Babão (Fonte da Memória). Ah, o cavalo né, sensacional!”

Nesta fotografia, registrada com uma técnica ou máquina diferente (pelo que se pode observar nas extremidades da imagem), é possível verificar diversos elementos presentes no espaço urbano, tais como: árvores, rua, calçadas, prédios



históricos e modernos (ao fundo), viatura da Guarda Municipal, uma pessoa, aves, iluminação pública e sinaleiro para pedestres. Vê-se também outro exemplo em que a própria participante se retratou na fotografia, porém de uma forma diferente dos demais, visto que ela está posicionada como se estivesse olhando para uma parte daquela paisagem.

Como ponto marcante principal, centralizado, está a Fonte da Memória, conhecida popularmente como Cavalão Babão, que chamou a atenção da caminhante por sua história, contada a partir da presença do condutor. Esta história, de acordo com este, refere-se a uma comerciante, chamada Dona Hermínia, que vinha de Santa Felicidade à região central todos os dias vender seus produtos, e retornava para casa com sua carroça. Porém, como muitas vezes, cansada do trabalho, voltava adormecida (visto que seu cavalo sabia o caminho de volta), não pôde evitar o acidente que ocorreu em um destes dias: seu cavalo foi atropelado e Dona Hermínia, desde então, nunca mais foi vista pela região. E a Fonte teria sido feita em sua homenagem.

Existem outras histórias relacionadas à Fonte, quanto ao desenvolvimento da cidade, mas esta é a mais conhecida e a oficialmente relatada pelos condutores. Assim, esta história chamou a atenção de outros dois participantes, que também mencionaram o Cavalão Babão como ponto marcante da caminhada.

FIGURA 35 – PAISAGEM URBANA DA RUA XV DE NOVEMBRO (REGIÃO CENTRAL DE CURITIBA-PR)



FONTE: V., A. O. (2017).

“A foto foi tirada durante o primeiro Curitiba Free Walking Tour que realizei, em 22/07/2017. Achei representativa por agrupar elementos da arquitetura antiga e nova, arborização e flores, o céu azul sem nenhuma nuvem, além do movimento de pessoas em seu cotidiano”.

Por fim, como última fotografia a ser analisada, tem-se a Figura 35, relacionada à Rua XV de Novembro, um dos pontos por onde passa o CFWT (geralmente no início e fim da caminhada). O comentário correspondente demonstra os elementos que a participante pôde perceber, os quais auxiliaram na formação da imagem e, por completo, fizeram com que ela escolhesse este registro como algo marcante, referente à primeira vez que participou do *tour*.

Confirmando o que foi descrito, na imagem podem ser observados diversos elementos correspondentes à paisagem urbana, como prédios (históricos e modernos), árvores, calçamento, bancas (de flores, revistas e conveniências em geral), floreiras, postes de iluminação mais baixos, placa de sinalização, mobiliários

urbanos, concentração e movimento de pessoas, além do contraste do céu com estes elementos, como mencionado pela participante.

Além das fotografias aqui apresentadas e pontos marcantes relacionados, cabe citar aqueles que não foram registrados, mas representaram algo para os demais participantes. Dentre estes, cita-se o Paço da Liberdade, mencionado por dois participantes turistas por ter, arquitetonicamente, “aspectos de *Art Nouveau*, que é uma coisa bem rara aqui no Brasil, então é um diferencial do prédio, [...] achei muito lindo”. Vale ressaltar que esta percepção se refere a estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Além destes, mais dois participantes moradores mencionaram o Paço, porém em conjunto com a Praça Generoso Marques, pelo fato de gostarem dali, tanto da parte externa quanto interna do prédio. Já outra turista, que também mencionou a antiga Prefeitura (atual Paço da Liberdade), citou-a com uma perspectiva diferente dos demais, considerando “a estátua do Barão do Rio Branco, olhando para a ferrovia”, que, para ela, foi a que mais chamou sua atenção.

Outra participante citou a Igreja Presbiteriana, localizada na região do Largo da Ordem, como sendo seu ponto marcante, lembrando-se de suas formas e arquitetura e mencionando ter achado “bem bonita”.

Outra pessoa apenas mencionou “monumento”, outra relatou ter gostado de conhecer e ver “os ônibus coloridos” e, por último, cabe citar o depoimento de um dos participantes, do Rio de Janeiro, que mencionou ter registrado diversas fotos da cidade, porém nenhuma relacionada à caminhada: “como vivo em uma cidade onde o transporte público é extremamente ineficiente, causando graves consequências à população, o trecho do tour onde nos foi explicado o funcionamento dos ônibus em Curitiba me fascinou”. E complementou: “sempre ouvi bons comentários sobre a organização da cidade no que tange transporte coletivo. Portanto, saber suas origens e alguns detalhes sobre seu atual funcionamento me deixou bastante satisfeito”. (M., 2018).

Sendo assim, a partir das análises apresentadas, demonstram-se no próximo subcapítulo algumas considerações sobre os resultados, recapitulando as principais informações obtidas a partir da entrevista de grupo, observação participante e análise fotográfica.

### 5.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA

De forma geral, os caminhantes que participaram da pesquisa tiveram uma percepção positiva quanto ao centro histórico de Curitiba-PR e a experiência de caminhada, com algumas ressalvas que permitem refletir sobre questões inerentes a outras cidades (segurança, limpeza, entre outras) e passaram a se sentir mais íntimos à cidade visitada na medida em que os condutores expunham sua história e curiosidades durante o passeio. Nesse caso, a presença do condutor também foi positiva no sentido de atender ou superar as expectativas dos caminhantes, que relataram aprender muito mais com o acompanhamento de um mediador do que se visitassem os mesmos locais sozinhos, de forma autoguiada.

Para melhor visualizar essas questões, apresenta-se a seguir um quadro com os principais resultados obtidos.

## QUADRO 4 – SÍNTESE DE RESULTADOS

<b>Principais Elementos Percebidos e Demais Considerações</b>	
<b>Em relação à formação da imagem</b>	Conservação das calçadas; dificuldade em alguns cruzamentos para atravessar as ruas; dentre os pontos marcantes (elementos materiais) foram citados monumentos, estátuas, prédios históricos e painéis.
<b>Percepção do centro histórico e experiência de caminhada</b>	Relatos diferenciados entre os participantes, os quais se surpreenderam tanto positiva quanto negativamente em relação à segurança (enquanto pedestres e usuários do centro histórico de Curitiba-PR); à limpeza e organização do espaço urbano visitado; aos aspectos históricos apresentados; à presença de prédios antigos em contraste com prédios modernos; entre outras.
<b>Análise e identificação dos caminhos</b>	Os principais elementos percebidos pelos caminhanantes dizem respeito à existência de (poucas) lixeiras nas ruas, a presença de árvores e floiras, e a iluminação do espaço. Também foram mencionados aspectos positivos do transporte público e de atividades recreativas realizadas em algumas praças da cidade por onde o roteiro passa.
<b>Pontos Marcantes mais citados</b>	Estátua Maria Lata D'Água, Sesc Paço da Liberdade, Painei de Poty Lazzarotto e Memorial de Curitiba (Escultura de Pinhões).
<b>Sentidos que prevaleceram</b>	Visão (paisagens, monumentos, caminhos); audição (explicação dos condutores, barulhos de trânsito e movimentação de pessoas, vendedores ambulantes e artistas de rua); tato (textura das calçadas, identificação de distâncias no Marco Zero e arquiteturas dos prédios históricos); e olfato (principalmente o cheiro de café).
<b>Principais adjetivos empregados ao centro histórico</b>	Organizado, limpo, bonito, bem conservado, histórico e seguro.
<b>Principais adjetivos empregados à experiência de caminhada</b>	Tranquila, positiva, proveitosa, interessante, agradável, boa, segura, informativa e confortável.

Fonte: Elaborado pela Autora (2018).

Além dos principais adjetivos listados no Quadro 4, a partir da análise das respostas obtidas por meio de áudio (transcrito) e *e-mail* e das informações registradas em diário de campo durante as observações *in loco*, foi possível identificar palavras relacionadas ao clima, à harmonia entre o moderno e o antigo e à educação e cortesia dos moradores locais (na percepção dos turistas).

Estas palavras fazem parte da percepção que os participantes obtiveram quanto à região visitada a partir do que puderam observar visualmente ao longo do trajeto; da relação (que, neste caso, foi positiva, quando observada a semântica das mesmas) que os caminhantes puderam estabelecer (ou fortalecer) com o centro histórico de Curitiba-PR por meio de outros sentidos; de elementos físicos que perceberam ao longo do caminho (também por conta da fala dos condutores); e por serem surpreendidos entre as experiências e imagens que possuíam da região antes de visitá-la e as que passaram a ter e/ou a valorizar após a visita.

Houve diferenças nas percepções de acordo com a formação e atuação profissional dos participantes, como por exemplo, estudantes de Arquitetura e Urbanismo que se ativeram mais aos prédios históricos e suas manutenções, sendo surpreendidos pela preocupação com o restauro das obras e prédios antigos e a valorização do patrimônio, comparado a suas cidades de origem. Mencionaram inclusive a época do Modernismo, na qual houve bastantes demolições, mas que os prédios que não foram derrubados se encontram em boas condições. Além disso, os dias em que o *tour* foi realizado e a quantidade de participantes em cada grupo também influenciaram a construção da percepção dos participantes e a experiência de caminhada, resultando em imagens positivas ou negativas.

A partir dos dados obtidos no Curitiba *Free Walking Tour* foi possível verificar que, para os caminhantes, andar pelo centro histórico de Curitiba-PR acompanhados de um morador local representa uma boa, agradável e válida experiência, a qual proporciona momentos de lazer e conhecimento sobre a cidade (em que se mora ou visita) como um todo, e não somente sobre o recorte de espaço urbano visitado. Mesmo ocorrendo percepções diferentes e algumas vezes contraditórias entre os participantes, a maioria considerou que o centro histórico visitado propiciou uma caminhada proveitosa, segura, confortável e interessante, corroborando os grupos de elementos apresentados por Speck (2016).



Da mesma forma, em grande parte das respostas foram realizados apontamentos positivos quanto ao tamanho das quadras (distâncias entre os pontos de parada e distância total percorrida/duração do roteiro), à existência de prédios antigos e modernos ao longo do caminho (de forma contrastante, porém harmoniosa) e à concentração e movimentação de pessoas no centro da cidade (que muitos participantes consideraram ter colaborado para um melhor aproveitamento do *tour*, sem muitas interferências durante as paradas). Esses elementos, por sua vez, relacionados à diversidade dos usos do espaço urbano correspondem ao que foi exposto por Jacobs (2011).

No tocante às paisagens cultural e urbana percebidas pelos respondentes, a partir da observação, constatação e registros fotográficos de pontos marcantes ao longo da caminhada, verificou-se que alguns locais se sobressaíram em relação a outros e que isso se deu, principalmente, pela presença e explanação dos condutores quanto à história e as curiosidades referentes a esses locais, representados por monumentos (Estátuas Maria Lata D'Água e Cacique Tindiquera), limites (Painéis do Poty), igrejas e prédios históricos (Catedral Basílica Menor, Paço da Liberdade e Palácio Garibaldi), entre outros. Essa explanação desencadeou, conforme mencionado pelos participantes (tanto moradores quanto turistas), o surgimento de emoções e sentimentos para com os locais visitados, transformando-os em lugar (de acordo com o conceito de Tuan [2013]) e despertando a sensação de pertencimento, além de concordar com os indicadores de “agradabilidade estética” e “paisagem construída”, expostos por Castrogiovanni (2001).

Com relação a isso, vale relembrar também o conceito de topofilia (TUAN, 2012) e topofobia (NOGUÉ, 2007), que indicam a criação de sentimentos afetivos e aversivos, respectivamente, entre as pessoas e o ambiente frequentado. Nesta pesquisa, quanto ao caminhar pelo centro histórico de Curitiba-PR, foram relatados tanto sensações boas (de tranquilidade, beleza, harmonia, segurança) quanto ruins (mais relacionadas à sensação de insegurança em determinados pontos do trajeto), porém as boas foram sobressalentes, indicando um ponto positivo da atividade.

Quanto a outros aspectos observados, vale ressaltar que em alguns momentos durante a aplicação da pesquisa houve interrupções e/ou intervenções inesperadas, como abordagem de moradores de rua ou vendedores ambulantes, porém foram situações que não comprometeram o andamento das entrevistas de grupo. Houve também abordagem de um funcionário de um estabelecimento

comercial, na frente do qual estava sendo realizada a pesquisa naquele dia, devido ao mal tempo, que pediu para o grupo se deslocar a uma distância que não atrapalhasse o acesso ao estabelecimento em questão; este episódio também não comprometeu o andamento da entrevista, mas causou uma situação um pouco desconfortável aos participantes e à pesquisadora.

Além disso, também se considera o fato de alguns participantes terem feito perguntas ao condutor ao longo da caminhada e foi possível observar a integração dos participantes durante as entrevistas de grupo, com interrupções e discussões positivas entre eles, além do surgimento de comentários sobre suas cidades de origem e outros destinos visitados. Este fato chamou a atenção visto que, no momento da entrevista, os respondentes automaticamente passavam a utilizar outros lugares e/ou situações que já haviam vivenciado como parâmetros de comparação com o que haviam conhecido naquele momento, ao final do *tour*.

Estas comparações, além da cidade de origem dos participantes, correspondiam a outros *Free Walking Tours* que mencionaram ter participado dentro e/ou fora do Brasil, elencando algumas similaridades e diferenças. Neste quesito, os participantes consideraram que o Curitiba *Free Walking Tour* possibilitou a eles ter uma visão geral sobre o centro histórico, visto que há uma concentração maior de elementos físicos perceptíveis numa distância menor de trajeto, quando comparado a outros *tours*, em que a distância percorrida é maior e conseqüentemente exige mais esforço por parte dos caminhantes, além de as paradas serem mais rápidas e às vezes ter muito barulho, dificultando escutar as informações que são passadas.

Além disso, enquanto outros projetos acabam por oferecer mais de uma opção de roteiro, o CFWT disponibiliza apenas um, o que, por um lado, alguns participantes consideraram um ponto positivo (por possibilitar o conhecimento de uma região histórica, arquitetônica e culturalmente diversificada de forma completa) e, por outro, gostariam que houvesse outras opções de roteiro, mas também entendem que isso demandaria uma quantidade maior de pessoas e recursos. Ainda assim, quanto ao CFWT, cabe mencionar que os caminhantes elogiaram a forma como a caminhada é conduzida, como os elementos são apresentados e como a história é contada, promovendo muitas vezes uma reflexão quanto aos momentos históricos que foram importantes para o desenvolvimento e crescimento da cidade, a partir do ponto de vista de quem mora e vive nela todos os dias.

Por fim, como forma de reconhecimento do Projeto, cita-se dois depoimentos de participantes turistas que demonstraram suas percepções e experiências após a realização do passeio:

“O *Free Walking Tour* em Curitiba é uma belíssima iniciativa para que conheçamos o Centro Histórico com um morador e apreciador e amante da cidade. Nós adoramos”. (S., 2018). (Grifo da autora).

“O Curitiba *Free Walking Tour* é uma iniciativa espetacular e muito bem organizado e manejado. O [conductor] foi muito atencioso e preparado, sendo que enriqueceu muito minha visão e percepção da cidade. Através da caminhada, acredito que as pessoas se sintam mais parte da cidade e mais envolvidas com a história por trás dela”. (V., 2018). (Grifo da autora).

## 6 CONCLUSÕES

A partir da realização de pesquisas bibliográficas em livros, teses, dissertações e periódicos não só da área de Turismo, como também da Arquitetura e Urbanismo e da Geografia, além de outras áreas correlatas que se permitem estudar o homem, o espaço urbano e as relações aí existentes, foi possível ampliar a visão sobre o mundo e a forma como ocorrem essas trocas. Além disso, possibilitou-se a expansão do conhecimento não só a âmbito local como também mundial, visto que muitas obras apresentam os resultados de pesquisas desenvolvidas em diversas cidades, tanto nacionais quanto estrangeiras.

Foram abordados neste trabalho conceitos relacionados ao espaço urbano, à paisagem, à percepção, à experiência, entre outros, demonstrando as dificuldades em se trabalhar com objetos de estudo subjetivos e evidenciando as possibilidades de o turismo estimular a utilização dos sentidos tanto de moradores quanto de turistas, além de despertar sensações e emoções variadas. Outro aspecto estudado foi em relação à capacidade do homem em perceber e sentir o espaço urbano e se emocionar com determinadas experiências e lembranças trazidas por uma determinada imagem, um objeto, um som. Enfim, percepções e sensações em geral acarretadas por um turismo preocupado com as pessoas e capaz de ressaltar o lado subjetivo das paisagens e dos lugares, procurando gerar uma experiência nova àqueles que desejam viver as cidades em sua totalidade.

No que diz respeito à relação que pode ser estabelecida entre moradores, turistas e espaço urbano, observou-se a partir desta pesquisa que as possibilidades são várias e estão à disposição daqueles que querem vivenciar o espaço em que vivem ou que visitam a partir de outras perspectivas, seja por meio da utilização dos sentidos, seja no contato com a cultura e os moradores locais (no caso dos turistas), seja saindo à deriva pela cidade em que mora, buscando observar detalhes, conhecer histórias e pessoas, admirar paisagens antes despercebidas, apenas com o intuito de flunar despreziosamente pelo espaço urbano. Mais especificamente se tratando do Projeto Curitiba *Free Walking Tour*, a partir dos dados obtidos com as entrevistas de grupo e a observação participante, foi possível perceber que, tanto durante quanto após a realização da caminhada, moradores e turistas estabeleceram com o centro histórico da cidade relações muito mais efetivas e

subjetivas do que quando a iniciaram, haja vista a satisfação e surpresa que demonstravam na medida em que transitavam pela região.

Assim, conforme afirma a terceira hipótese, os turistas, por trazerem seu olhar “estrangeiro”, externo ao destino, conseguem estabelecer relações mais agradáveis e positivas com o espaço urbano visitado. Isto se confirma a partir do momento em que os participantes passaram a desenvolver ou criar memórias afetivas com determinados locais da caminhada ou a comparar suas cidades de origem com a cidade de Curitiba (PR), depositando mais adjetivos e elogios a esta do que à qual eles mesmos habitam.

Com relação a isso, e a partir dos dados obtidos durante a realização de entrevista com Coutinho (2018), observou-se o fato de que turistas e moradores (considerando-se os que participaram da pesquisa) geralmente possuem visões e percepções diferenciadas sobre o mesmo espaço urbano, ou seja, enquanto os turistas, de acordo com as reflexões teóricas realizadas neste trabalho, por se encontrarem em um ambiente diferente do habitual (que no caso seriam suas cidades de origem) e por trazerem consigo esse “olhar estrangeiro”, que anseia pelo que é novo, conseguem mais rapidamente se sentir pertencentes ao local visitado; os moradores, por outro lado, muitas vezes pelo fato de já estarem acostumados com determinados espaços, situações e paisagens, estabelecem relações que se resumem à vida cotidiana (como assuntos relacionados ao trabalho, ao comércio, a sensação de insegurança, de imagens “repetidas”, entre outras).

Coutinho (2018) ainda complementou mencionando que os moradores realmente não conhecem a sua própria cidade e muito menos frequentam seu centro histórico, por diversos motivos (medo, achar que já conhece, porque é caminho para o trabalho e por isso passa pela região todos os dias da semana – não querendo “repetir o trajeto” nos momentos de lazer, etc.). A entrevistada considera este um fato triste, por saber do valor e do potencial que o centro histórico de Curitiba (PR) possui, principalmente para um turismo que se desenvolva de forma responsável, mas que no momento poucas ações estão sendo realizadas para sua melhoria e conservação. Coutinho (2018) menciona que esta situação já melhorou, mas ainda há muito a se fazer.

Nesse sentido, nota-se que o Projeto CFWT vem conseguindo atingir seu objetivo de apresentar o centro histórico da cidade de forma diferenciada a turistas e moradores, evidenciando não somente os pontos positivos como também os

aspectos negativos observados ao longo do trajeto. Quanto a isso, a maioria dos participantes afirmou ter gostado da forma pela qual os condutores realizaram a caminhada, bem como do que foi exposto por eles e que permitiu conhecer fatos antes omitidos ou mesmo desconhecidos sobre a história de desenvolvimento da cidade e também de colonização do estado. Faz-se interessante pensar nesse sentido visto que, mesmo observando o fato de os condutores comentarem sobre questões polêmicas e/ou não tão favoráveis à cidade, ainda assim conseguiram passar uma imagem mais positiva que negativa e, conseqüentemente, permitiram também o estabelecimento de relações mais agradáveis com o local.

A partir dos resultados obtidos, foi possível verificar que a visão é o sentido mais utilizado pelos participantes do Curitiba *Free Walking Tour* para perceber o centro histórico da cidade a partir da apresentação de seus elementos físicos, confirmando a primeira hipótese mencionada na Introdução deste trabalho. Com relação a isto, vê-se que se faz necessário elaborar outros mecanismos de percepção que utilizem e/ou ampliem os demais sentidos humanos, de forma a estimular os usuários do espaço urbano a percebê-lo de outras maneiras, como a partir do toque em uma calçada ou edifício, da possibilidade de fechar os olhos e ampliar o sentido da audição ou do olfato, por exemplo.

Experiências semelhantes são incentivadas e praticadas pelo Projeto Sentidos Urbanos<sup>8</sup>, o qual promove o reconhecimento e revalorização do espaço urbano da cidade de Ouro Preto (MG), pelos seus moradores, com o intuito de resgatar o sentimento de pertencimento e afeto ao lugar; para tanto, são realizados roteiros pela cidade que induzem os participantes a utilizarem praticamente todos os sentidos a fim de perceber o espaço como um todo, seja por meio dos chamados alteradores de visão (por exemplo, ao olhar a paisagem por um círculo, com um olho só), seja andando descalço ou de olhos vendados pelas ruas e calçadas da cidade.

Com relação à legibilidade (LYNCH, 1996) do centro histórico de Curitiba (PR), verificou-se que, a partir da apresentação e do reconhecimento dos elementos e componentes que coexistem neste espaço urbano, torna-se possível realizar sua “leitura” e interpretação, visto que estes elementos estão dispostos de forma organizada e de fácil visualização. Porém, cabe ressaltar que alguns componentes acabam por ser “lidos” e compreendidos apenas de forma superficial, visto que

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://programasentidosurbanos.blogspot.com.br/>>. Acesso em 19 Fev. 2018.



muitas vezes faltam informações complementares principalmente no que diz respeito aos pontos marcantes, os quais também acabam representando atrativos turísticos e de lazer que interessam a turistas e moradores.

Nesse caso, observou-se também que, no CFWT, a presença e influência do condutor foi outro resultado percebido com clareza e mencionado pelos participantes como algo importante e fundamental para conhecer, observar e perceber de fato os detalhes existentes ao longo do caminho, demonstrando o fato de que a cidade necessita de mais aparatos e materiais interessantes para estimular moradores e visitantes a desbravá-la, a sentir curiosidade em conhecer sua história, sua memória, seu passado. Para os moradores este estímulo deveria ser ainda mais trabalhado, visto que os que participaram da pesquisa mencionaram que antes de fazê-la não conheciam por completo os atrativos, as histórias dos monumentos, e não imaginavam que Curitiba tinha tanto a mostrar e contar.

Neste sentido é possível confirmar também a segunda hipótese deste trabalho, que diz respeito à insegurança dos moradores em transitar pelo centro histórico da cidade, ocasionando uma relação superficial com este espaço. A partir dos resultados, além da participação dos moradores ser menor em relação a dos turistas, observou-se que os moradores realmente não se sentem completamente seguros ao caminhar pela região, principalmente durante a noite, quando há maior concentração de moradores de rua. Este fato, por conseguinte, acaba por impossibilitar o estabelecimento de uma relação mais completa e profunda com o meio, fazendo com que o usuário se afaste dele ao invés de aproximá-lo. Cabe citar que há iniciativas sendo realizadas pela Associação Empresarial do Centro Histórico, como a realização de eventos temáticos, promoções e demais ações que visam à ocupação do centro histórico da cidade principalmente pelos seus moradores, porém ainda se percebe a aversão de alguns habitantes em relação à região.

Porém, por meio da observação da pesquisadora durante a caminhada, foi possível verificar que esta aversão (relacionada ao conceito de topofobia de Tuan [2012] e Nogué [2007]) vem se modificando, visto que os moradores que participaram da caminhada passaram a ter, após realizá-la, uma imagem e percepção mais positivas do centro histórico em relação à imagem anterior, como se uma barreira tivesse sido quebrada entre o morador e este espaço. Esta situação relembra também o conceito de imaginabilidade apresentado por Lynch (1996),

ressaltando-se que tanto turistas quanto moradores tiveram as imagens da cidade e de seu centro histórico alteradas após participarem da caminhada e conhecerem melhor seus elementos. Portanto, iniciativas como a do CFWT são interessantes e devem ser levadas em conta, seja para conhecer melhor sua própria cidade, seja para visitar e se relacionar com outro destino.

No geral, observa-se que a pesquisa se realizou de forma tranquila, considerando-se que a equipe de condutores voluntários foi solícita em relação à participação da pesquisadora nas caminhadas e quanto à aplicação dos instrumentos de coleta de dados, além de estarem disponíveis durante todo o período de pesquisa, sanando dúvidas, atualizando informações, realizando os passeios, enfim, quanto a esta questão pode-se dizer que a pesquisa fluiu de maneira ideal. Alguns empecilhos quanto ao clima, à agenda, a participantes que tinham outros compromissos e não podiam responder a pesquisa ao final da caminhada aconteceram, porém não representaram interrupções no andamento da coleta de dados e no desenvolvimento do trabalho.

Quanto aos assuntos desenvolvidos ao longo do marco teórico da presente pesquisa não houve a pretensão de esgotar o assunto, visto que autores de diversas áreas se dedicam ao estudo e escrevem sobre, por exemplo, os conceitos de percepção, experiência, sentidos, imagem, paisagem; e esta pesquisa se delimitou a utilizar apenas alguns destes autores.

Portanto, é válido lembrar e mesmo sugerir que outras pesquisas que pretendem estudar a relação do homem com seu meio, considerando-se os conceitos aqui trabalhados, podem ampliar as temáticas de estudo no que diz respeito à inserção de aspectos psicológicos, antropológicos e sociológicos. Também se sugere, para pesquisas futuras, a ampliação da área de estudo aqui trabalhada ou em relação ao público pesquisado.

Também vale ressaltar que, além dos '*Free Walking Tours*' tradicionais, neste formato, existem outros projetos e roteiros que também possuem como objetivo apresentar a cidade de forma mais autêntica a moradores e turistas, porém com algumas diferenças em relação aos conteúdos e metodologias, como por exemplo, os Roteiros Geo-turísticos realizados em Belém (PA) e Porto Nacional (TO).

Isto evidencia a importância da contínua realização de pesquisas que levem em conta o ponto de vista das pessoas, dos próprios atores que vivem a cidade, o espaço urbano, os centros históricos. E, assim como colaboram, influenciam e

interagem em sua dinâmica, também são influenciadas pelo meio, bem como por diversos elementos que instigam e estimulam a visão e percepção do todo, a partir da criação e formação de desenhos, imagens, paisagens e imaginários.

Estudar o espaço urbano se revelou algo desafiador, seja pela quantidade de estudos existentes que abordam o tema (ainda que com outra finalidade) seja pela sua complexidade e dinamicidade. Ainda assim, espera-se, com esta pesquisa, contribuir para a continuidade do desenvolvimento de estudos sobre as cidades e seus centros históricos, interligando áreas do conhecimento e promovendo a inter e multidisciplinaridade, cada vez mais importante de se considerar, haja vista a pluralidade e abrangência da atividade turística em relação a outras áreas.

Deste modo, conclui-se que o centro histórico de uma cidade tem o poder de estimular os sentidos humanos a partir de uma caminhada, por meio da utilização de estímulos externos (do ambiente), influenciando, assim, a percepção do espaço urbano.

## REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 2004.
- AMORIM FILHO, O.B. Topofilia, Topofobia e Topocídeo em Minas Gerais. In: RIO, V. del.; OLIVEIRA, L. de. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1996.
- ANDREOTTI, G. **Paisagens culturais**. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2013.
- ARNHEIM, R. **Arte & percepção visual: uma psicologia da visão criadora : nova versão**. São Paulo: Cengage Learning, 1980.
- AUGÉ, M. **El viaje imposible: el turismo e suas imágenes**. Barcelona: Fedisa, 1992.
- AUSTIN, J. L. **Sentido e percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAHL, M. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.
- BAHL, M.; NITSCHKE, L. B. Roteiros e itinerários turísticos como elementos dinâmicos no desenvolvimento regional do turismo. In: RAMOS, S. P. **Planejamento de roteiros turísticos**. Porto Alegre: Asterisco, 2012.
- BANDEIRA, M. B. V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR). Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina. Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 2008. **Imaginário: ressignificando a cidade para o turismo**. Disponível em:  
<[http://www.uces.br/ucs/tpl/SeminTur%20eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_5/trabalhos/arquivos/gt09-12.pdf](http://www.uces.br/ucs/tpl/SeminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt09-12.pdf)> Acesso em: Set. 2017.
- BARREIRA, I. **Cidades narradas: memória, representações e práticas de turismo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- BARROS, A. J. P. de; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de Metodologia: um guia para a iniciação científica**. 2 ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BARTHES, R. **Reflections on Photography**. New York: Hill and Wang, 1996.
- BRAMBATTI, L. E. (org.). **Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico**. Porto Alegre: EST Edições, 2002.
- BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Tradução: Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BOULLÓN, R. C. **Atividades turísticas e recreativas**: o homem como protagonista. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BURNS, P. M. **Turismo e antropologia**: uma introdução. São Paulo: Chronos, 2002.

CAMARGO, G. L. V. de. Esculturas públicas em Curitiba e a estética autoritária. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, n. 25, p. 63-82, nov. 2005.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1996.

\_\_\_\_\_. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: <[http://www.gesp.ffiich.usp.br/sites/gesp.ffiich.usp.br/files/O\\_lugar\\_no\\_do\\_mundo.pdf](http://www.gesp.ffiich.usp.br/sites/gesp.ffiich.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf)>. Acesso em Jan. 2018.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: <[http://gesp.ffiich.usp.br/sites/gesp.ffiich.usp.br/files/Espaco\\_urbano.pdf](http://gesp.ffiich.usp.br/sites/gesp.ffiich.usp.br/files/Espaco_urbano.pdf)>. Acesso em Jan. 2018.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2001.

**CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA**. Disponível em: <<http://www.centrohistoricodecuritiba.com.br/>> Acesso em Jan. 2018.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHEMIN, M. **Cidade e turismo**: os recursos histórico-culturais da paisagem na composição do espaço turístico da cidade de Ponta Grossa - PR. Dissertação de Mestrado em Turismo. Balneário Camboriú: UNIVALI, 2004.

CHIAVARI, M. P.; CARVALHO, V. A. de. Morar no centro da cidade do Rio de Janeiro. In: SÁ, C. (orgs.). **Olhar urbano, olhar humano**. São Paulo: IBRASA, 1991.

CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagens, texto e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. Editora Ática, Série Princípios, 1995. Resumo disponível em: <<http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/08/Oespaco-urbano.pdf>> Acesso em Jan. 2018.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Paisagens, textos e identidade: uma apresentação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

COSGROVE, D. Mundos de significados: geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

COSTA, C. **Questões de arte: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético**. São Paulo: Moderna, 2001.

COSTA, M. C. S. da; DIGIOVANNI, R. Antropologia, espaço e cidade: um olhar sobre Curitiba. In: SÁ, C. (orgs.). **Olhar urbano, olhar humano**. São Paulo: IBRASA, 1991.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: M. Fontes, 1983.

CURITIBA *FREE WALKING TOUR*. Disponível em:  
<<https://www.curitibafreewalking.com.br/>> Acesso em: Set. 2017.

\_\_\_\_\_. Disponível em:  
<<https://www.facebook.com/tourcuritibafreewalking/>> Acesso em: Set. 2017.

CURTA CURITIBA. **Setor Histórico**. Disponível em:  
<<http://curtacuritiba.com.br/guia/setor-historico/>>. Acesso em Fev. 2018.

CUSTÓDIO, R. B. **A Influência das intervenções urbanísticas na atividade turística da cidade de Curitiba**. Curitiba: PPGTU/PUC-PR. (Especialização), 2006.

DAY, R. H. **Psicologia da percepção**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.

DENCKER, A. de F. M. **Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo: Futura, 1998.

DUNCAN, J. Após a Guerra Civil: reconstruindo a geografia cultural como heterotopia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

EHRENZWEIG, A. **Psicanálise da percepção artística: uma introdução à teoria da Percepção Inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FERRARA, L. D. As cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania. In: RIO, V. del; OLIVEIRA, L. de. (orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1996.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. Disponível em:  
<<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/>> Acesso em Jan. 2018.

GASTAL, S. de A. **Imagem, paisagem e turismo: a construção do olhar romântico**. 2010. Disponível em:



<[http://www.pasosonline.org/Publicados/11313special/PS0313\\_12.pdf](http://www.pasosonline.org/Publicados/11313special/PS0313_12.pdf)>. Acesso em Jun. 2017.

GASTAL, S. de A. O produto cidade: caminhos de cultura, caminhos de turismo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, p. 33-42, 2001.

GEHL, J. **La humanización del espacio urbano: la vida social entre los edificios**. Barcelona: Reverte, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2009.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOODEY, B. Turismo cultural: novos viajantes, novas descobertas. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. Olhar múltiplo na interpretação de lugares. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

GOODEY, B. **Geografia do comportamento e da percepção**. Belo Horizonte: IGC/UFMG, 1986.

GUIA GEOGRÁFICO DE CURITIBA. **Centro Histórico**. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/setor-historico.htm>>. Acesso em Fev. 2018.

HORA, A. S. S. da; CAVALCANTI, K. B. Turismo pedagógico: conversão e reconversão do olhar. In: REJOWSKI, M.; COSTA, B. K. (orgs.). **Turismo contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão**. São Paulo: Atlas, 2003.

**INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC)**. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/default.php>> Acesso em Jul. 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Paisagem cultural**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/899/>> Acesso em Jul. 2017.

**INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN)**. Portaria nº 127 de 30/04/2009. Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira.

INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO. **Setor Histórico**. Disponível em: <<http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/>> Acesso em Jan. 2018.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

KOZEL, S.; SILVA, J. D. C.; GIL FILHO, S. F. **Da percepção e cognição à representação**: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

LIDWELL, W. **Princípios universais do design**: 125 maneiras de aprimorar a usabilidade, influenciar a percepção, aumentar o apelo e ensinar por meio do design. Porto Alegre: Bookman, 2010.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1996.

MAGALHÃES FILHO, F. S.; OLIVEIRA, I. J. de. A utilização de mapas mentais na percepção da paisagem cultural da cidade de Goiás/GO. **Cultur - Revista de Cultura e Turismo**. Ilhéus (BA), v. 7, n. 3, p. 31-45, 2013. Disponível em: <<http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano7-edicao3/2.pdf>>. Acesso em Jun. 2017.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

MINAYO, M. C. S. (ORG.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

MONASTIRSKY, L. B. **Cidade e ferrovia**: a mitificação do pátio central da RFFSA em Ponta Grossa. Dissertação de Mestrado em Geografia. Florianópolis: Centro de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

NITSCHKE, L. B. **Desvendando o espaço vivido da comunidade de Guajuvira e sua relação com o turismo, em Araucária, Paraná (PR)**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/28041>>. Acesso em Fev. 2018.

NOGUÉ, J. **La construcción social del paisaje**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2007.

OLIVEIRA, S. B. C. de; FROTA, J. A. D. Cidade / Preservação / Alegoria: três discursos + uma curta reflexão. **Revista Fórum Patrimônio**: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável. Belo Horizonte (MG), v. 9, n. 2, 2016.

OLIVEIRA, L. de. Percepção e Representação do Espaço Geográfico. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de (org.). **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: UFSCar, 1996.

PAIVA, M. G. de M. **Sociologia do turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011. Disponível em: <[http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/P/PALLASMAA\\_Juhani/Os\\_Olhos\\_Pele/Liberado/Iniciais.pdf](http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/P/PALLASMAA_Juhani/Os_Olhos_Pele/Liberado/Iniciais.pdf)>. Acesso em Jan. 2018.

PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. (org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc1\\_PaisagemCultural\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc1_PaisagemCultural_m.pdf)>. Acesso em Jan. 2018.

RIO, V. del; OLIVEIRA, L. de. (orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1996.

ROSENDAHL, Z. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SÁ, C. Reflexões sobre a construção do espaço. In: SÁ, C. (orgs.). **Olhar urbano, olhar humano**. São Paulo: IBRASA, 1991.

SANTANA, A. **Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações**. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

**SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA**. Disponível em: <<http://www.cultura.pr.gov.br/>> Acesso em Jul. 2017.

SERPA, A. **Percepção e fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar**. Rio Claro/SP: OLAM-Ciência & Tecnologia, 2001.

SEVERO, C. **Mais de 80 passeios gratuitos pelo mundo (2014)**. Disponível em: <<https://www.mochileiros.com/blog/free-walking-tours-mais-de-80-passeios-gratuitos-pelo-mundo/>>. Acesso em Fev. 2018.

SILVA, A. **Imagínarios urbanos**. Bogotá, Colombia: Arango Editores, 2005.

SILVA, M. da G. L. da. A imagem da cidade turística: promoção de paisagens e de identidades culturais. **Revista Arquitectos**. S. I., ano 05, 2004. Disponível em:

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/543>>. Acesso em Mar. 2018.

SIVIERO, A. P. **Os elementos do espaço turístico urbano no processo de planejamento**: uma análise da área central de Curitiba / PR. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/2354>>. Acesso em Fev. 2018.

SPECK, J. **Cidade caminhável**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

TRINDADE, E. M. de C. **Cidade, homem e natureza**: uma história das políticas ambientais de Curitiba. Curitiba: Unilivre, 1997.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

\_\_\_\_\_. **Paisagens do medo**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

URRY, J. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. Temas da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia cultural**: um século (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

WAINBERG, J. Cidades como sites de excitação turística. In: CASTROGIOVANNI, A.C. **Turismo Urbano**. São Paulo: Contexto, 2001.

WANDERLEY, V.; MENÊZES, E. Do espaço ao lugar: uma viagem ao sertão brasileiro. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de (org.). **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: UFSCar, 1996.

WUGGENIG, U. **Die Photobefragung als projektives Verfahren**. Angewandte Sozialforschung, 1990.

YÁZIGI, E. (orgs.). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Editora HUCITEC, 1995.

\_\_\_\_\_. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.

YÁZIGI, E. (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **Civilização urbana, planejamento e turismo**: discípulos do amanhecer. São Paulo: Contexto, 2003.

## Entrevistados

### **Idealizadora do Projeto Curitiba *Free Walking Tour*:**

COUTINHO, H. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 09/02/2018.

### **Participantes do Projeto Curitiba *Free Walking Tour*:**

C. A. L. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 23/12/2017.

C. N. L. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 23/12/2017.

K. A. E. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 16/12/2017.

L. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 09/12/2017.

L. A. C. A. B. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 16/12/2017.

M. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 10/02/2018.

M. H. de F. M. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 22/12/2017.

N. D. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 09/12/2017.

S. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 09/12/2017.

S. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 10/02/2018.

S. B. B. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 02/12/2017.

S. D. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 16/12/2017.

S. G. H. C. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 09/12/2017.

S. N. P. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 23/12/2017.

S. R. O. S. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 10/02/2018.

V. A. O. Entrevista concedida a Larissa Dias Marques em 10/02/2018.

## APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA REALIZADA COM OS PARTICIPANTES DO CURITIBA *FREE WALKING TOUR*

Olá, participante do Curitiba *Free Walking Tour*!

Meu nome é Larissa Dias Marques, sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo pela Universidade Federal do Paraná, e, com o intuito de coletar dados para minha pesquisa, venho acompanhando as caminhadas realizadas pelos voluntários do Curitiba *Free Walking Tour* pelas ruas do centro histórico de Curitiba, e convidando os participantes a responder algumas questões sobre o passeio.

A pesquisa tem como objetivo coletar dados referentes tanto a percepção que vocês (participantes) tiveram ao longo da caminhada, em relação a região visitada, quanto a própria experiência de caminhar pela cidade, considerando-se todos os elementos perceptíveis ao longo do caminho (prédios antigos, modernos, estrutura das calçadas, movimento, comércio, barulho, segurança, mobiliário urbano, entre outros).

Se houver alguma dúvida ou questionamento, estarei à disposição para solucioná-las (pelo e-mail ou pelo celular).

Desde já agradeço pela sua participação e disponibilidade em responder as questões a seguir.

- 1) Gostaria primeiramente, por favor, que se identificasse escrevendo seu nome (não precisa ser completo), idade, formação, ocupação profissional atual e de qual cidade/estado é:
- 2) Como ficou sabendo do Curitiba *Free Walking Tour*?
- 3) Primeira vez que esteve em Curitiba?
- 4) Mesmo sendo a primeira vez (ou não) na cidade, durante a sua estadia e antes de fazer o *Free Walking Tour*, já havia conhecido algum ou alguns dos pontos visitados durante a caminhada? Se sim, quais?



- 5) Considerando todo o trajeto percorrido e tudo o que pôde ser observado a partir da condução dos mediadores (como por exemplo, prédios históricos, prédios novos, monumentos, curiosidades, limpeza/aparência das ruas, entre outros detalhes), qual foi a sua percepção do centro histórico como um todo? Correspondeu ao que imaginava? Observou detalhes que passariam despercebidos caso visitassem o local sem a explanação de um condutor?
- 6) Considerando a caminhada em si (calçadas, atravessar as ruas, concentração de pessoas, carros, comércio, comprimento das quadras, existência de árvores, entre outros fatores), como foi ou considera sua experiência de caminhar pelo centro histórico? A caminhada foi proveitosa, interessante, confortável, segura?
- 7) Tirou fotos durante a caminhada? Se a resposta for não, pule para a questão 8.

Obs.: Podem ser fotos de monumentos, cenas do cotidiano, algo que chamou sua atenção...

- a. Qual delas foi mais significativa/representativa para você?
- b. Poderia me enviar a foto que mencionou acima? Para isso, peço que me envie também, por favor, seu nome completo a fim de que eu possa dar os devidos créditos caso a utilize na dissertação. Ela representa uma ferramenta de análise referente a sua percepção visual!

- 8) Caso não tenha tirado fotos, teve algum ponto que considerou marcante no roteiro, que chamou mais a sua atenção? Qual?

Espaço para comentários e sugestões:

Muito obrigada pela sua colaboração e participação!!!

Larissa Dias Marques

## **APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA REALIZADA COM UMA DAS IDEALIZADORAS DO PROJETO CURITIBA *FREE WALKING TOUR***

Temáticas que embasaram a entrevista:

- Histórico do Projeto;
- Objetivos do Projeto;
- Experiências similares;
- Número de voluntários atual;
- Treinamento de novos voluntários;
- Como o roteiro foi planejado;
- Apoios e parcerias;
- Meios de divulgação;
- Percepção sobre o centro histórico de Curitiba (PR);
- Considerações gerais sobre o Projeto.